



ESCOLA SUPERIOR
DE **COMUNICAÇÃO SOCIAL**

**A importância da investigação jornalística para a construção de uma
telenovela sobre desporto**

Transpor as metodologias do real para a ficção

André Filipe Lameiras Rodrigues

Projeto submetido como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Jornalismo

Orientadores:

Professora Doutora Fátima Lopes Cardoso

Professor João Félix

13 de dezembro de 2024

Agradecimentos

À Professora Doutora Fátima Lopes Cardoso e ao Professor Doutor João Félix, por toda a orientação, disponibilidade e apoio durante a concretização deste trabalho.

À Professora Doutora Fernanda Bonacho, à Professora Doutora Maria Inácia Rezola e à Professora Doutora Maria José Mata por terem acreditado no potencial do meu projeto desde o primeiro momento.

Aos meus pais, avós e irmã por me terem acompanhado ao longo desta jornada e durante todo o meu percurso académico.

Aos meus amigos que me ajudaram a concluir este trabalho e a manter uma atitude positiva durante toda a sua execução.

Aos entrevistados aqui referenciados, que despenderam do seu tempo para partilharem o seu conhecimento sobre o contexto mediático do polo aquático.

A todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para este trabalho e não se encontram acima mencionados.

Muito obrigado.

Declaração Anti Plágio

Declaro ser o autor do presente projeto de mestrado, que é uma parte integrante das condições exigidas para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo. Este projeto constitui um trabalho original que nunca foi submetido no seu todo ou em qualquer das partes a outra instituição de ensino superior para obtenção de um grau académico ou outra habilitação.

Certifico também que todas as citações estão devidamente identificadas e acrescento que tenho consciência de que o plágio poderá levar à anulação deste trabalho.

André Rodrigues

(André Filipe Lameiras Rodrigues)

Resumo

O jornalismo e a ficção constroem acontecimentos baseados na realidade e partilham-nos com um público que procura manter-se informado ou entretido, respetivamente. Ambos os formatos têm a capacidade de desempenharem o papel de *agenda setters* por influenciarem e definirem os temas que são debatidos na esfera pública e conceberem «estórias» através das quais veiculam valores culturais da sociedade em que são produzidos.

Através da identificação das semelhanças entre o jornalismo e a ficção, bem como da compreensão dos métodos de produção jornalística é possível apresentar, no final deste trabalho, um projeto de telenovela que se propõe a refletir sobre um fenómeno presente na imprensa desportiva: a hegemonia do futebol e a escassa presença de peças jornalísticas a respeito de modalidades de menor expressão mediática, como é o caso do polo aquático.

Abstract

Journalism and fiction construct events based on reality and share them with an audience that seeks to be informed or entertained, respectively. Both formats have the ability to play the role of *agenda setters* by influencing and defining the topics that are debated in the public sphere and conceive "stories" through which they convey cultural values of the society in which they are produced.

By identifying the similarities between journalism and fiction, as well as understanding the methods of journalistic production, it is possible to present, at the end of this work, a telenovela project that aims to reflect on a phenomenon present in the sports press: the hegemony of soccer and the scarce presence of journalistic pieces about lesser-known sports, such as water polo.

Índice

Introdução	1
Capítulo I – Métodos e técnicas de produção jornalística	4
O acontecimento – Da previsão à seleção	5
Recolha de informação	8
A construção da notícia	10
Capítulo II – O universo particular do polo aquático.....	14
Capítulo III – A construção da realidade do polo aquático no jornalismo desportivo	19
Metodologias	19
Análise quantitativa – apresentação de resultados	28
Hipótese 1	28
Hipótese 2	47
Hipótese 3	50
Hipótese 4	54
Hipótese 5	58
Hipótese 6	61
Análise quantitativa – Verificação de hipóteses	64
Análise qualitativa – Entrevistas	68
Capítulo IV – Jornalismo e telenovela: os opostos que se atraem	75
Capítulo V – Telenovela “30 segundos”	80
Contexto	80
Conclusão.....	119
Bibliografia.....	122

Introdução

O jornalismo desportivo português remonta a publicações periódicas, especializadas numa única modalidade (caça, tauromaquia ou ginástica) e ao ano de 1870, uma época em que a prática desportiva em Portugal se cingia às elites sociais e reproduzia aquilo que eram as tendências parisienses.

A imprensa desportiva ganhou espaço mediático nos jornais generalistas, diversificou a sua oferta informativa a outras modalidades (ciclismo, automobilismo, vela, luta, entre outros), levando ainda ao aparecimento de novos órgãos de comunicação social especializados, mas também à criação de uma nova subcategoria: a imprensa desportiva generalista, em 1894, na qual se enquadram os atuais jornais *A Bola*, *Record* e *O Jogo*.

Um dos papéis fundamentais desempenhados pela imprensa desportiva portuguesa, independentemente de ser generalista ou especializada, residiu no facto de se tornar, no início do século XX, uma ferramenta propagandística para promover a prática desportiva. Apesar de surgirem vários periódicos sobre desporto, esta atividade ainda era vista como exclusiva aos nobres e burgueses. Neste período, sentiu-se necessidade de democratizar a imprensa especializada para que estas publicações pudessem perdurar e prosperar. “O futebol, dada a simplicidade das regras e do equipamento necessário (bastava um terreno baldio, uma bola e duas balizas improvisadas), foi apontado como a modalidade desportiva adequada para essa democratização (...)” (Pinheiro 2009, p. 108).

Atualmente, o jornalismo, atividade que sacraliza a verdade e a objetividade dos factos, é muitas vezes acusado de estar a perder o seu carácter pluralista, em prol da sustentabilidade financeira dos meios de comunicação. Este fenómeno parece ser particularmente evidente no jornalismo desportivo, em que o futebol lidera a atenção mediática, secundarizando a cobertura jornalística de outras modalidades. Uma vez que os meios de comunicação têm a capacidade de influenciar a perceção que o público tem da realidade e até as suas preferências, outras atividades desportivas são menos procuradas e, muitas vezes, surgem associadas a fenómenos de nicho ou de elites.

Curiosamente, e ao contrário do que muitos pressupõem, o polo aquático é, segundo o autor José Lopes (1989), a segunda modalidade coletiva a aparecer em Portugal

a seguir ao futebol. No entanto, na atualidade, é um dos desportos que parece esquecido aos olhos do jornalismo desportivo português, ao contrário do que aconteceu na primeira metade do século XX, especificamente, entre 1907 e 1952, em que, como refere o mesmo autor, a modalidade ocupava espaço editorial considerável, em Portugal. No presente, as poucas notícias a respeito desta modalidade, como fica comprovado na análise desenvolvida, dizem respeito a escândalos nos cais das piscinas ou referências indiretas às provas dos Jogos Olímpicos.

No sentido de compreender e caracterizar a cobertura mediática do polo aquático na imprensa desportiva portuguesa, procedeu-se a uma análise quantitativa das notícias publicadas, em ambiente digital, pelos órgãos de comunicação *O Jogo*, *A Bola*, *Record*, *Zero Zero*, *Mais Futebol*, *Golo FM* e *Chlorus*, ao longo de três anos, entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2022. As peças jornalísticas contempladas no último mês de análise foram comparadas com as divulgadas em ambiente digital por alguns jornais europeus, selecionados aleatoriamente com base nos países com maior número de vitórias nos campeonatos europeus de polo aquático, organizados pela *LEN*. São eles *Nemzeti Sport* (Hungria), *Sport* (Espanha), *Sport Express* (Rússia), *Fos* (Grécia), *Gazzetta* (Itália) e *24 Sata* (Croácia). Este levantamento levou em consideração alguns dos critérios de noticiabilidade propostos por Nelson Traquina (2002), assim como o carácter geográfico e o género das equipas sobre as quais versavam as notícias, destacando diferentes construções mediáticas de uma mesma modalidade.

Considerando os métodos de produção jornalística em vigor na imprensa desportiva portuguesa, revisitados através de revisão bibliográfica, assim como através de realização de entrevistas com jornalistas de alguns dos órgãos portugueses analisados, os resultados obtidos com a análise quantitativa das notícias refletem a repercussão do papel do polo aquático na cultura do país. No sentido de acrescentar algum saber a um tema que não tem merecido a atenção dos estudos na área de média e jornalismo, propõe-se, nestas páginas, apresentar um projeto que contribua, de alguma forma, para clarificar alguns tópicos referentes à integração da modalidade desportiva em questão, na agenda mediática dos portugueses.

A par com o jornalismo, a ficção é também responsável pelo fenómeno do *agenda setting*, uma vez que ambos possuem a capacidade de definir e modificar os temas que são debatidos na sociedade em que se produzem. Um exemplo claro de como a cultura é

influenciada pela ficção é o fenómeno Formula 1, que, graças à exibição da série da Netflix *Formula 1: Drive to Survive*, passou a receber o mesmo estatuto que o futsal ou o handebol nos órgãos de jornalismo desportivo portugueses.

A telenovela, que continua a ser a escolha primordial dos canais generalistas portugueses para o horário nobre, é o formato escolhido para o projeto que se apresenta no último capítulo da presente dissertação. Esta escolha prende-se ainda com o facto de ser o formato de ficção mais popular e que procura uma construção o mais fidedigna possível da realidade, embora os acontecimentos nela retratados possam não ter uma correspondência direta com a mesma, ao contrário do que acontece no campo jornalístico, tal como vai ser discutido no capítulo que antecede a apresentação do projeto.

“30 Segundos” aborda a relação (in)existente entre o polo aquático e o jornalismo, tecendo uma crítica em torno dos desafios de noticiar a modalidade nos meios de comunicação portugueses, com o objetivo de desconstruir alguns dos princípios da atividade jornalística, tornando-a mais permeável e equitativa na abordagem realizada às modalidades desportivas. Ao longo de 90 episódios, acompanha-se de perto a vida de Bruna, uma atleta de polo aquático que pretende vingar como jornalista desportiva, escrevendo notícias sobre a sua modalidade preferida, mesmo que isso implique expor alguns segredos que circulam no cais da piscina e que podem prejudicar a carreira como atleta.

Capítulo I – Métodos e técnicas de produção jornalística

A cadeia de produção jornalística obedece a processos, etapas e critérios que permitem aos profissionais responderem à demanda do público por informação atualizada ao minuto sobre diversos temas. Ao longo deste capítulo, o escrutínio que é realizado nas várias etapas desta cadeia de produção parte do princípio de que as notícias são uma construção da realidade, tal como defendido por Roscho (1975), Tuchman (1978) ou Schlesinger (1978).

A teoria construtivista das notícias assume a possibilidade de se relatar um mesmo acontecimento de diversas maneiras, ao passo que os jornalistas, na tentativa de justificarem a sua existência enquanto produtores da verdade absoluta dos factos, defendem que apenas um desses relatos apresenta os acontecimentos de forma objetiva. Para ajudar a complexa e rápida elaboração das notícias, os jornalistas apropriam-se de critérios de noticiabilidade, um “(...) conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento ou um assunto são suscetíveis de se tornar notícia (...)” (Traquina, 2002, p.173). Estes critérios estão presentes durante as várias etapas da produção jornalística – seleção de acontecimentos, recolha de informação e construção da notícia propriamente dita. –, fator que motivou a necessidade de os identificar e compreender.

Wolf (1987) sugeriu uma classificação para estes critérios, dividindo-os em valores de seleção, subdivididos em critérios substantivos (morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, conflito, infração e inesperado) e contextuais (disponibilidade, facilidade, concorrência, visualidade e grelha do noticiário), bem como em valores de construção (simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância). Durante a análise das diferentes etapas de produção, estes mesmos valores serão detalhados, contribuindo para a compreensão de como colaboram com a prática jornalística.

Embora a descrição dos métodos e técnicas de produção jornalística que se segue tenha por base os critérios de Wolf (1987), outros autores, como Harcup & O’Neill (2016), acrescentam ainda a esta lista outros dois critérios, tais como *shareability* e *entertainment* (Harcup & O’Neill, 2016) (tradução livre: compartilhabilidade e entretenimento), que começam a ganhar relevância durante a produção de notícias, devido

ao seu modo atual e mais frequente de consumo que acontece através de plataformas digitais.

Apesar de terem denominações diferentes – a título de exemplo, Wolf (1987) considera o inesperado como um dos valores-notícia, ao passo que Harcup & O’Neill (2016) o rotulam de surpresa -, os autores concordam que os critérios de noticiabilidade são subjetivos, uma vez que a sua hierarquização não é igual para todos os jornalistas e redações, diferindo consoante as linhas editoriais, a própria cultura em que o órgão de comunicação se insere ou ainda o formato (rádio, televisão, jornal, revista, website, etc...) a que se destina.

Sobre um acontecimento passa a ser possível que dois jornalistas o interpretem de maneira distintas, uma vez que, além de serem seres humanos com diferentes experiências e entendimentos sobre o mundo, podem dar primazia a critérios de noticiabilidade desiguais, escolhas que são influenciadas pela própria linha editorial do meio de comunicação onde exercem funções. A observação jornalística do acontecimento fica ainda condicionada pelos elementos que se encaixam nessas convenções e que traduzem a estrutura social, valores e normas aplicáveis a uma sociedade. Tal como explicado por Tuchman (1978), este tipo de elementos são selecionados pelos jornalistas, aquando da construção de uma notícia, para a reprodução do acontecimento que pretendem relatar.

A análise detalhada ao processo de produção jornalística nas várias etapas pretende demonstrar como este é delimitador, sobretudo no que diz respeito a informar o público sobre os acontecimentos que saem fora dos interesses massivos da população, que, aplicado ao jornalismo desportivo, se traduz na escassa produção de notícias sobre modalidades com menor expressão em Portugal, como é o caso do polo aquático.

O acontecimento – Da previsão à seleção

A produção de notícias é um corredor com várias portas, a última das quais dá acesso à grelha de um noticiário, quer seja referente ao jornal, televisão, rádio ou *website*.

Nelson Traquina defendia que o ponto de partida para qualquer notícia é a “perceção, seleção e transformação de uma matéria-prima (os acontecimentos)” (1988, p. 169). Estes percorrem o corredor referido no parágrafo anterior, na ambição de permanecerem nele

até ao fim, jornada que pode ser facilitada ou dificultada pelos *gatekeepers* (White, 1995), jornalistas responsáveis por identificar acontecimentos com potencial para pertencerem ao noticiário que se pretende produzir.

Os *gatekeepers* antecipam a chegada de alguns acontecimentos à primeira porta. Distribuídos por localizações geográficas, organizações ou temas (Tuchman, 1978), os jornalistas, recorrendo a agendas, comunicados de imprensa ou convites para eventos feitos diretamente às redações, identificam acontecimentos que serão merecedores de passarem à segunda porta, ou seja, possíveis de serem noticiados.

Pode ainda dar-se o caso de serem confrontados com um acontecimento imprevisível, cuja identificação só é possível se os restantes acontecimentos foram previstos. Caso contrário, serão todos considerados como imprevisíveis e não se destacam. Como menciona Rodrigues (1993): “Quanto menos provável for [o acontecimento], mais probabilidade tem de se tornar notícia (...)” (p. 27), sobrepondo-se às escolhas que os *gatekeepers* consideraram previamente. Não é obrigatório que assim seja. Um acontecimento imprevisível pode não ter prioridade na hora de se abrirem as primeiras portas. Todos os acontecimentos - previstos ou imprevisíveis - são avaliados segundo critérios substantivos.

Wolf (1987) definiu esses critérios como aqueles que permitem a avaliação dos acontecimentos em termos da sua importância e interesse para serem notícias. Os acontecimentos que corresponderem a um maior número de critérios substantivos estão autorizados a passar para o outro lado da primeira porta.

Para uma melhor compreensão destes critérios, é possível dividi-los em três subconjuntos. O primeiro designa os que dizem respeito aos agentes principais dos acontecimentos. Fazem parte deste subconjunto a morte, uma vez que é influenciado pelo número de sujeitos que morreram num mesmo acontecimento. Quanto maior este número, maior é a probabilidade dos *gatekeepers* permitirem a travessia da primeira porta. O mesmo se aplica ao critério notoriedade, avaliado consoante a posição e o nome da pessoa em torno da qual gira todo o acontecimento. É o caso das personalidades desportivas, como atletas, treinadores, clubes, seleções ou federações, cuja importância acaba por ditar ou não a produção de uma notícia a seu respeito.

O segundo subconjunto atenta no público e nas suas necessidades quando consome informação. É necessário que haja algum tipo de proximidade, seja geográfica ou cultural,

entre o público e o acontecimento, e que se abordem temas com alguma relevância para a vida dos cidadãos.

Falta ainda mencionar os critérios substantivos que se prendem com a (des)ordem do mundo. Acontecimentos dotados de valores-notícia como novidade, com o conseqüente relato de algo novo a respeito desse assunto; conflito, associado a violência física ou simbólica; infração, isto é, a violência, transgressão, escândalo ou crime; e do inesperado, que surpreende os cidadãos e os jornalistas, são acontecimentos extraordinários e merecedores da autorização dos jornalistas para a passagem à próxima porta.

O tempo é também um desses valores-notícia. Embora não se prenda com o fator extraordinário, permite relacionar acontecimentos contemporâneos, ajudando a arrumar o mundo em pequenas caixas de temas – atentados, homenagens, datas comemorativas.

Gaye Tuchman é uma das autoras que defende a teoria interacionista, abordagem que olha para as notícias como o resultado de um processo de interação entre os jornalistas, as fontes e a sociedade, sobretudo, as ideologias dominantes. Segundo esta perspectiva, os jornalistas estão constantemente sob a tirania do tempo e, para lidarem com esse critério, distribuem-se, dentro de uma mesma redação, de acordo com o espaço – por áreas geográficas, organizações, secções dos meios de comunicação – ou o tempo – quantidade de trabalho e altura do dia – com a consequência de não conseguirem atingir o pluralismo, uma vez que as notícias que são produzidas incidem sobre os maiores focos de acontecimentos e aos quais os jornalistas estão atentos.

Para cada acontecimento, os *gatekeepers* da primeira porta atribuem uma pontuação baseada no número de critérios substantivos a que correspondem. Aqueles que tiverem pontuação mais alta são autorizados a atravessar a porta. Ao identificarem os acontecimentos que chegaram mais longe no corredor, os jornalistas aprendem sobre quais devem preferir ou não numa próxima seleção.

Ao atravessarem a primeira porta, os acontecimentos também são transformados – os *gatekeepers* evidenciam o carácter extraordinário dos acontecimentos, na maioria associados aos seus valores-notícia, em vez de realçarem o acontecimento em si. Isto leva a que muitos desses acontecimentos nem sejam os mais importantes para o público compreender o funcionamento da sociedade em que se insere (Hall et. all, 1978).

Recolha de informação

Ao passarem a primeira *gate*, os acontecimentos ficam afetos a novos *gatekeepers*, que avaliam a viabilidade destes atravessarem a próxima porta, fazendo uso dos critérios contextuais definidos por Wolf (1987), condicionando a possibilidade destes chegarem a pertencer à grelha do noticiário.

A avaliação tem em conta a disponibilidade de recursos para a cobertura do acontecimento, assim como a facilidade com que se consegue proceder à sua captação através de imagem, som ou vídeo. Quando a cobertura do acontecimento é dispendioso, este tem menos probabilidade de aparecer nas notícias do que um outro que seja relatado através de um comunicado de imprensa enviado para a redação juntamente com algumas imagens (Harcup & O'Neill, 2016). Devido à falta de recursos, também se pode dar o caso das redações se apropriarem de relatos e conteúdos captados por contas de redes sociais, referenciando os autores dessas mensagens.

Embora contribua para o “jornalismo sentado”, esta forma de recolha de informação constitui também uma via de acesso a acontecimentos exteriores ao território nacional, sem ser necessária a presença de correspondentes da redação noutros países, e garantem ainda que as redações conseguem noticiar esses acontecimentos ao mesmo tempo ou até mesmo antes do que a concorrência.

Os vários órgãos de jornalismo de Portugal têm o hábito de se vigiarem uns aos outros, por isso, é impensável que um *gatekeeper* não deixe passar um acontecimento que esteja a ser noticiado por outros meios de comunicação. Da mesma forma que a previsão de acontecimentos ajuda a fazer ressaltar os imprevisíveis, a confirmação do que a concorrência noticia contribui para a identificação de acontecimentos que tragam uma perspetiva inovadora sobre um determinado tópico. Pode ainda dar-se o caso de, através desta vigilância constante entre órgãos de jornalismo concorrentes, serem identificados casos de plágio, como aconteceu com um texto da autoria do jornalista Vítor Belanciano, do *Público*, que plagiou uma crónica do *El País*. E foi uma jornalista de outro órgão de comunicação que identificou o sucedido e que o denunciou às chefias do jornal, ao mesmo tempo que delatou o caso nas redes sociais e atirou o incidente para o espaço público. O jornalista, que tinha construído uma sólida carreira na área do jornalismo cultural, especificamente na crítica de música, acabou por ser suspenso pela direção do jornal, que

anunciou o desfecho do caso no próprio jornal, a 10 de outubro de 2022 e com ecos na imprensa concorrente.

Mesmo procurando aprofundar certas nuances de acontecimentos atuais, os jornalistas procuram um equilíbrio dos temas que são retratados nos média. Conforme a sua presença mediática, avalia-se a viabilidade da passagem dos acontecimentos à próxima fase de seleção e o modo como estes serão apresentados ao público. Tomando como exemplo o bombardeamento da Crimeia, no contexto da Guerra na Ucrânia, a 23 de junho de 2023, este acontecimento foi explorado de diferentes formas pela RTP e pela CNN. A RTP “pintou” a peça com imagens do local, ao passo que a CNN conversou com Isabel Tavares, especializada em Direito Internacional, sobre o tema, cuja entrevista foi também acompanhada por imagens captadas no local do bombardeamento.

Com mais incidência nos órgãos televisivos e na imprensa escrita, e agora também nas plataformas digitais de jornalismo, é necessária a visualidade do acontecimento, isto é, a capacidade de o retratar através de imagens e gravações de vídeo, um critério que, aliado à qualidade dos conteúdos captados, pode levar à inclusão ou exclusão de um acontecimento no noticiário.

Por último, a composição da grelha noticiosa, também designada pelo dia noticioso, influencia a seleção de acontecimentos. Este critério costuma aliar-se a um dos restantes, uma vez que é na disponibilidade de recursos, visualidade, equilíbrio e concorrência que assenta a justificação para a preferência de um acontecimento em detrimento de outro.

Novamente, os acontecimentos que se alinharem com um maior número de critérios contextuais são os que atravessarão a *gate*. Do outro lado desta porta, os acontecimentos são inspecionados ao ínfimo pormenor, em função do tempo disponível que os jornalistas dispõem para o fazer. É nesta fase que se recorre a fontes de informação que, tal como referido por Pinto (2000), entre as suas várias funções, fornecem informação inédita ou legitimam, credibilizam e confirmam as informações recolhidas; estas fontes podem ser especialistas, relações-públicas, figuras que representam partes interessadas no assunto ou público e permitem traçar os contornos do acontecimento, dentro dos quais este se circunscreve.

O jornalista, responsável por confrontar informações e encontrar o caminho objetivo para o relato de um acontecimento, nem sempre possui os recursos necessários para o

fazer. As fontes de informação não têm o mesmo acesso às redações, assim como nem todos os jornalistas conseguem entrar em contacto com as personalidades que necessitam. Enriquece o trabalho jornalístico, por um lado, pois permite os tais pontos de vista distintos, mas, por outro, dificulta o retrato do acontecimento com exatidão e nas suas diversas vertentes numa só notícia. Como consequência deste método de apreensão do acontecimento, as fontes de informação que estabelecem uma estreita relação com as redações, ou por pertencerem ao círculo de contactos dos jornalistas, conseguem contribuir para mais notícias do que aquelas que têm mais dificuldade em chegar a esta classe laboral.

Embora alguns temas precisem de uma explicação mais sustentada e aprofundada, estes *gatekeepers* estão sujeitos a constrangimentos como tempo, espaço e imposições institucionais que desafiam a prática jornalística (Mesquita, 2004) e a obtenção de informação atempadamente; mesmo assim, fazem o que podem, com o que têm ao seu alcance, para recheiar os acontecimentos do maior número de dados, informações e testemunhos possíveis, facilitando o trabalho dos próximos *gatekeepers* que esperam os acontecimentos na *gate* seguinte.

Acontecimentos de nicho, como o polo aquático, por não compreenderem estes valores-notícia, dificilmente passam para a porta seguinte. As fontes de informação creditadas para falar dos temas relacionados com esta modalidade são parcas, assim como o seu acesso aos meios de comunicação. A somar a estes fatores, o facto de a concorrência não publicar peças sobre polo aquático leva a que não haja interesse por parte dos restantes órgãos de jornalismo em conceder espaço mediático ao tema.

A construção da notícia

Finda a recolha de informação, a última grande porta pela qual os acontecimentos têm de passar é aquela que os vai transformar em notícias e dar acesso à grelha noticiosa. Como referiu Traquina: “Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento” (1988, p. 168). Se, até aqui, as proporções e os intervenientes de um acontecimento tinham influência na notícia que se vai produzir, agora é a vez da notícia o moldar.

Considerando as várias mensagens inerentes a cada acontecimento, estes últimos *gatekeepers* da cadeia de produção articulam-nas, de acordo com os critérios de construção de Wolf (1987), aprimorando o relato do acontecimento à escrita jornalística. Graças a esta *gate*, as notícias sobre os acontecimentos selecionados vão determinar a percepção que o público terá sobre como eles ocorreram, isto porque, de acordo com Traquina (1988), “lemos as notícias acreditando que elas são um índice do real; (...) que os profissionais do campo jornalístico não irão transgredir a fronteira que separa o real da ficção.” (p. 168). Quanto mais difícil for a apreensão direta do acontecimento pelo público, mais este vai acreditar que o que é relatado nas notícias corresponde exatamente à realidade; conforme enunciado por Birde & Dardenne (1988), “(...) o público tem tendência a acreditar nesses «especialistas», que têm acesso à verdade, pelo menos nas áreas que não lhes são familiares” (p.275).

A construção das notícias deve ser um processo intuitivo para os *gatekeepers* que as recebem, já desmembradas nos vários ângulos e cuja função é percorrer a lista de critérios de construção e, de acordo com as características do acontecimento, optar por um desses valores para tornar a notícia mais elegível para o público. Se for um acontecimento complexo ou que aborde termos técnicos ou especializados e não tão recorrentes no cotidiano da população, a simplificação de conceitos é o melhor recurso para os jornalistas serem compreendidos. No entanto, também pode acontecer que a simplificação do acontecimento conduza à superficialidade e à incompreensão sobre o tema por parte do público.

Embora os valores-notícia de construção procurem preservar a objetividade dos relatos, estes permitem, em simultâneo, destacar o diferente e o particular de cada um, levando a que sejam selecionados aqueles acontecimentos que, preservando a sua diferença, permitem uma amplificação para outros similares. Graber (1984) e Roshier (1981) (in Bird & Dardenne, 1988) exemplificam este fenómeno, recorrendo às taxas de crime e à desproporcional cobertura mediática sobre o tema. Como concluem os autores: “Se o único objetivo de relatar o crime fosse a informação, faria sentido relatar todos os crimes (...)”, sugerindo que, tal como se vai analisar mais adiante, o jornalismo terá outro papel na sociedade que não se circunscreve apenas ao relato de acontecimentos.

Demonstrar a relevância que um acontecimento tem para o público é também uma maneira de o manter interessado no relato jornalístico. Uma vez mais, colocar essa

justificação à frente do acontecimento pode impedir que a ordem do mesmo corresponda à realidade, pois a sua importância pode ser uma consequência do acontecimento em si e que é medida após a sua ocorrência. Nesse caso, a apresentação da informação não cumpre a função de “espelho”, como é defendido por Lippmann (1922) ou Traquina (2002).

A personalização do acontecimento, geralmente com recurso a testemunhos, capta a atenção do consumidor de notícias, que se identifica com este ou aquele ponto de vista. Vítimas da urgência de noticiar, os média assumem alguns dos depoimentos que lhes chegam através de agências noticiosas ou comunicados de imprensa, como aqueles que são socialmente aceites, um comportamento que assenta na falsa noção de “consenso nacional” Hall et. al, 1978), que parte do princípio de que “(...) todos os indivíduos de uma sociedade têm o mesmo mapa de significados, (...) [assumindo que] Todos nós queremos manter basicamente a mesma perspetiva acerca dos acontecimentos.” (Hall et. al, p. 226).

Além de permitirem cumprir o requisito da personalização do acontecimento, estes porta-vozes tornam-se os definidores primários do tópico em questão, pois o seu ponto de vista é apresentado como o que mais sobressai, em oposição aos definidores secundários que, representantes de uma minoria que pode ou não corresponder à realidade, se veem obrigados, perante os média, a tecerem a sua posição em função daquela que foi apresentada pelos definidores primários, caso tenham essa oportunidade.

A procura de definidores secundários ou de fontes de informação diferentes das já conhecidas pelos jornalistas está, na maior parte dos casos, associada à necessidade de produzir notícias que acrescentam algum pormenor às que já foram anteriormente divulgadas pelos órgãos concorrentes.

Os testemunhos dos definidores primários e secundários podem revelar-se interessantes do ponto de vista mediático, fomentando um confronto de ideias sobre um mesmo acontecimento. Ao identificarem este potencial, os jornalistas proporcionam debates ou produzem notícias que, de alguma forma, façam dialogar com as várias perspetivas discordantes, acentuando a dramatização do acontecimento. É comum assistir à utilização deste valor-notícia nos noticiários desportivos com artigos referentes aos jogos que vão acontecer naquele dia, sobretudo, se estiverem em campo duas equipas rivais.

A dramatização do acontecimento é o critério de construção que, de forma clarividente, concebe à notícia a qualidade «estória», uma denominação explorada num dos próximos capítulos, quando se equiparar a construção de uma notícia à de uma telenovela e que qualifica a notícia como uma narrativa culturalmente construída (Bird e Dardenne) que relata acontecimentos noticiosos (Tuchman, 1976), dotada de uma ação dramática apresentada de modo simplista (Weaver).

Por último, a consonância de uma notícia com as restantes informações divulgadas a respeito daquele acontecimento é importante para que o público a compreenda no seu contexto. Por sua vez, é possível contrariar a consonância, propositadamente, para apresentar um ângulo da notícia que ficou por explorar.

A construção das notícias continua, no entanto, a envolver uma seleção, quer dos acontecimentos que efetivamente chegam a ganhar essa denominação, quer das informações de cada acontecimento, que são retrabalhadas conforme as necessidades e o modo como se pretende relatar. Mesmo quando as notícias se encontram inseridas na grelha noticiosa, organização feita por um último *gatekeeper*, o editor, estas podem ter de ser retiradas para dar lugar a outras de última hora, que derivaram de acontecimentos imprevistos.

Em jeito de conclusão deste capítulo, é possível resumir o processo de produção jornalística em três fases: a identificação de acontecimentos imprevisíveis ou planeados, por observação direta ou indireta, que tenham potencial para serem noticiados; a recolha de informação no local do acontecimento ou junto de fontes; e a construção da notícia a partir da realidade. Em todas estas etapas, vigoram valores-notícia que facilitam a seleção da informação pelos *gatekeepers*; a preocupação do jornalista em ser compreendido pelo público e humanizar acontecimentos e a eliminação de subjetividades.

Capítulo II – O universo particular do polo aquático

O polo aquático teve origem na Grã-Bretanha, no século XIX, após a Revolução Industrial. Começou por ser conhecido como “futebol aquático”, devido às influências que o futebol teve na sua estruturação e que eram superiores às do polo a cavalo (Lloret, 1998), embora tenha sido esta segunda modalidade a dar-lhe o nome pelo qual é conhecido atualmente.

Os primeiros jogos não oficiais de polo aquático realizaram-se em 1869, nas piscinas de Glapsons, em Londres. As equipas eram formadas por sete jogadores de campo (incluindo o guarda-redes) que, como escreveu Lloret (1994), se posicionavam em cima de barris, utilizavam uma espécie de taco para se moverem num plano de água delimitado e para guiarem a bola até uma das jangadas que, à altura, serviam o propósito das balizas.

A partir da segunda metade do século XIX, iniciou-se o processo de regulamentação das provas, que privilegiava o confronto e a técnica de luta corpo a corpo entre jogadores pela obtenção e o domínio da bola. As regras desta modalidade sofreram várias mudanças durante o processo de estruturação, enquanto os jogadores ganhavam mais confiança com o meio aquático, ao ponto de deixarem de utilizar barris para passarem a deslocar-se na água a nadar.

O primeiro jogo regulamentado é organizado pelo Bournemouth Rowing Club, em 1876, durante o qual já era proibido agarrar a bola com as duas mãos e colocar os pés no fundo da piscina, regras que prevalecem nos jogos atuais. A realização desta partida não foi o suficiente para a Associação Inglesa de Natação oficializar esta prática desportiva de imediato, levando à criação de vários regulamentos para a mesma modalidade.

A demorada oficialização da modalidade na Inglaterra, em 1885, e estabilização das regras de jogo, que só foi possível em 1890 com a sua chegada aos Estados Unidos e com a criação da FINA (Federação Internacional de Natação Amadora), retardou o aparecimento do polo aquático em Portugal. A introdução do polo aquático em Portugal aconteceu no dia 13 de outubro de 1907, com um jogo de apresentação da modalidade, durante um festival náutico na Baía de Cascais (Lopes, 1989). Como menciona Lopes

(1989), o seu aparecimento é influenciado pelo contexto de arranque e estruturação da natação, uma modalidade para a qual a opinião pública ainda não estava sensibilizada, apesar da campanha propagandista, desenvolvida pelos jornais diários e desportivos para promover a educação física e a prática desportiva.

Por esse motivo e apesar do interesse demonstrado e da emoção gerada com o jogo do festival náutico de 13 de outubro de 1907, o primeiro torneio de polo aquático em Portugal só acontece nos “Jogos Olímpicos Nacionais”, em 1913 (Oliveira, 1974), sendo, como confirma Lopes, “o segundo desporto coletivo a ser introduzido em Portugal, imediatamente a seguir ao futebol (...)” (1989, p.20).

O desporto começa por se desenvolver em Lisboa. Um dos jornalistas que teve um papel importante na atenção mediática atribuída à modalidade foi Manuel Camanho. Segundo factos expostos por Lopes, em 1916, o repórter “conseguiu organizar um jogo no Rio Douro, entre duas equipas de Lisboa (...)” (1989, p.21). O polo aquático iniciou também o seu processo de desenvolvimento no Porto. Em 1920, havia 12 clubes, 18 equipas e 130 jogadores dedicados a esta prática desportiva.

Entre 1913 a 1921, os jornais exerceram um papel relevante na divulgação do polo aquático em Portugal, atribuindo-lhe um lugar de “destaque no panorama desportivo nacional” (Lopes, 1989), uma vez que os campeonatos desta modalidade substituíam os de futebol, em termos de espaço e de atenção mediática, durante os meses de verão.

O aparecimento de piscinas para a prática do polo aquático levou a que a modalidade se ressentisse, pois, ao contrário do que acontecia com os rios e docas, as piscinas cobertas nem sempre estavam disponíveis para este desporto. Por outro lado, a prática da modalidade começava a desenvolver-se, com o aparecimento da Liga Portuguesa dos Clubes de Natação (LPCN) que organizou, em 1922, o primeiro campeonato nacional de polo aquático, no Rio Lima, e atribuiu às suas delegações de Lisboa e do Porto a responsabilidade de organizarem os campeonatos regionais.

De acordo com os relatos de Lopes (1989), “o valor atribuído ao título de campeão nacional era muito grande, principalmente pela repercussão que a imprensa desportiva lhe dava, o que exacerbava o espírito clubista do público que acorria ao pólo aquático em grande número, e que via neste a continuação da rivalidade dos outros desportos como futebol (...)” (p.38).

O valor atribuído pela imprensa desportiva à modalidade levou a que a época de 1926 fosse de grande entusiasmo junto do público. No entanto, as expectativas foram defraudadas pela má gestão da Liga e por uma irregularidade ocorrida no processo de inscrição de um atleta do Sporting Clube de Portugal. Este acontecimento teve as suas repercussões mediáticas. Os jornalistas desportivos do jornal *Os Sports*, Ryder da Costa e Mário Oliveira, tomaram partido das equipas que estavam a favor e contra as decisões da Liga respetivamente, criando duas vozes mediáticas opostas sobre polo aquático.

A própria modalidade dividiu-se e tanto a Liga Portuguesa Amadora de Natação (apoiantes) como a Federação Portuguesa de Natação Amadora (dissidentes) criaram os seus próprios campeonatos. Os clubes da oposição ganhavam cada vez mais adeptos e o ponto de viragem deste conflito deu-se com a construção da piscina do Sport Algés e Dafundo (SAD), em 1930, e a união das duas organizações federativas numa só: a Federação Portuguesa de Natação (FPN).

Embora tenha permitido reduzir os incidentes durante os jogos e a prática da natação no exterior, o SAD tinha a vantagem competitiva de treinar numa piscina com condições próprias para a prática da modalidade, o que se refletia nos resultados, em que o SAD saía vencedor de todos os jogos e provas em que participava. O facto de os resultados serem previsíveis e de os conflitos ressurgirem como revolta das outras equipas levou a que os média perdessem o interesse em noticiar o polo aquático, abrindo lugar a que outras modalidades, como o ciclismo, conquistasse espaço mediático.

O polo aquático voltava a ser um jogo lento e conflituoso, motivando uma campanha anti Pólo aquático, da autoria de Francisco Pancada, jornalista do *Stadium*, que, conseqüentemente, levou a que a Associação de Natação de Lisboa (ANL) suspendesse os campeonatos regionais, em 1935. Por outro lado, em 1936, surgiu uma nova campanha no *Stadium*, desta vez, a favor da prática da modalidade e organizada por Mário de Oliveira. A FPN continuou os seus trabalhos, apesar do desenvolvimento da natação pura tornar cada vez mais difícil a realização de campeonatos e a presença de jogos nos festivais náuticos.

Devido aos conflitos ocorridos durante o campeonato nacional de 1938, o polo aquático extinguiu-se nos clubes nacionais, com a exceção do SAD, que perpetuou e fomentou a prática da modalidade no clube. Houve uma tentativa de retomar a modalidade em 1943, mas o desinteresse dos clubes impediu que acontecesse. No ano de

1951, o Comité Olímpico Português equacionou a participação nos Jogos Olímpicos de 1952 com o polo aquático. Apesar do ânimo, Portugal não atingiu os resultados pretendidos e esta participação foi pautada por duras críticas na imprensa desportiva.

Os torneios internos do SAD tornaram-se no único vestígio da prática do polo aquático em Portugal até à década de 60, do século XX, colocando o polo aquático num patamar de atividade “lúdica e revivalista” (Lopes, 1989, p.76), praticada por ex-jogadores de Lisboa, do Porto e da Madeira. Este desporto reapareceu em 1975, por vontade de um grupo de ex-nadadores do Centro Desportivo Universitário do Porto (CDUP), o que desencadeou a formação de uma equipa no Sporting Clube Portugal e de uma outra, constituída por atletas dos clubes de Évora, Oeiras, Amadora e Belenenses.

Estas três equipas defrontavam-se num torneio de Natal, no Porto, o que motivou a Associação de Natação de Lisboa, assim como a Federação Portuguesa de Natação a promoverem o ressurgimento da modalidade, durante a época de 1984-1985, que viria a marcar a segunda vaga do polo aquático nacional. Como constata Godinho, “estávamos perante um facto raro no desporto em Portugal: o ressurgimento de uma modalidade desportiva, pela força intrínseca da motivação dos seus intervenientes” (2005, p. 99).

A época seguinte contou com a participação de quinze clubes filiados e, progressivamente, a modalidade voltou a desdobrar-se em vários escalões e a estabilizar-se no país, contando com um total de 924 atletas, em 1998. A natação pura continuava a ser a modalidade mais representativa da FPN, representando, em 2003, 86% dos seus atletas, com tendência para aumentar, face ao polo aquático, que correspondia apenas a 14% dos federados.

No ano de 2004, o polo aquático ultrapassava, em larga escala, o número de atletas federados de 1998: 1335 no total, 876 homens e 259 mulheres (Godinho, 2005). Mais recentemente, 2012 foi o ano mais profícuo para a modalidade em Portugal, com 1507 atletas registados na Federação. O ano que teve valores menos expressivos (790 atletas) foi o de 2021, em parte devido à situação pandémica que se vivia no país. Por sua vez, em 2022, os números subiram ligeiramente a registarem um total de 931 praticantes federados - 165 do sexo feminino e 766 do sexo masculino.

As provas continuam a ser caracterizadas pela intensidade física e pela incompreensão das regras por parte do público e é considerada amadora no panorama

nacional. Por isso, as equipas precisam, como referiu Santos (2018), de angariar fundos junto dos sócios e adeptos do clube para garantirem a sua subsistência e participação nos campeonatos. Nada parece ter mudado em relação ao contexto em que a modalidade se desenvolveu, durante o século XX, com exceção da cobertura mediática da modalidade, que, após 1931, começou a decrescer, motivada pela ausência dos valores-notícia que justificavam a produção jornalística nos primeiros anos de existência da modalidade.

Procura-se, no capítulo metodológico desta dissertação, caracterizar a cobertura mediática portuguesa ao polo aquático, nos últimos anos, face a outros países europeus, identificar os valores-notícia que pautam a atividade jornalística relativa a esta modalidade, assim como compreender qual a perceção dos jornalistas desportivos atuais sobre este desporto enquanto potencial mediático.

Capítulo III – A construção da realidade do polo aquático no jornalismo desportivo

Metodologias

Como objetivo deste estudo, pretende-se compreender como é que os órgãos de jornalismo desportivo portugueses constroem a realidade do polo aquático nas peças que produzem e em que contexto é que estes se enquadram no panorama europeu da cobertura mediática desta modalidade.

Da totalidade de meios de comunicação disponíveis e respetivos trabalhos jornalísticos, selecionou-se uma amostra representativa do universo a analisar, tendo em consideração três critérios de seleção. Em primeiro lugar, procedeu-se a um recorte temporal no universo de peças jornalísticas sobre polo aquático, limitando a amostra, quanto à sua extensão (Lakatos e Marconi, 2002) em peças que foram publicadas nos últimos três anos, o que, à data da realização deste estudo, corresponde ao período entre fevereiro de 2019 e fevereiro de 2022. De seguida, dado que os últimos anos foram caracterizados por um crescimento e desenvolvimento exponencial das plataformas digitais, consideraram-se, para a amostra, os órgãos de jornalismo desportivo portugueses que estavam presentes em ambiente digital e as peças jornalísticas publicadas pelos mesmos neste espaço. Por último, restringiu-se a amostra a seis órgãos de jornalismo desportivo portugueses pertencentes à imprensa desportiva generalista, três escolhidos pela sua longevidade - o caso de *O Jogo*, *A Bola* e o *Record* - e outros três pela sua presença exclusiva no digital - representados neste estudo pelo *Zero Zero*, *Golo FM* e *Mais Futebol* -, além de um outro canal de imprensa especializada em desportos aquáticos, o *Chlorus*, com o objetivo de identificar potenciais diferenças na abordagem dedicada à modalidade de polo aquático, nestes dois tipos de imprensa.

A seleção dos países a considerar para a análise comparativa entre a imprensa desportiva portuguesa e a europeia, por sua vez, foi sustentada pelos resultados obtidos nas competições europeias da Liga Europeia de Natação (LEN) e pelo número de vezes que cada país foi anfitrião nestas competições.

Consideraram-se os principais campeonatos europeus dos diversos escalões e de ambos os sexos (LEN European Championship, LEN European U19, LEN European U17 e LEN

European U15), dois campeonatos europeus exclusivamente femininos (LEN Euro League e LEN Trophy) e dois campeonatos europeus exclusivamente masculinos (LEN Champions League e LEN Euro Cup). De seguida, aferiram-se os três países que organizaram mais campeonatos (Gráfico 5) e os que venceram mais competições (Gráfico 6).

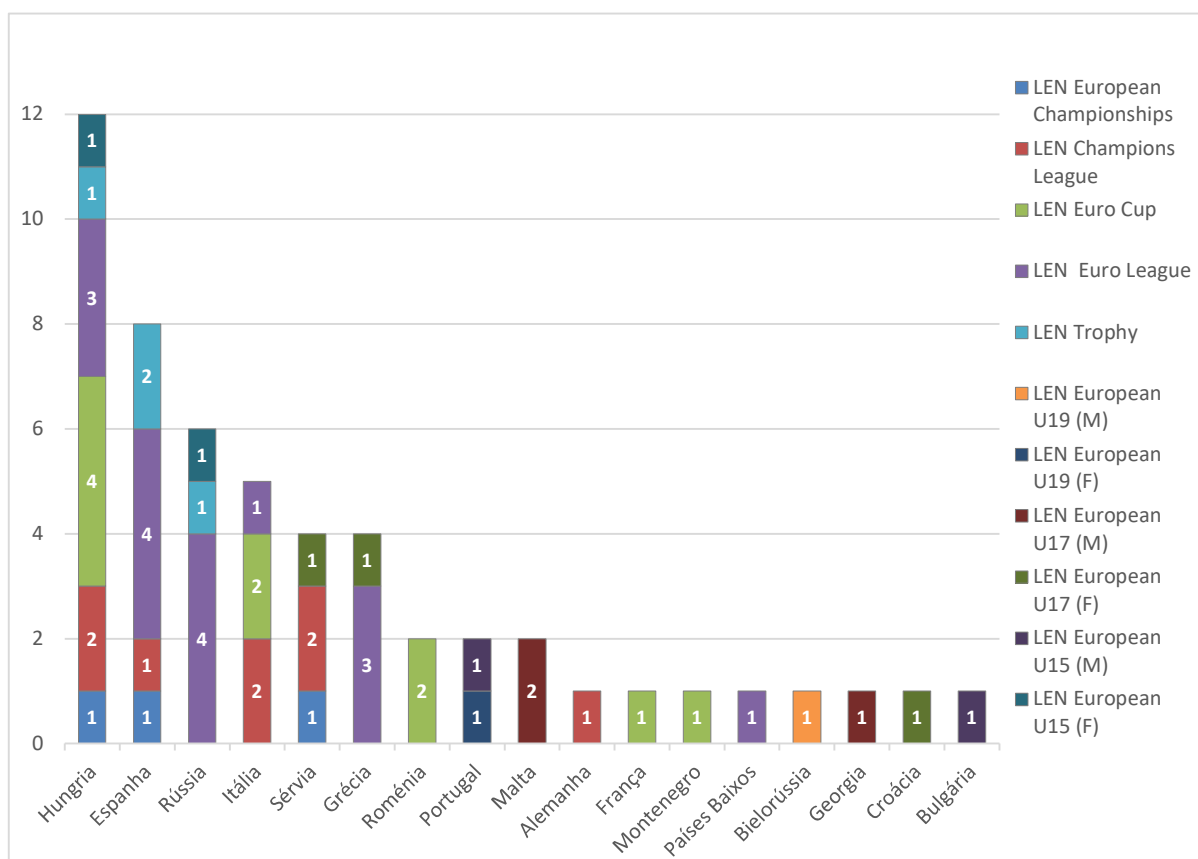


Gráfico 1 – Lista de países que organizaram competições europeias de polo aquático

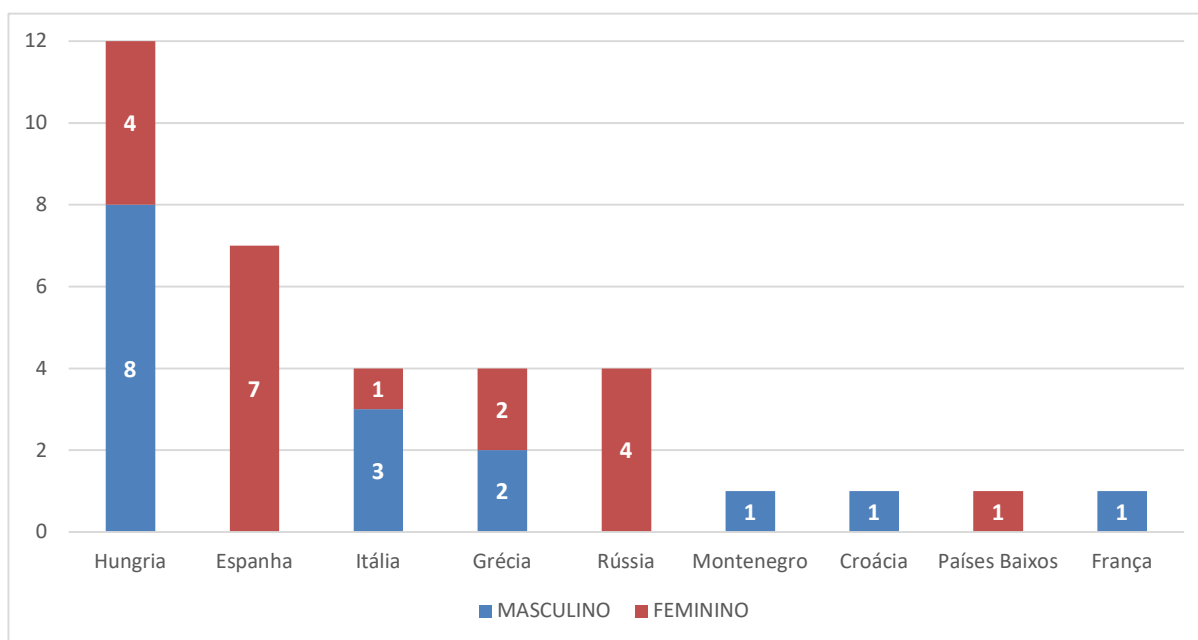


Gráfico 2 – Lista de países que venceram competições europeias de polo aquático

Os três países que organizaram mais competições europeias de polo aquático foram a Hungria, a Espanha e a Rússia, e os que venceram mais campeonatos europeus foram igualmente a Hungria e a Espanha, sendo que o terceiro lugar da lista é ocupado pela Rússia, mas também pela Itália e pela Grécia.

Foi selecionado um órgão de jornalismo desportivo de cada um dos países, num total de cinco canais, e escolheu-se um órgão de comunicação croata que, embora não seja um dos países que mais se destaca nos gráficos, serve de contraste com os resultados obtidos nos primeiros cinco.

Escolheram-se as peças jornalísticas publicadas em ambiente digital pelos jornais europeus *Nemzeti Sport* (Hungria), *Sport* (Espanha), *Sport Express* (Rússia), *Fos* (Grécia), *Gazzetta* (Itália) e *24 Sata* (Croácia), durante o mês de fevereiro de 2022. A seleção destes canais foi realizada de forma aleatória e com base nos órgãos de jornalismo desportivo disponíveis no website *futpapers*, garantindo uma escolha imparcial da imprensa desportiva europeia, sem que a decisão fosse influenciada pelo número de artigos sobre polo aquático encontradas (ou não) nas páginas web de cada periódico.

Perante esta amostra, uma das linhas de investigação adotadas prendia-se com a análise quantitativa das peças jornalísticas produzidas nestes órgãos de jornalismo desportivo, com referência direta ao polo aquático, para a qual foram definidas as seguintes hipóteses:

- 1. Os meses em que Portugal esteve envolvido nas competições europeias de polo aquático foram aqueles em que se apostou mais na cobertura mediática da modalidade*
- 2. Os valores-notícia aplicados pela imprensa desportiva portuguesa influenciam a perceção sobre a prática do polo aquático em Portugal*
- 3. As competições femininas de polo aquático recebem menos cobertura mediática do que as competições masculinas*
- 4. As competições europeias de polo aquático recebem mais cobertura mediática do que as competições nacionais*
- 5. Os países onde se realizaram mais campeonatos europeus de polo aquático e/ou que conquistaram mais títulos nessas competições são os que apostam mais na cobertura mediática à modalidade*
- 6. Em fevereiro de 2022, Portugal produziu menos notícias sobre polo aquático do que as restantes imprensas desportivas analisadas*

As hipóteses 1 e 2 incidem somente nas peças jornalísticas produzidas pela imprensa desportiva portuguesa entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, pois, embora se tenha considerado um período de três anos, reservou-se o mês de fevereiro de 2022 para servir de contraste às análises comparativas efetuadas com outras imprensas desportivas europeias.

Para a obtenção de resultados que corroborassem a veracidade da primeira hipótese, observaram-se os comportamentos de variáveis como o número de peças publicadas, o género e âmbito geográfico das competições nelas referenciadas, a autoria e o género jornalístico das peças, bem como os seus protagonistas e fotografias de capa utilizadas. Num segundo momento, todas estas variáveis foram contrastadas com os meses em que se realizaram competições europeias de polo aquático, com o intuito de se verificar se correspondiam aos meses com maior número ou diversidade de peças jornalísticas.

Quanto à segunda hipótese, esta foi analisada à luz de alguns dos valores-notícia apresentados no capítulo I, nomeadamente os critérios substantivos e de construção, através dos quais se retiraram conclusões sobre a perceção que os média transmitem desta modalidade.

Nas hipóteses 3 e 4, a análise fez-se a dois tempos – inicialmente, observou-se o comportamento destes indicadores (o âmbito geográfico e o género das competições de polo aquático) a nível nacional, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022 e, posteriormente, partindo dos resultados obtidos da análise quantitativa do mês de fevereiro de 2022, realizou-se uma análise comparativa entre a imprensa desportiva portuguesa e as restantes imprensas europeias consideradas.

Para as hipóteses 5 e 6, procedeu-se a um recorte temporal mais restrito e consideraram-se todas as peças jornalísticas analisadas no mês de fevereiro de 2022, quer pertencessem à imprensa portuguesa, como a uma das outras imprensas europeias. Estas últimas hipóteses permitiram tirar conclusões sobre o posicionamento da cobertura mediática do polo aquático em Portugal face ao contexto europeu e aos países, que, à partida, têm um maior reconhecimento pela modalidade.

Antes da análise propriamente dita, foi realizado um levantamento de todas as peças jornalísticas produzidas pelos sete canais desportivos portugueses que referenciavam, de alguma forma, o polo aquático, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022. Este valor totalizou 563 peças jornalísticas, das quais 475 faziam **referência direta**, ou seja, o assunto da notícia é polo aquático; em 80 peças optaram por uma **referência indireta**, isto é, o polo aquático é mencionado, porém, não detém o protagonismo da notícia; e oito são **conteúdos premium**, em que não se aferiu o tipo de referência que é feita à modalidade.

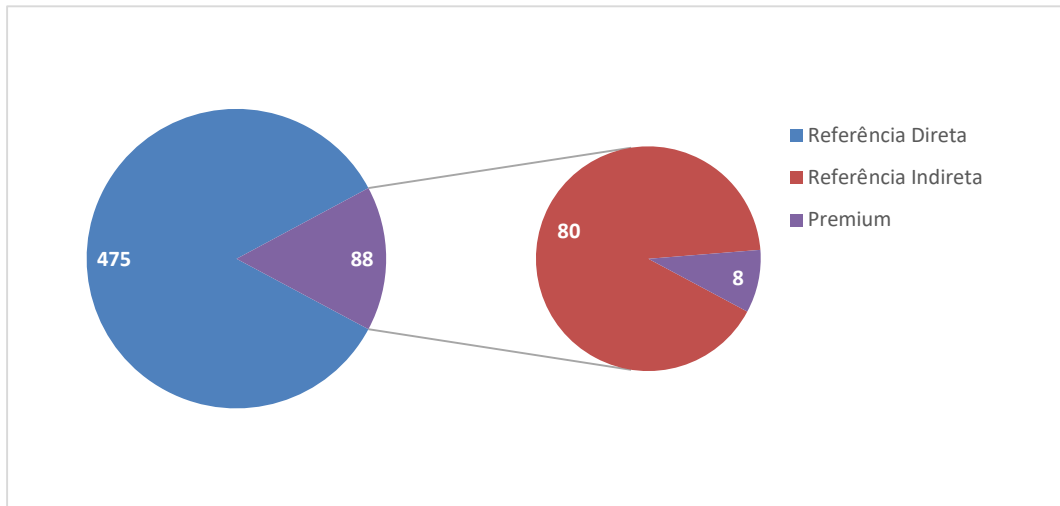


Gráfico 3 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, na imprensa desportiva nacional analisada

Esta investigação delimitou a amostra, desta vez, quanto ao assunto (Lakatos e Marconi, 2002), considerando para análise apenas as peças jornalísticas que fazem **referência direta** ao polo aquático. Das 475 peças jornalísticas que constituem essa parcela do gráfico, 431 foram fabricadas pela imprensa especializada *Chlorus*; 21 ficaram ao encargo do jornal *Record*; seguiram-se os 16 textos do jornal *O Jogo*; a seguir a estes três órgãos de peso, encontra-se o *Mais Futebol* e a *Golo FM*, ambos com três artigos sobre polo aquático nos últimos anos e, em menor escala, *A Bola* com apenas uma notícia a respeito desta modalidade e o *Zero Zero* sem nenhuma referência.

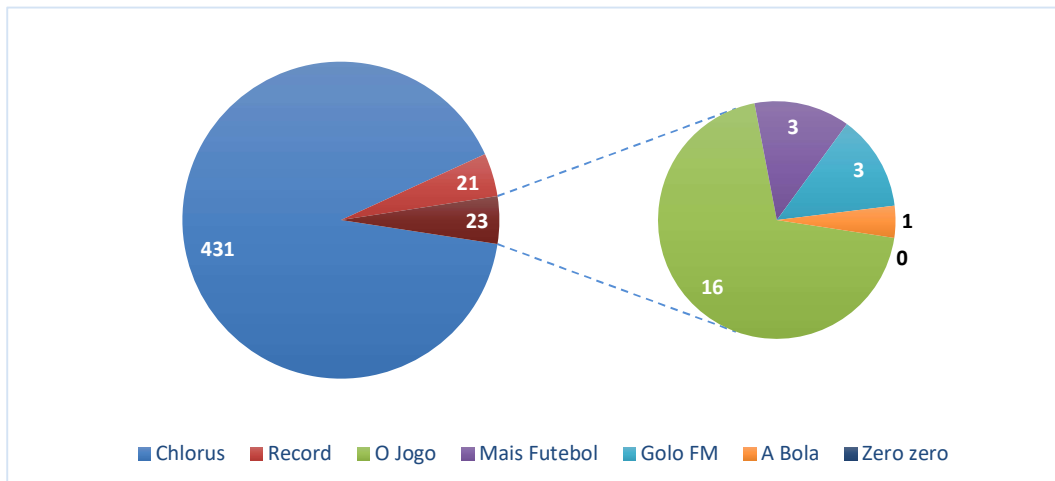


Gráfico 4 – Total de peças jornalísticas com referência direta ao polo aquático, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, nos sete órgãos de jornalismo desportivo nacionais analisados

Para as peças jornalísticas publicadas em fevereiro de 2022, o procedimento adotado foi idêntico ao anterior. Foram identificadas 39 publicações durante esse mês, distribuídas entre *O Jogo*, *Record* e *Chlorus* conforme o gráfico abaixo.

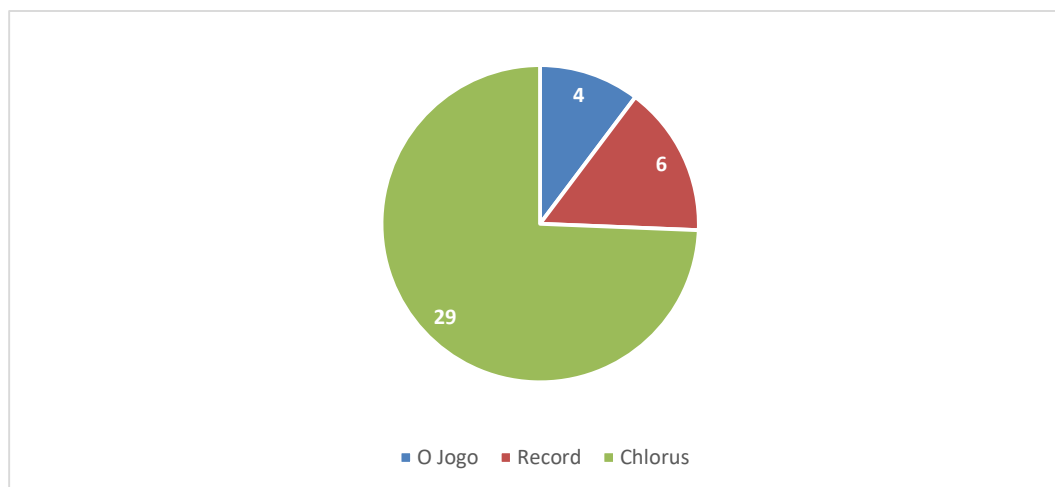


Gráfico 5 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático em fevereiro de 2022, na imprensa desportiva nacional analisada

Apenas 32 peças fazem uma **referência direta** ao polo aquático e as restantes distribuem-se entre a **referência indireta** (5) e os **conteúdos premium** (2).

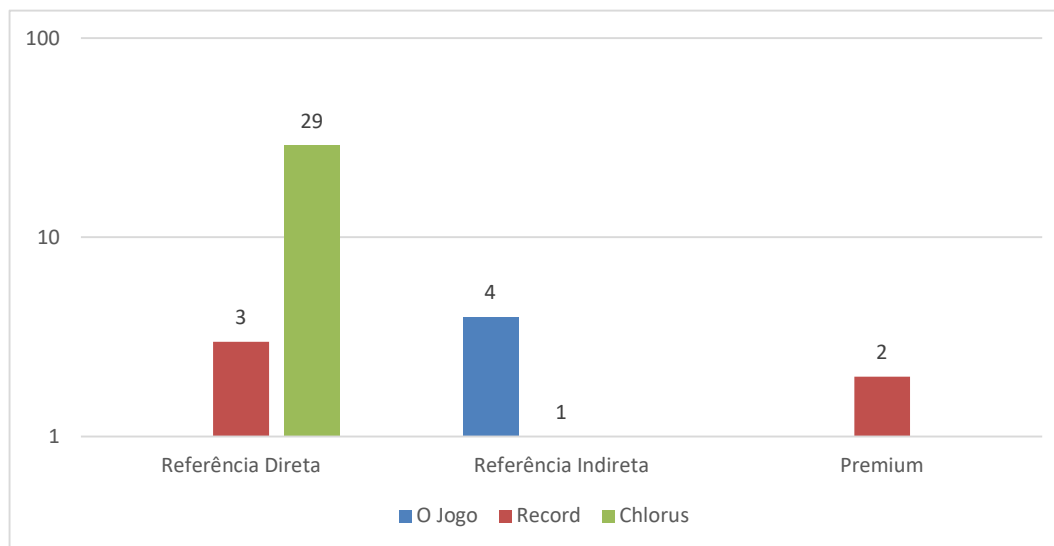


Gráfico 6 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático em fevereiro de 2022, nos sete órgãos de jornalismo desportivo nacionais analisados

No âmbito europeu, foram identificados 134 artigos provenientes dos órgãos considerados, referentes à modalidade de polo aquático em fevereiro de 2022. O *Fos* (Grécia) foi o que redigiu mais artigos (96), seguindo-se o *Nemzeti Sport* (Hungria) com 19, o *24 Sata* (Croácia) com nove e o *Gazzetta* (Itália) e o *Sport* (Espanha), ambos com quatro conteúdos, sendo que no *Sport Express* (Rússia) foram encontrados apenas dois conteúdos. Em todas estas notícias, foi identificada uma referência direta ao polo aquático, com a exceção de uma das peças jornalísticas redigidas pelo *Sport Express*.

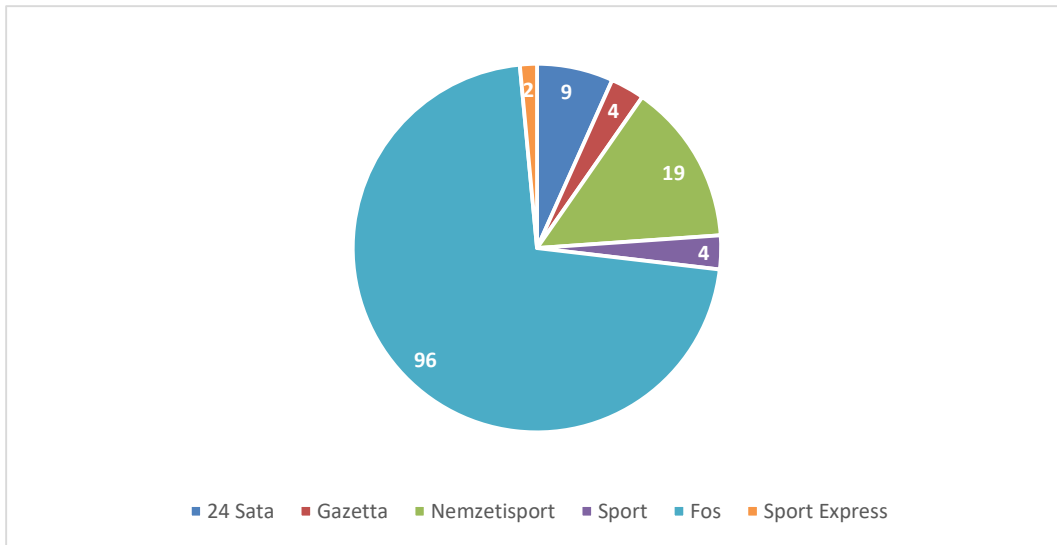


Gráfico 7 – Total de peças jornalísticas sobre polo aquático em fevereiro de 2022, na imprensa desportiva europeia analisada

Aferiu-se ainda quais as competições europeias que tiveram a participação portuguesa e quais é que foram organizadas e disputadas em Portugal, informação que se pode apresentar na tabela seguinte.

Campeonato	Edição	Meses de participação
LEN European Championship (F)	2015/2016	janeiro 2016
LEN Champions League (M)	2016/2017	setembro e outubro 2016
LEN Euro League (F)	2016/2017	dezembro 2016
LEN European U17 (F)	2016/2017	agosto 2017
LEN Champions League (M)	2017/2018	setembro 2017
LEN European U19 (F)	2018 (Anfitrião)	setembro 2018
LEN European U17 (M)	2019	maio 2019
LEN European Championship (F)	2019/2020	abril e outubro 2019
LEN European Championship (M)	2019/2020	outubro 2019
LEN European U15 (M)	2021 (Anfitrião)	julho 2021
LEN Champions League (M)	2021/2022	setembro 2021
LEN Euro League (F)	2021/2022	novembro 2021
LEN European Championship (F)	2021/2022	março 2022

Tabela 1 – Participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

Enquanto as análises quantitativas foram cumpridas com sucesso, a análise qualitativa, a outra linha condutora desta investigação, ficou aquém dos objetivos. Havia a ambição de realizar uma entrevista a, pelo menos, um jornalista que desempenhasse funções em cada um dos órgãos de jornalismo desportivo portugueses considerados na análise quantitativa. No entanto, apesar das várias tentativas de contacto, apenas foi possível recolher respostas de três jornalistas de três canais diferentes, sendo que duas dessas entrevistas decorreram através da plataforma Zoom e outra por e-mail. Como objetivo, para esta análise qualitativa, pretendia-se identificar quais as características do polo aquático que levam a que esta modalidade tenha uma reduzida expressão mediática e não seja tão apetecível do ponto de vista jornalístico, segundo a perceção de quem trabalha nas redações.

Adiantando os resultados desta investigação, e que serão explanados em maior detalhe nos próximos capítulos, sugere-se que a ausência mediática do polo aquático em Portugal se prenda com fatores de cariz cultural, assim como com as condições e contextos em que este jogo é praticado. Embora se consigam aferir algumas conclusões, é notória a necessidade de se aprofundar os estudos para uma melhor compreensão da problemática e para conferir validade ou refutação científica a algumas hipóteses que possam advir de deduções mais empíricas.

Análise quantitativa – apresentação de resultados

Hipótese 1

Os meses em que Portugal esteve envolvido nas competições europeias de polo aquático foram aqueles em que se apostou mais na cobertura mediática da modalidade

Para esta hipótese, consideraram-se as 475 peças jornalísticas produzidas pela imprensa desportiva portuguesa com referência direta ao polo aquático, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, cujo fluxo pode ser compreendido pela leitura do gráfico abaixo.

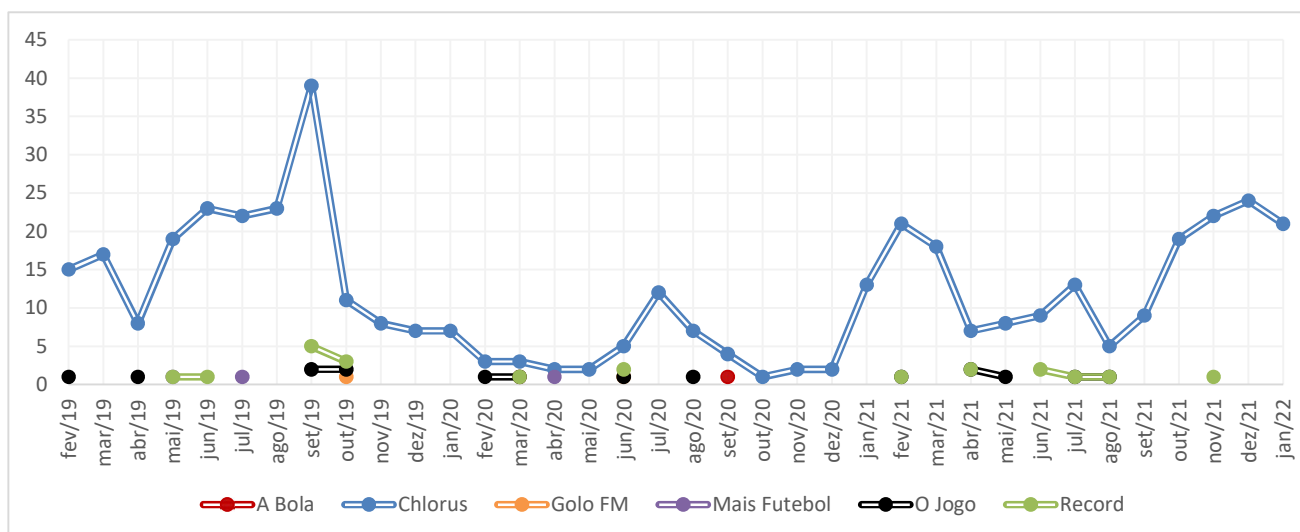


Gráfico 8 – Fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022

O *Chlorus* foi o órgão que divulgou mais informação sobre polo aquático devido ao seu carácter especializado, destacando-se, pelo número de peças jornalísticas, os meses de junho e setembro de 2019, julho de 2020, fevereiro e julho de 2021 e dezembro de 2021.

Os restantes órgãos produzem informação a respeito do polo aquático de forma mais esporádica. É possível observar que, embora momentâneo, a maioria produziu conteúdos sobre a modalidade no mês de setembro de 2019, com a exceção d’*A Bola* e do *Mais Futebol*.

O *Record*, o órgão que, da imprensa desportiva generalista analisada, publicou mais notícias sobre polo aquático, produziu conteúdos sobre esta modalidade nalguns dos meses em que se verificou um aumento do número de artigos no *Chlorus*. Este fenómeno pode significar que, apesar de não apostar na cobertura mediática desta modalidade, o *Record* possui uma maior permeabilidade à abordagem de outras modalidades que não sejam consideradas como *standard* de qualquer órgão de jornalismo desportivo generalista.

Com exceção de junho de 2020, *O Jogo* apresentou trabalhos sobre polo aquático nos períodos em que se denotou um decréscimo de conteúdos no *Chlorus*, o que sugere que não haja um acompanhamento fiel dos acontecimentos da modalidade, que tenha sido

influenciado pelas notícias de outros órgãos de jornalismo desportivo ou ainda que opte por aguardar antes de noticiar o acontecimento para perceber se, de facto, é merecedor da sua atenção.

O Mais Futebol e *A Bola* produziram informação pontual e sempre em momentos “baixos” das publicações do *Chlorus*.

Se adicionarmos a este gráfico os dados relativos às participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático, é possível aferir se a hipótese 1 se verifica ou não.

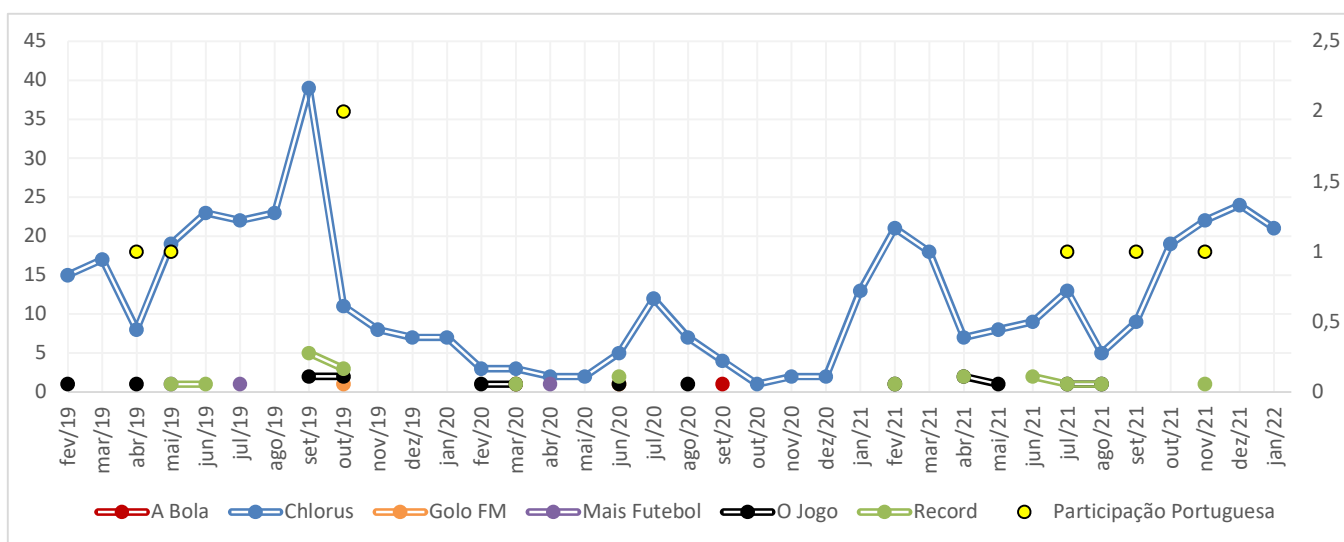


Gráfico 9 – Relação entre o fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, e as participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

O ano de 2019 foi marcado pela participação das seleções masculina e feminina nas fases de qualificação para o *LEN European Championship 2020*. Ambas as seleções tiveram jogos em outubro de 2019 e apenas a equipa feminina se defrontou com outras equipas europeias, em fevereiro desse ano.

É curioso que, ao contrário do que acontece nas restantes competições, em que se verifica um aumento da produção jornalística sobre a modalidade por parte do *Chlorus*, nestes dois meses, enquanto o número de artigos do *Chlorus* diminuía, outros órgãos de

jornalismo desportivo português, como o *Record*, *O Jogo* e a *Golo FM* apostaram na cobertura mediática da modalidade.

Em maio de 2019 (um mês depois da participação da seleção feminina na qualificação para o europeu), o *Chlorus* voltou a aumentar o número das suas publicações, acompanhado apenas do jornal *Record* com uma notícia publicada, coincidindo com a participação do *Len European U17 Championship (M)*, o que evidencia uma escolha editorial em detrimento da competição feminina.

Se não tivermos em conta a participação portuguesa nas competições europeias em abril de 2019, todas as outras presenças foram assinaladas pelo *Record* com a divulgação de material jornalístico a respeito do polo aquático, embora de pequena escala. Por outro lado, foi durante os períodos que se encontram na penumbra das competições europeias que *A Bola*, o *Mais Futebol* e *O Jogo* redigiram os seus artigos.

É possível afirmar que, apesar da presença nas competições europeias de polo aquático influenciarem positivamente a produção mediática a respeito da modalidade, a imprensa desportiva portuguesa nem sempre tirou proveito destas participações para fomentar o conhecimento sobre a modalidade e as várias conquistas que Portugal alcança.

Um bom indicador dessa realidade foi a participação portuguesa no LEN European U15 Championship M, em julho de 2021, que, embora diga respeito ao escalão mais baixo da seleção, foi organizado em Loulé, no Algarve, constituindo uma oportunidade para aumentar a produção jornalística a respeito do tema. No entanto, nesse mês, apenas o *Chlorus* e o *Record* redigiram artigos sobre a modalidade e, mesmo assim, foram poucos (13 no caso do *Chlorus* e um no caso do *Record*), comparado com outros períodos, como no mês de fevereiro de 2021, em que não houve qualquer tipo de participação em competições europeias.

De maneira a complementar a primeira análise mais detalhada dos vários conteúdos produzidos, estes passaram por processos de categorização mais rigorosos, como o **género** das competições abordadas nessas peças. O **âmbito geográfico** foi também um critério a ter em conta, uma vez que, do ponto de vista jornalístico, a presença dos portugueses num acontecimento se traduz no valor-notícia de proximidade, enunciado por Nelson Traquina (2002) e, como tal, influencia a presença desse evento na pauta jornalística.

Começando pelo parâmetro do género das competições, os dados obtidos permitem traçar o gráfico abaixo, em que os vários conteúdos se distribuíram pelos indicadores de **competição masculina**, **competição feminina**, **competição mista** ou, no caso daqueles que não se referiam a nenhuma em específico, de **não atribuídos**.

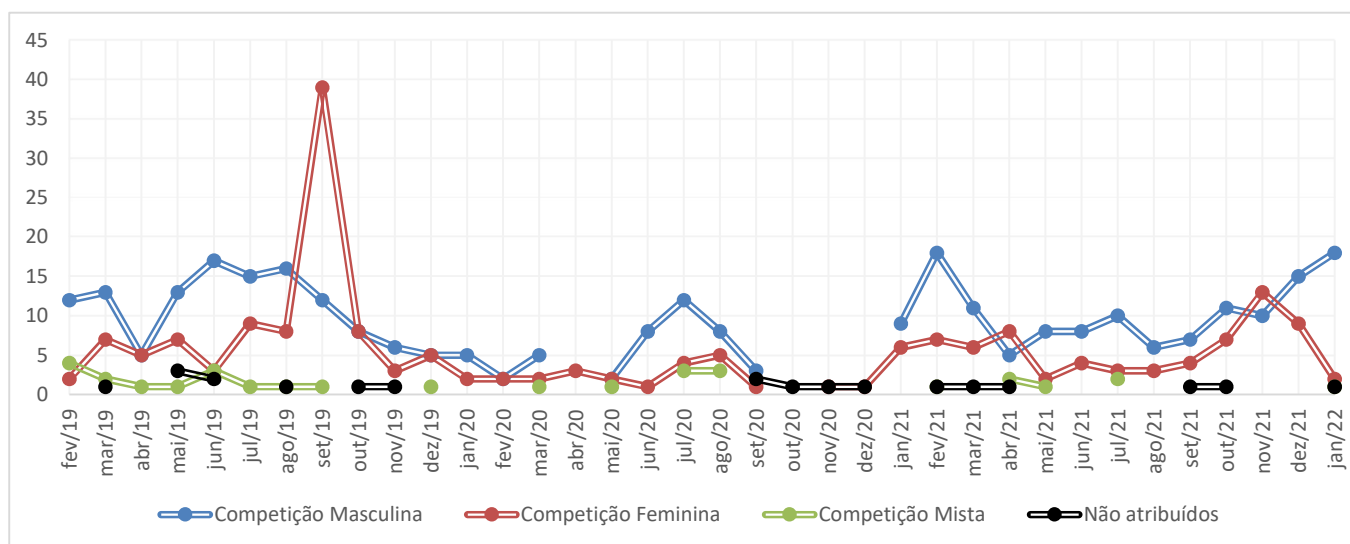


Gráfico 10 – Fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses, analisados entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com o género das competições

Destaca-se a superioridade das competições masculinas, com a exceção dos meses de setembro de 2019, abril de 2020, abril de 2021 e novembro de 2021, em que estas obtiveram maior atenção mediática. Estes dois indicadores também se igualaram, nomeadamente nos meses de abril de 2019, outubro de 2019, dezembro de 2019, fevereiro de 2020 e maio de 2020.

À medida que os meses passam, a igualdade vai-se perdendo, resultando numa discrepância maior entre a cobertura de competições masculinas e de competições femininas, em janeiro de 2022, do que a que se observa, para o mesmo fenómeno, em fevereiro de 2019.

Embora de forma mais esporádica, também a competição mista e os não atribuídos tiveram o seu espaço, apesar de ser notória a decadente aposta neste tipo de conteúdos, se se tiver em conta a linha cronológica traçada.

Ao adicionar os dados relativos à participação portuguesa nos campeonatos europeus a este gráfico, é possível compreender que tipo de influência é que essas intervenções tiveram na construção de peças jornalísticas.

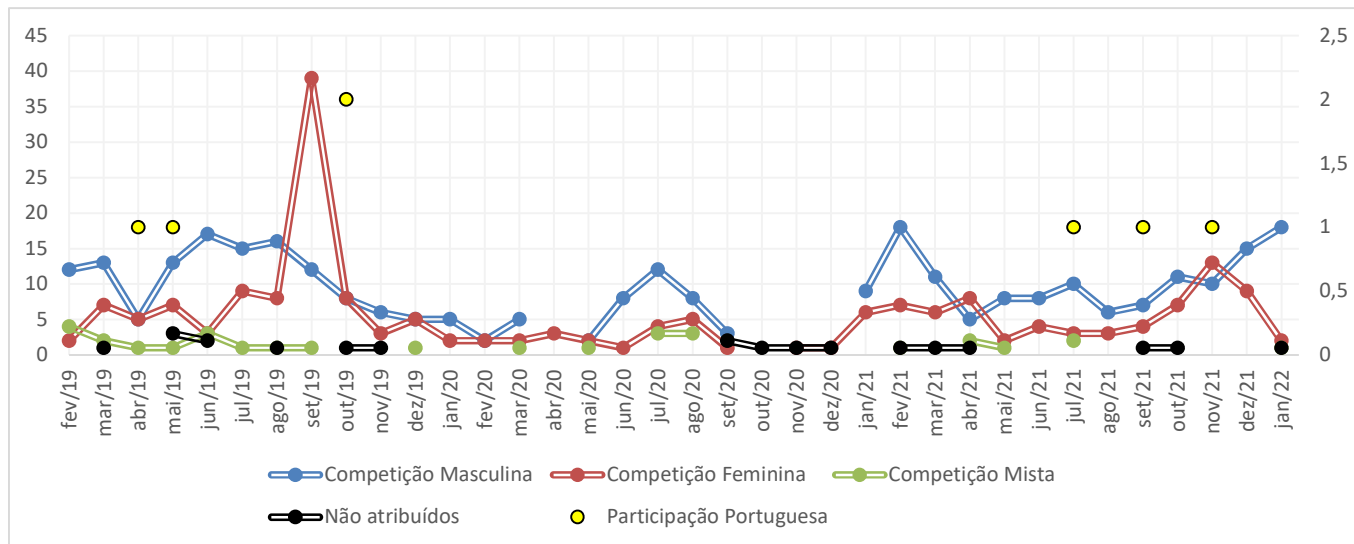


Gráfico 11 – Relação entre o fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses, analisados entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com o género das competições e as participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

A primeira participação portuguesa deste recorte temporal, correspondente ao apuramento da seleção feminina para o Len European Championship 2020, em abril de 2019, ficou caracterizada por uma descida abrupta do número de peças jornalísticas relativas às provas masculinas, mas também por um decréscimo das mesmas, no que respeita às competições femininas, contrariando o fenómeno expectável perante esta participação.

No mês seguinte, que coincidiu com a entrada em campo da seleção masculina de sub17 na corrida para o Len European U17 Championship, a quantidade de conteúdos jornalísticos divulgados, quer sobre competições masculinas, quer sobre competições femininas, retomou os números verificados em março de 2019.

À semelhança do que já tinha sido constatado nos gráficos anteriores, o mês em que Portugal mais interveio nas competições europeias de polo aquático (outubro de 2019)

voltou a ser acompanhado de uma baixa cobertura mediática, em comparação com o mês anterior, em que a competição feminina teve o maior pico de atenção mediática.

As competições disputadas em julho e em novembro de 2021, pela seleção portuguesa masculina e feminina de polo aquático respetivamente, fizeram-se acompanhar de um aumento da atenção mediática dada ao género de competições que tiveram representação europeia naquele mês. Tal como o que se verificou no resto dos meses, a participação de Portugal no Len Champions League não foi motivo de uma maior cobertura mediática das competições masculinas.

De forma a compreender se estas variações do fluxo de peças jornalísticas estariam realmente relacionadas com as participações portuguesas, foi realizada uma categorização dos artigos analisados de acordo com o âmbito geográfico das competições.

Consideraram-se os indicadores **competição nacional**, **competição europeia**, **competição mundial** e, tal como anteriormente, **não atribuídos** e procurou-se identificar as variações do indicador “competição europeia”, nos meses em que Portugal disputava títulos europeus.

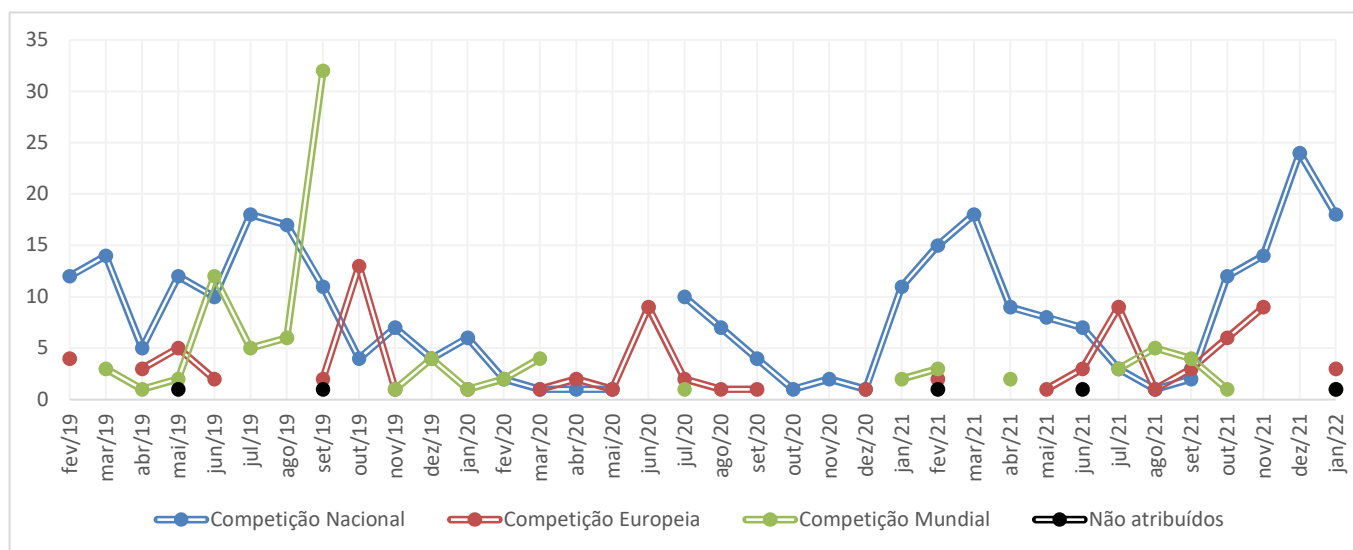


Gráfico 12 – Fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses, analisados entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com o âmbito geográfico das competições

Todas as participações portuguesas em provas europeias de polo aquático foram assinaladas pela imprensa desportiva nacional, embora não tenham sido representadas com a mesma intensidade.

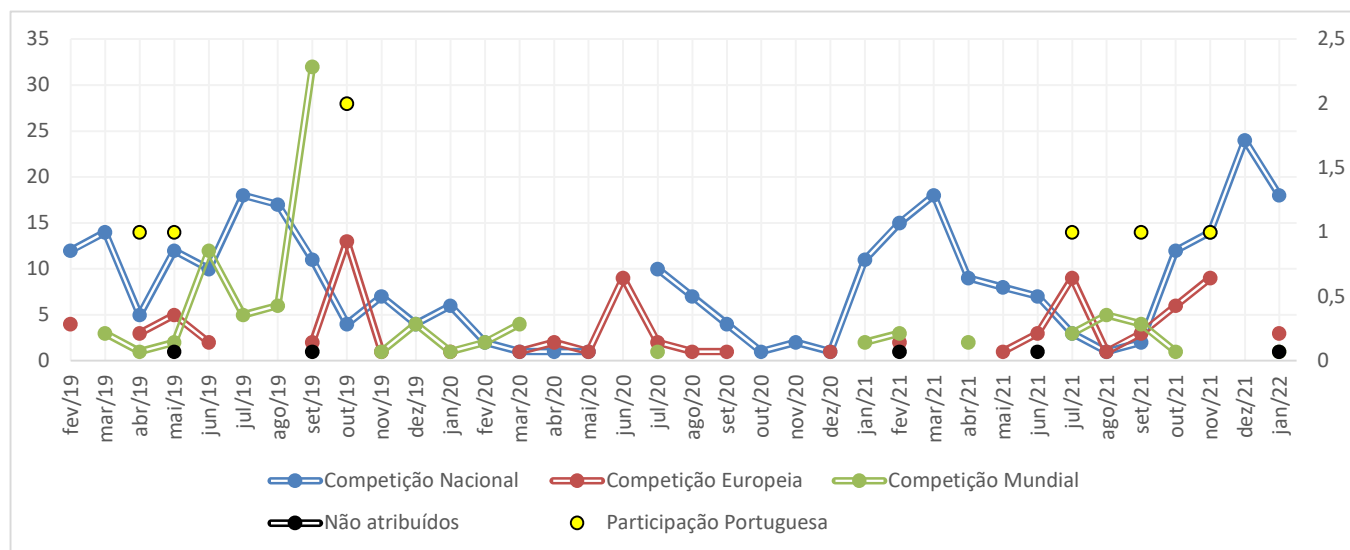


Gráfico 13 – Relação entre o fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com o âmbito geográfico das competições e as participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

As competições europeias que tiveram menos atenção mediática foram a participação feminina no apuramento para o LEN European Championship 2020, em abril de 2019, e a participação da equipa masculina no LEN Champions League, em setembro de 2021. Por esse motivo, não é possível traduzir o fenómeno numa regra que seja aplicada de forma transversal a todas as competições com estas características.

É notável o crescimento exponencial (sempre de acordo com as dimensões da amostra) que a cobertura de competições europeias de polo aquático alcançou no mês de outubro de 2019, altura em que tanto a seleção masculina como a feminina participaram neste tipo de provas. Verifica-se que, a partir dessa data, este segmento da cobertura jornalística da modalidade passou a ter uma maior expressão nos momentos em que Portugal foi a jogo com outras equipas europeias, rondando os dez artigos, com a exceção

do Len Champions League anteriormente referida, e contrariamente ao que sucedia quando havia provas europeias e o número de artigos não era superior a cinco.

Através deste gráfico, percebe-se que houve um investimento na cobertura de competições europeias, em junho de 2020, num momento em que Portugal não constava da lista de participantes. É possível justificar este acontecimento se se tiver em conta que, à data, se atravessava uma situação pandémica e a retoma das competições europeias com as devidas regras sanitárias, durante o verão de 2020, apresentou-se como uma “novidade” e alguma “relevância”, por serem indicativos de um regresso gradual à normalidade, constituindo fortes valores-notícia para serem merecedores da atenção mediática, tal como será explicado na análise de resultados.

Em setembro de 2019, sentiu-se um aumento bastante acentuado da cobertura de competições mundiais, o que leva a crer que possa ter havido algum tipo de intervenção portuguesa nessas provas. Uma vez que esse tema se distancia do propósito desta investigação, que, por sinal, é centrada nas competições nacionais e europeias, não se aprofundou este fenómeno.

Além do fluxo de peças jornalísticas entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, e de uma análise mais cuidada das mesmas, tendo em conta o seu género e âmbito geográfico, é possível medir o investimento empreendido na cobertura mediática do polo aquático de acordo com a **fotografia** de capa dos artigos, os **protagonistas** das várias peças, a **autoria** e o **género jornalístico** das mesmas.

O passo seguinte foi compreender o comportamento desses indicadores, ao longo do período de análise considerado. Se, no caso do género e âmbito geográfico, se procurou perceber como se comportava a oscilação dos indicadores, neste caso, interessa olhar para a diversidade dos dados recolhidos, ou seja, quanto maior for a diversidade destes indicadores num determinado mês, maior foi o investimento por parte dos órgãos de jornalismo desportivo.

Começando pelo indicador mais visual, procurou entender-se se as fotografias de primeira página das várias peças jornalísticas se enquadravam nalguma destas categorias – **não existente, atletas, situação de jogo, equipa masculina, equipa feminina, equipa mista, treinadores, árbitros, clubes, bolas, piscinas, design gráfico, público, FINA, LEN ou FPN.**

Entre as fotografias mais comuns, encontram-se as “Bolas”, aplicadas em 91 artigos, seguidas das imagens de “situações de jogo” e de “equipas masculinas”, ambas com 89. O único indicador que não acusou nenhuma fotografia foi o “LEN”.

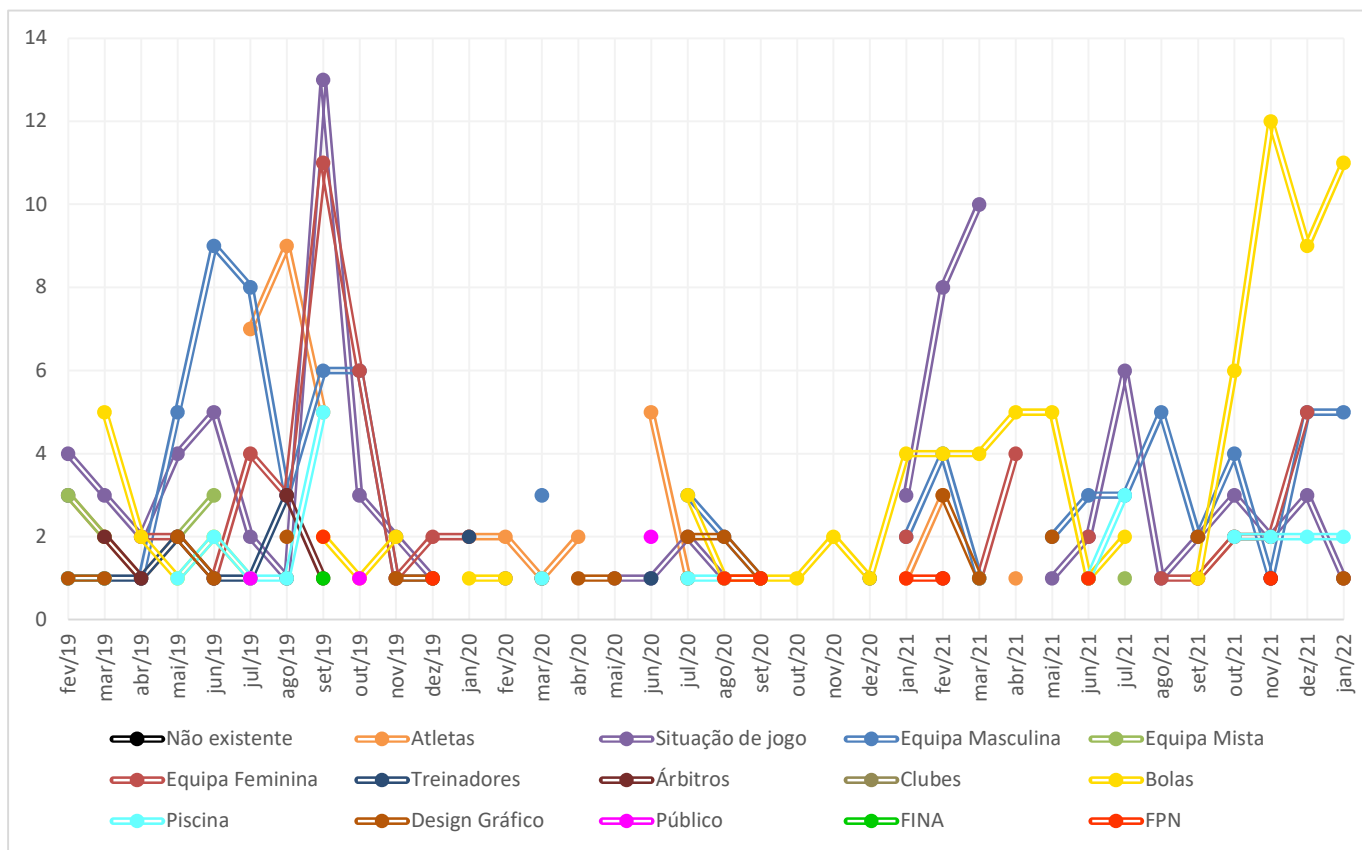


Gráfico 14 – Fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com a fotografia utilizada

Os períodos em que se verificaram uma maior variedade de fotografias utilizadas nos conteúdos sobre polo aquático correspondem aos meses de maio, agosto e setembro de 2019, todos com nove tipos de fotografias diferentes. Setembro de 2019 foi também o mês em que foi verificado um maior número de peças, o que demonstra que, à luz das análises desenvolvidas até agora, o investimento na cobertura mediática da modalidade se revela transversal às diferentes dimensões das notícias.

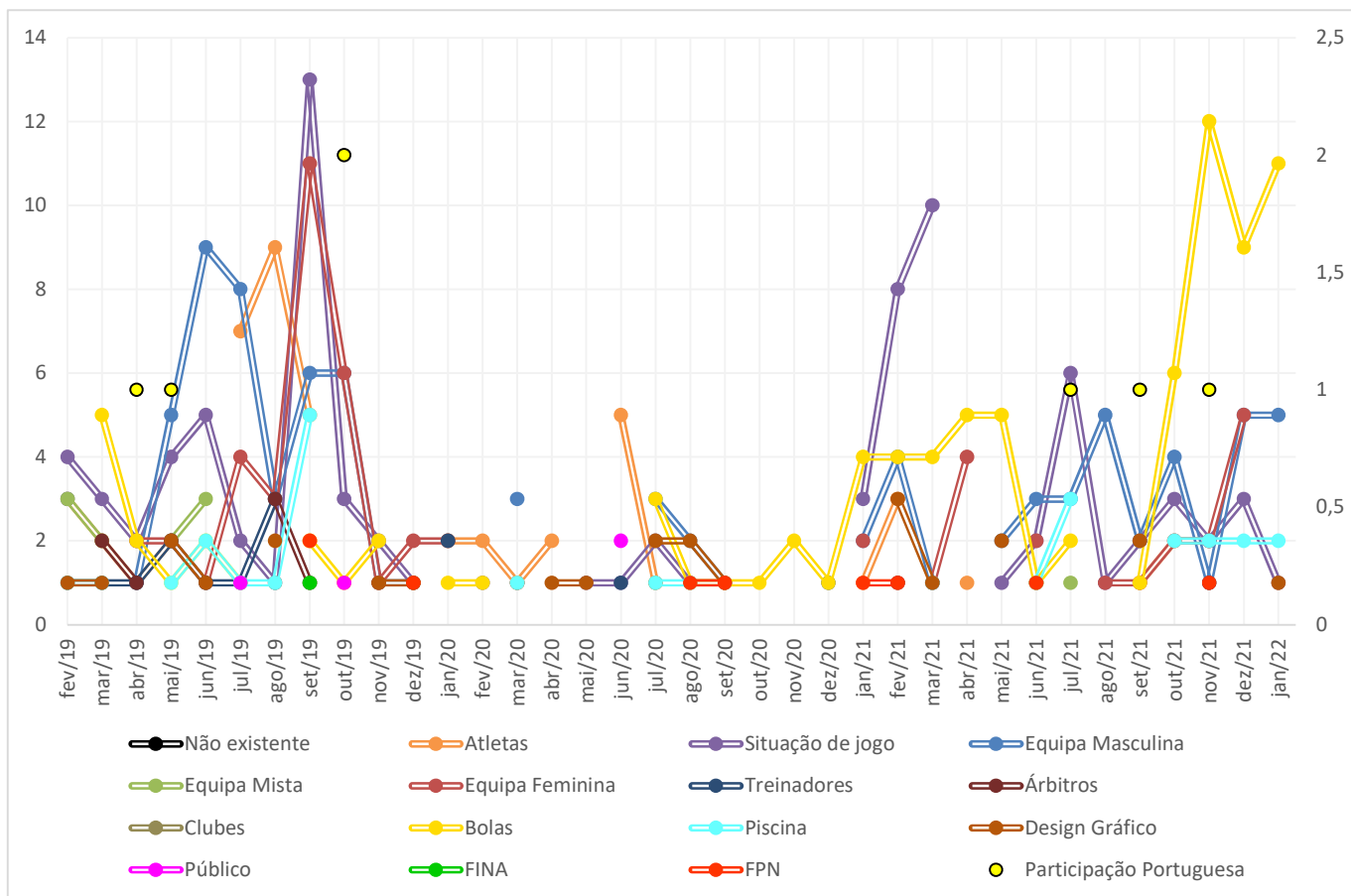


Gráfico 15 – Relação entre o fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com a fotografia utilizada e as participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

Esta diversidade não é condizente com a maioria das participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático, com a exceção de maio de 2019, correspondente ao Len European U17 Championship (M). Apesar da discrepância existente entre o número de peças com fotografias de equipas masculinas e de equipas femininas (89 e 54, respetivamente), nos meses em que as seleções de polo aquático portuguesas participaram nos torneios europeus, observa-se uma superiorização do número de imagens correspondente à equipa masculina ou feminina, dependendo do género da seleção que representou o país nesse momento. Em outubro de 2019, mês em que ambas as equipas competiram em provas europeias, o número de fotografias de equipas masculinas e femininas foi igual.

Nota-se uma diminuição no investimento na cobertura mediática da modalidade, quando, a partir de outubro de 2021, o número de imagens da categoria “bolas” se consegue superiorizar às fotografias de equipas e atletas de ambos os géneros.

Também as imagens que retratam situações de jogo e que viram o seu apogeu marcado pelos meses de setembro de 2019 e março de 2021 nunca tiveram muita expressão, o que demonstra uma fraca captação de imagem durante os jogos, que pode estar associada à dificuldade inerente já explanada neste trabalho.

Muitas das fotografias utilizadas são repetidas, remetendo não só para um banco de imagens reduzido e, ao mesmo tempo, geral (que permite uma aplicação repetida da mesma imagem em diversas circunstâncias), mas também para o facto de não haver necessidade de diversificar as fotografias utilizadas nas notícias. Como justificação para esse acontecimento, pode supor-se que sejam sempre as mesmas equipas a obter o protagonismo da modalidade, quer pela positiva, quer pela negativa.

De forma a compreender melhor este fenómeno e a complementar a resposta à hipótese 1 desta investigação, procurou-se identificar quais os protagonistas do polo aquático em Portugal e como estes variavam nos meses em que se constatava a participação portuguesa nas provas europeias da modalidade.

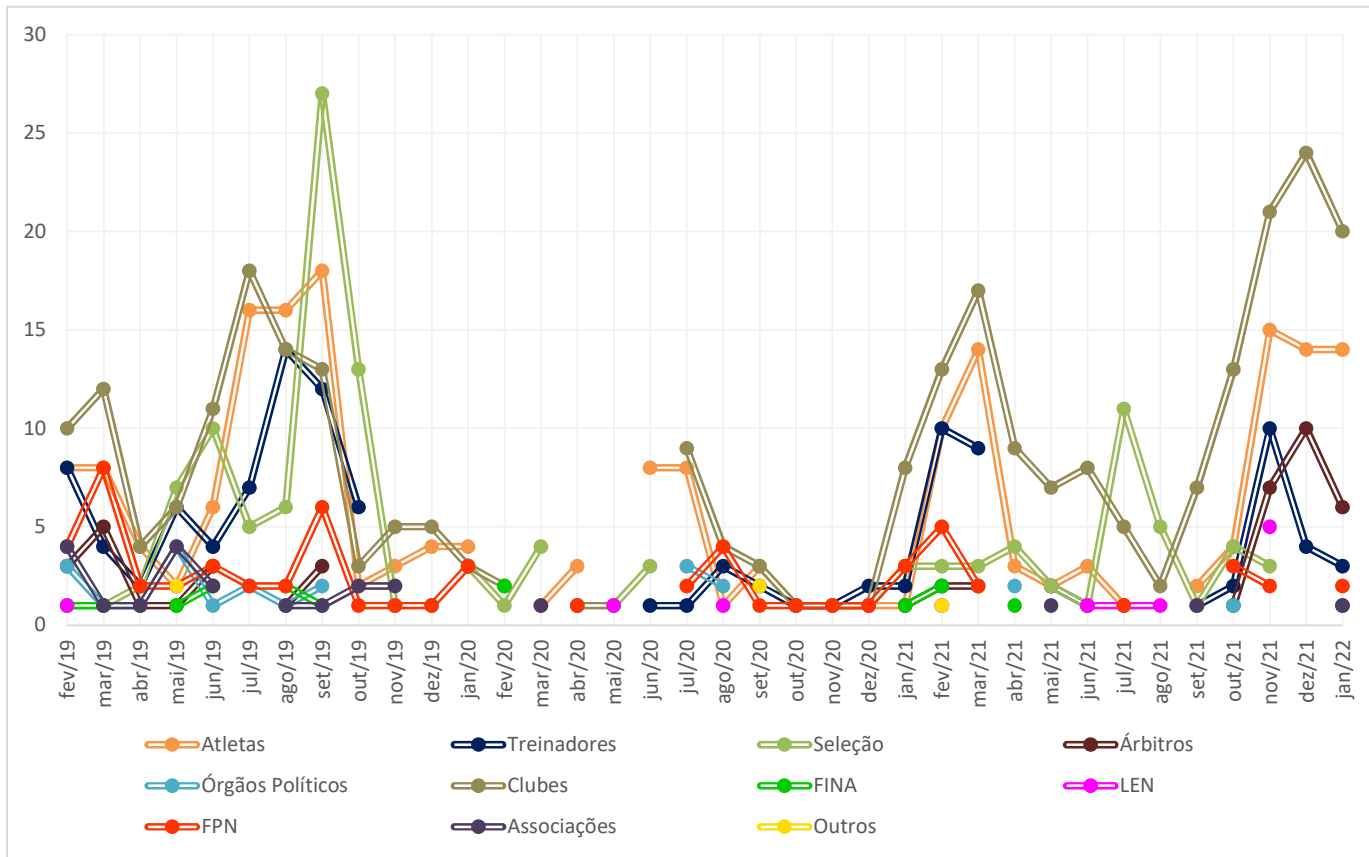


Gráfico 16 – Fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com os seus protagonistas

Foi nos meses de fevereiro e maio de 2019 e de fevereiro de 2021 que se verificou uma maior diversificação dos protagonistas, prevalecendo, em quase todos, com a exceção do mês de maio de 2019, os “Clubes”, remetendo para um maior número de peças jornalísticas a respeito das competições nacionais, algo que já tinha sido verificado anteriormente.

Note-se que é apenas o mês de maio de 2019 que se destaca, tanto na abordagem da diversidade de protagonistas como na diversidade de fotografias utilizadas, embora não corresponda aos meses de disputa pelos campeonatos europeus mais importantes, nem aos períodos em que Portugal recebeu alguma das competições abordadas.

No que diz respeito às provas europeias, é possível compreender a sua evolução enquanto protagonistas dos conteúdos se se tiver em conta o indicador “seleção”, que

remete para as equipas de ambos os géneros que representam Portugal a nível internacional. Percebe-se o quanto este indicador se modificou em função das competições europeias, quando se adiciona essa variável ao gráfico anteriormente apresentado.

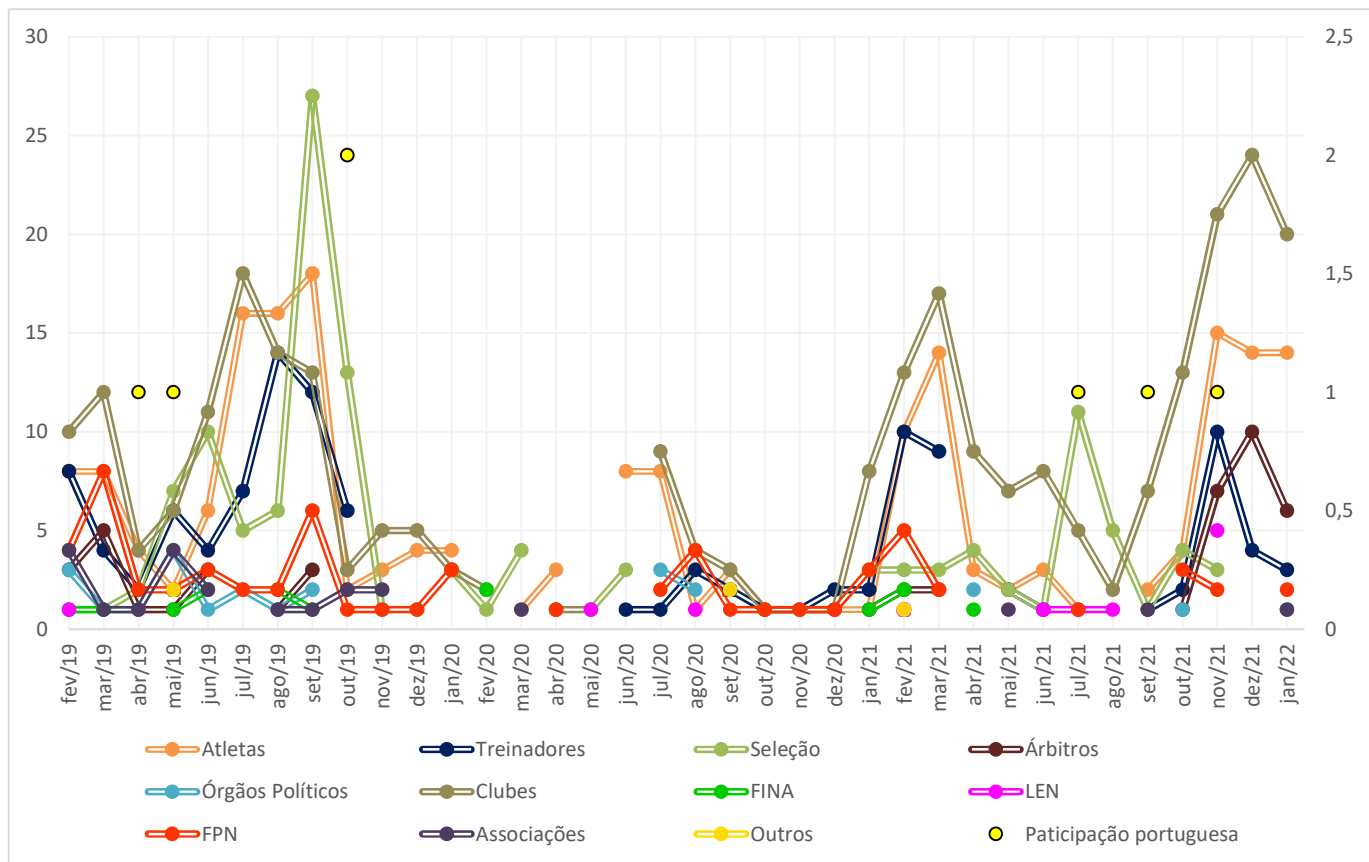


Gráfico 17 –Relação entre o fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com os seus protagonistas e as participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

O indicador “Seleção” é um dos que possui maior representatividade no leque dos protagonistas dos conteúdos jornalísticos portugueses sobre polo aquático, antecedendo os “Clubes” e os “Atletas”, com 128 peças a fazerem referência aos trabalhos da seleção, quer sejam estágios, convocatórias, competições e jogos internacionais.

Os meses em que houve mais informações sobre as seleções portuguesas de polo aquático não correspondem, na sua maioria, aos meses em que estas participaram nas provas europeias.

Com a exceção de outubro de 2019 e julho de 2021 – os mais importantes para a modalidade, visto que, no primeiro, ambas as seleções masculina e feminina participaram num torneio europeu e, no segundo, Portugal foi o anfitrião da competição –, os restantes meses em que a seleção portuguesa de polo aquático teve lugar junto dos melhores clubes europeus foram merecedores de uma projeção na imprensa desportiva nacional, compreendida entre uma e sete notícias, ao passo que os dois meses anteriormente referidos foram assinalados com 13 e 11 peças jornalísticas, respetivamente. No mês de setembro de 2019, a seleção portuguesa de polo aquático foi protagonista de 27 artigos.

Analisando o indicador “Clubes”, que permite retirar conclusões a respeito da participação dos clubes portugueses no LEN Champions League, em setembro de 2021, este fator de avaliação registou sete peças jornalísticas, mostrando um crescimento em relação ao mês anterior.

É também visível que, durante os períodos de campeonatos europeus, os atletas detêm menor protagonismo. Em novembro de 2021, este indicador assinalou uma subida, em comparação com os restantes momentos em que se verificou a participação portuguesa nas provas europeias, passando de quatro para 15 peças jornalísticas com um enfoque maior nos atletas, o que pode sugerir uma mudança de paradigma. No entanto, seria algo a confirmar com a observação deste fenómeno em participações futuras.

Outro elemento que também se destacou na última participação de Portugal num europeu foi o protagonismo dado à LEN, nos artigos divulgados. Este indicador já se revelou notório, dadas as expectativas com que se partiu para a investigação. Contudo, muito se deve à candidatura apresentada pelo presidente da Federação Portuguesa de Natação à liderança desta instituição europeia.

Foi precisamente o presidente da Federação Portuguesa de Natação que redigiu o único texto do jornal *A Bola* sobre polo aquático. Este fenómeno desencadeou a curiosidade em avaliar qual a autoria de cada uma das peças jornalísticas e compreender se, durante a presença dos portugueses nas competições europeias da modalidade, houve

uma maior diversidade de autores das peças. Este indicador permite ainda ampliar o conhecimento sobre a construção da realidade do polo aquático português.

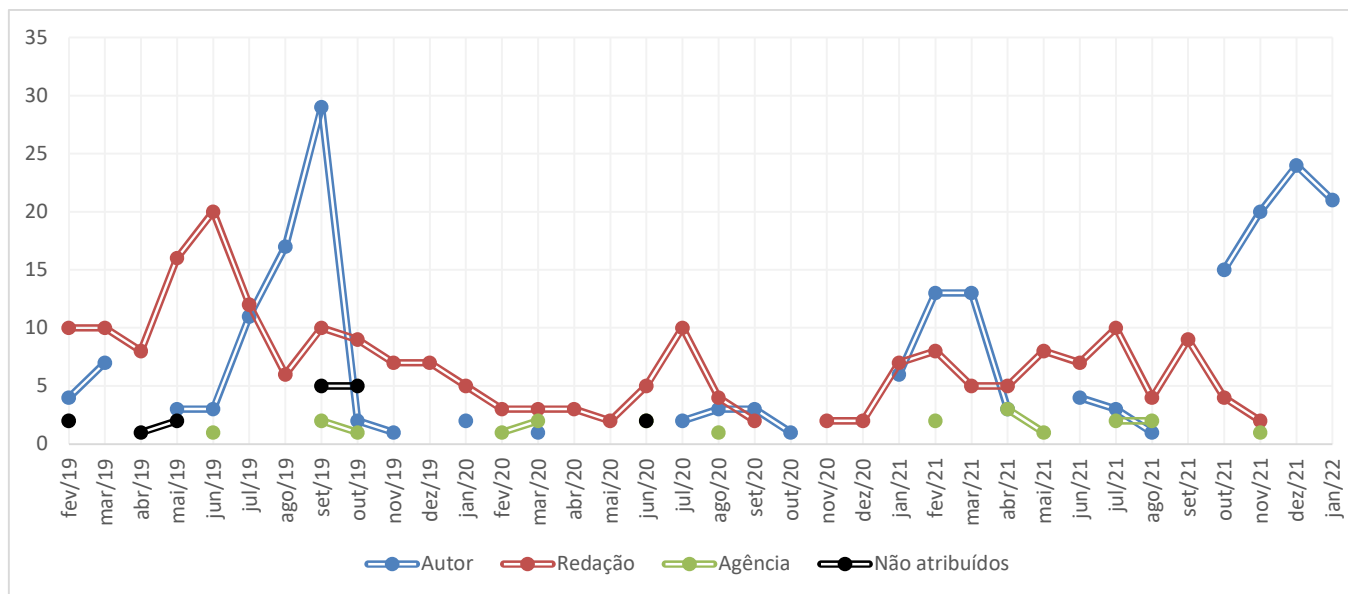


Gráfico 18 – Fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com a sua autoria

Para essa análise, categorizaram-se as peças jornalísticas como se fossem artigos da autoria de uma **redação**, de um **autor** (independentemente do género jornalístico), de uma **agência** de notícias ou, nos casos em que não foi possível aferir o responsável pelo artigo, este foi categorizado como **não atribuídos**, tal como tinha acontecido com outros indicadores.

As peças de redação e autor foram as mais contabilizadas, apesar de a maioria corresponder a apenas um dos órgãos analisados – o *Chlorus*. Comparando o Gráfico 8 com a distribuição dos dados apresentada no gráfico acima, é possível identificar uma correspondência dos números referentes à imprensa generalista com os que retratam a autoria não atribuída ou fruto de informação proveniente de agências de informação, o que demonstra uma limitação de recursos despendidos na cobertura desta modalidade.

A imprensa especializada, aqui retratada pelo *Chlorus*, fez um maior investimento (como também era expectável), pois não só apresenta outro tipo de autores, como as peças

de autor não são fabricadas sempre pelo mesmo, conferindo diversidade na escrita e na forma de construção da realidade.

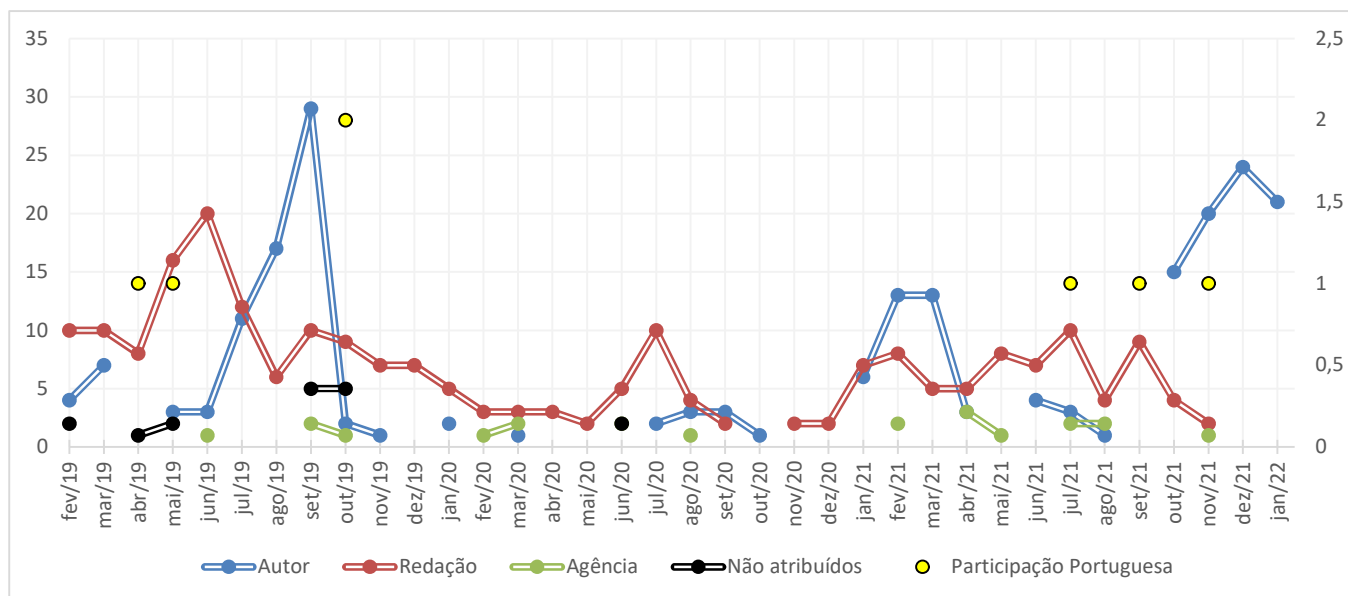


Gráfico 19 –Relação entre o fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com a sua autoria e as participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

Este é mais um indicador que assinala uma mudança na forma de construir a realidade do polo aquático, a partir de novembro de 2021, um fator mais evidente com a análise aos últimos três anos. Nos meses em que Portugal participou nas competições europeias, os textos da redação só não se superiorizaram aos restantes nesse mês, em que prevaleceram os artigos de autor.

Quanto à informação proveniente de agências, apenas abril de 2019 e setembro de 2021 não assinalaram qualquer intervenção por parte destas entidades. Caso contrário, todos os torneios europeus em que Portugal participou foram cobertos pelas agências e tiveram as devidas repercussões na divulgação de notícias sobre a modalidade nos órgãos generalistas. Os dois meses mencionados têm também um comportamento idêntico, no que diz respeito aos artigos de autor – para estes meses, não foram redigidos quaisquer conteúdos deste cariz.

Os “não atribuídos” marcaram as primeiras presenças portuguesas nos campeonatos europeus deste recorte temporal. Com o avançar dos meses, percebe-se que este tipo de conteúdos desapareceu e, possivelmente, converteu-se em textos assinados por autores, redações ou agências. Isto permite aferir um cuidado maior por parte dos órgãos de jornalismo em assinalar a autoria dos textos por eles divulgados.

Um outro procedimento que se quis constatar com a análise destas peças jornalísticas foi a diversidade existente (ou não) de géneros jornalísticos, quando o assunto é polo aquático. Num primeiro balanço de resultados, é possível afirmar que foram encontradas **notas, notícias, reportagens, entrevistas, opiniões, perfis e galerias.**

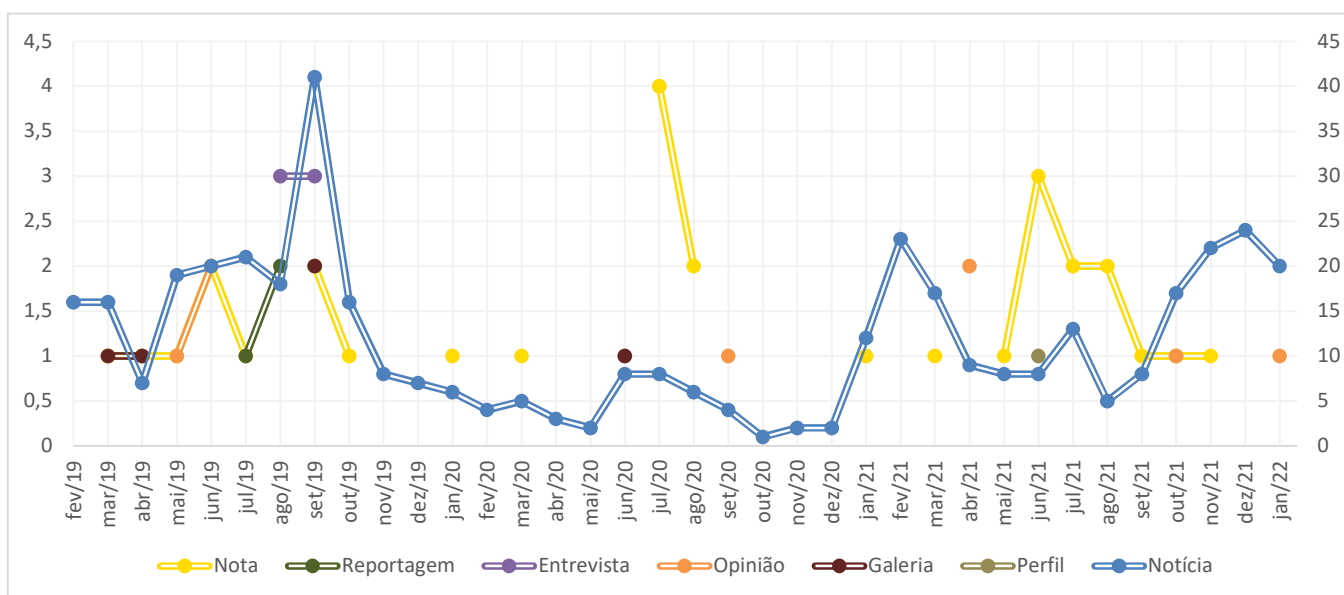


Gráfico 20 – Fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com o género jornalístico

O género jornalístico omnipresente é a notícia e, devido ao elevado número de peças, houve a necessidade de ser representado numa segunda escala (lado direito do gráfico). As notas ganham expressão de forma mais recorrente entre maio de 2021 e novembro de 2021, mês a partir do qual não se voltam a encontrar no gráfico, e as entrevistas, as galerias de imagem e as reportagens alojam-se na primeira metade do período analisado, sendo reflexo de um menor investimento neste tipo de géneros

jornalísticos, empobrecendo a realidade que é construída em torno da modalidade do polo aquático.

Aparecem esporadicamente alguns artigos de opinião e o único perfil traçado assinala-se a junho de 2021 e diz respeito a uma atleta internacional portuguesa.

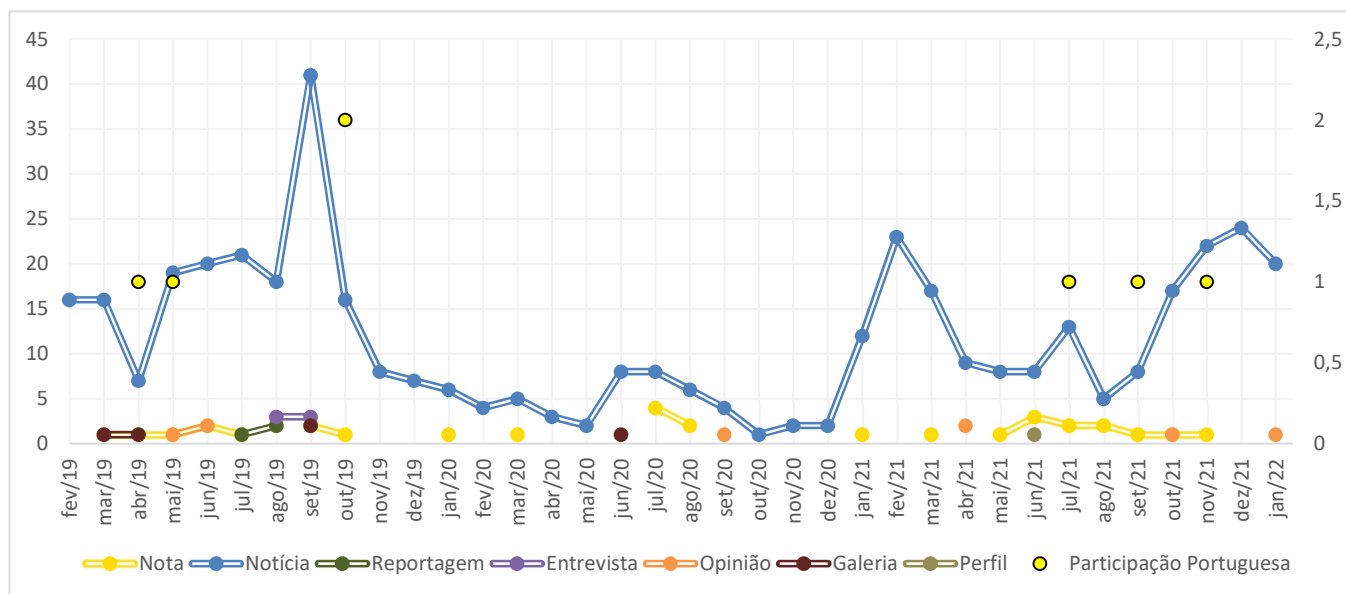


Gráfico 21 – Relação entre o fluxo de peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, de acordo com o género jornalístico e as participações portuguesas nos campeonatos europeus de polo aquático

O gráfico acima, que relaciona as competições europeias de polo aquático em que Portugal participou com os géneros jornalísticos das peças jornalísticas, retrata alguns dos cenários já verificados por outras categorizações, como a semelhança de comportamento de abril de 2019 e setembro de 2021, o pico de notícias que antecipa as duas competições europeias de outubro de 2019, em que se assiste a uma queda abrupta de artigos jornalísticos e o crescimento dos mesmos nos meses de julho e novembro de 2021.

É também possível retirar algumas conclusões exclusivas da diversidade de géneros jornalísticos no decorrer dos últimos três anos. A presença de Portugal nas competições europeias não é forçosamente indicativa de uma maior variedade de peças jornalísticas; pelo contrário, nos meses em que Portugal vai a jogo são normalmente assinalados por notas e notícias, com a exceção de abril de 2019, que foi ainda apresentado com uma galeria de imagens. Apesar de poder não estar diretamente

relacionada com os campeonatos europeus, é um reflexo de uma maior aposta na diversidade dos conteúdos.

Conclui-se que a participação portuguesa nas competições europeias não é responsável pelas alterações que ocorrem na heterogeneidade de peças jornalísticas portuguesas sobre polo aquático. Embora se encontrassem, em todos os gráficos, momentos em que a presença portuguesa nos campeonatos europeus coincidia com uma maior diversidade de recursos, também foram verificados fenómenos contraditórios para as mesmas variáveis, logo, a hipótese não se verifica totalmente.

Hipótese 2

Os valores-notícia aplicados pela imprensa desportiva portuguesa influenciam a perceção sobre a prática do polo aquático em Portugal

Se, na hipótese anterior, foi considerado o número de peças jornalísticas produzidas por mês, para esta segunda suposição interessa averiguar os valores-notícia que estiveram por trás dessas escolhas editoriais e compreender de que forma é que estes critérios podem induzir uma determinada ideia sobre o polo aquático nos leitores.

Para este estudo, foram considerados os valores-notícia substantivos **morte, notoriedade, proximidade, relevância, novidade, tempo, notabilidade, inesperado, conflito, infração**, bem como os valores-notícia de construção **simplificação, amplificação, relevância, personalização, dramatização e consonância**. Tal como os valores-notícia substantivos, também os de construção podem surgir combinados numa mesma peça jornalística.

Procedeu-se à categorização das 475 peças jornalísticas, de acordo com os valores-notícia substantivos e construtivos.

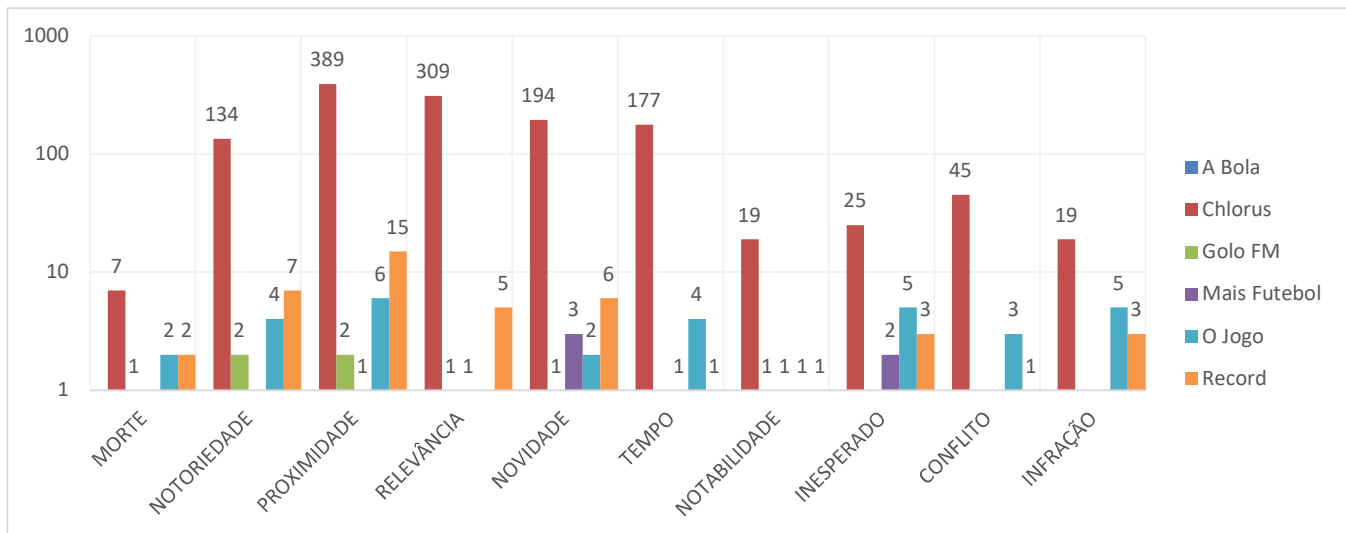


Gráfico 22 – Valores-notícia substantivos presentes nas peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022

Neste tipo de classificação, as combinações mais comuns foram formadas pela “proximidade” e “relevância” e pela “novidade” e “tempo”, detetadas no jornal *Chlorus*, bastante compreensível, tendo em conta o público a que se dirige, para o qual aquela informação é relevante. Neste meio, o fator tempo pesa muito, uma vez que vários atletas se informam a respeito de resultados ou calendários de competições junto deste órgão.

No restante leque da imprensa desportiva portuguesa, predominaram valores-notícia como a “novidade”, o “inesperado” e a “notoriedade”, denotando não só uma relação entre a aposta informativa no polo aquático com os acontecimentos extraordinários que ocorrem na modalidade, mas também um determinado grau de exigência elevado para que estes acontecimentos tenham atenção mediática.

Valores como o “conflito”, a “infração” ou a “morte” sobressaem mais na imprensa generalista do que na imprensa especializada, devido ao baixo número de artigos produzidos sobre a modalidade. Uma vez que é este o tipo de imprensa que é mais lido, caso o público não esteja familiarizado com o contexto português do polo aquático, é inevitável que a sua perceção relativamente à modalidade seja tendencialmente negativa.

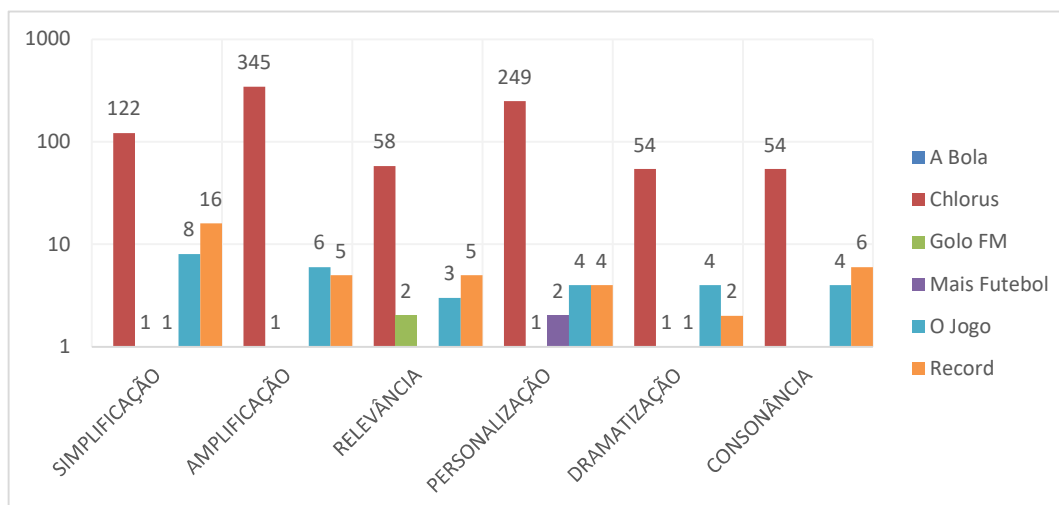


Gráfico 23 – Valores-notícia construtivos presentes nas peças jornalísticas publicadas pelos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022

Semelhante ao que se observou no gráfico anterior, os resultados espelham algumas das combinações mais usuais, evidenciadas durante a categorização, sendo no jornal *Chlorus*, a “amplificação” e “personalização” e a “relevância” e “dramatização”.

Se atentarmos nas várias peças jornalísticas deste órgão, percebe-se que há uma preocupação de ampliar o conhecimento sobre a modalidade e explicar, ao detalhe, o decorrer das diferentes competições, aportando nomes de elementos das equipas e até de árbitros, em vez de simplificar a informação dizendo “a equipa de arbitragem” ou fazendo apenas referência ao clube como um todo. É notável também que, quando se trata de uma competição relevante, procura-se fazer uma “dramatização” do acontecimento, como se se narrasse uma história, com o objetivo de prender o leitor. Deve-se salientar também que este fenómeno foi mais observado em peças jornalísticas relativamente a competições masculinas do que em artigos referentes a campeonatos femininos.

Ao invés do que acontece na imprensa especializada, o gráfico indica que os valores-notícia mais utilizados pelos órgãos de jornalismo desportivo generalistas portugueses é a “simplificação”, podendo ser esta uma das justificações para que haja um conhecimento geral tão rudimentar sobre a modalidade do polo aquático. Logo de seguida, prevalecem os valores-notícia como a “amplificação” e a “personalização”, o que sugere que possa estar a ser empreendido algum esforço para ampliar o conhecimento

junto do público, possivelmente associado a uma maior permeabilidade dos órgãos generalistas a modalidades de menor expressão.

Seguem-se os valores-notícia “relevância” e “consonância”, este último que pressupõe que a informação a ser transmitida esteja de acordo com o conhecimento *a priori* que existe sobre a modalidade. Uma vez que este é escasso, em parte devido à pouca informação divulgada a seu respeito, torna-se complicado ter bases ou referências daquilo que é ou não extraordinário na modalidade.

É importante ainda referir que o facto de a dramatização ficar para último lugar, sobretudo num período em que se assistiu a um crescimento da aplicação de técnicas de *storytelling* às práticas jornalísticas, é um indicador de que não há tanta preocupação em envolver o leitor com o que é transmitido, como acontece nos artigos do jornal *Chlorus*, mas sim divulgar a informação e assinalar os acontecimentos de forma leviana.

Considerando ambos os gráficos que incidem sobre a presença de valores-notícia nas peças jornalísticas analisadas, conclui-se que estes são responsáveis por induzir no leitor uma determinada perspetiva segundo a qual a realidade do polo aquático é percecionada, esta que nem sempre coloca em evidência o verdadeiro carácter da modalidade, uma vez que, nalguns órgãos, as referências diretas ao desporto acontecem em momentos de conflito, morte ou infração.

A transmissão da informação de forma simplificada e, por vezes, sem qualquer tipo de dramatização, sobretudo quando são competições ou jogos “quentes”, acaba por ditar o interesse que o público demonstra (ou não) pela modalidade.

Hipótese 3

As competições femininas de polo aquático recebem menos cobertura mediática do que as competições masculinas

O género é um dos indicadores que permite aferir sobre o grau de construção da realidade que é feita do polo aquático, através do jornalismo. Torna-se pertinente, dado o propósito da investigação, perceber se há algum género que prevaleça na imprensa

desportiva relacionada com esta modalidade e identificar qual é. Para uma abordagem mais transversal, foram consideradas não só as peças jornalísticas publicadas de fevereiro de 2019 a janeiro de 2022, mas também as peças de fevereiro de 2022 para se poder realizar uma análise comparativa entre os órgãos portugueses e europeus, segundo este ângulo.

Tal como já tinha sido constatado na hipótese 1, no que diz respeito ao período entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, foram divulgadas mais peças jornalísticas sobre competições masculinas de polo aquático (303), em comparação com as competições femininas (194) e as competições mistas (30), que se podem resumir no seguinte gráfico circular:

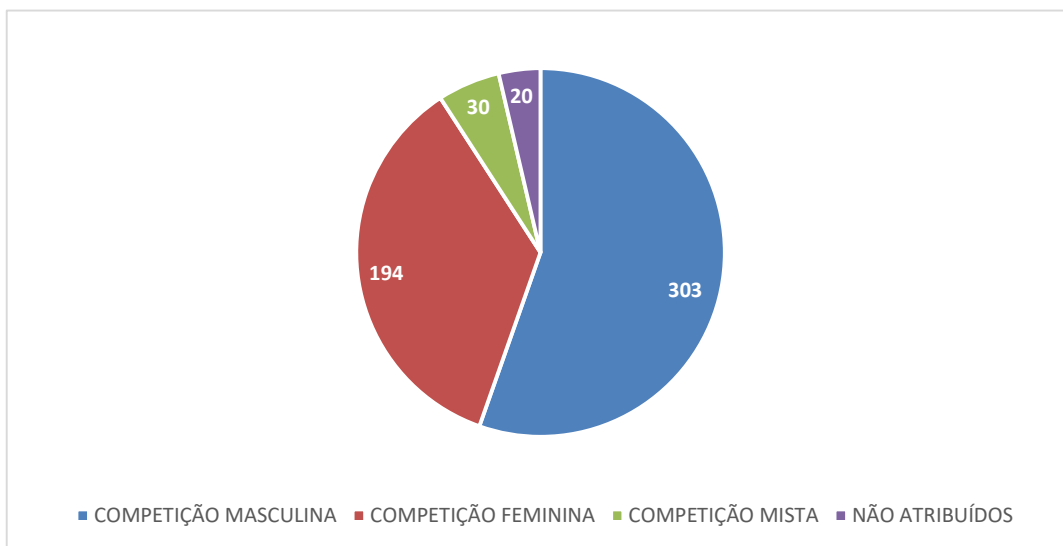


Gráfico 24 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, categorizadas de acordo com o gênero das competições abordadas

Restam apenas 20 artigos que, por não fazerem referência a nenhuma competição específica, foram classificados como “não atribuídos”. Podemos ainda efetuar uma categorização deste indicador, de acordo com o órgão de jornalismo desportivo a que pertence cada um destes textos.

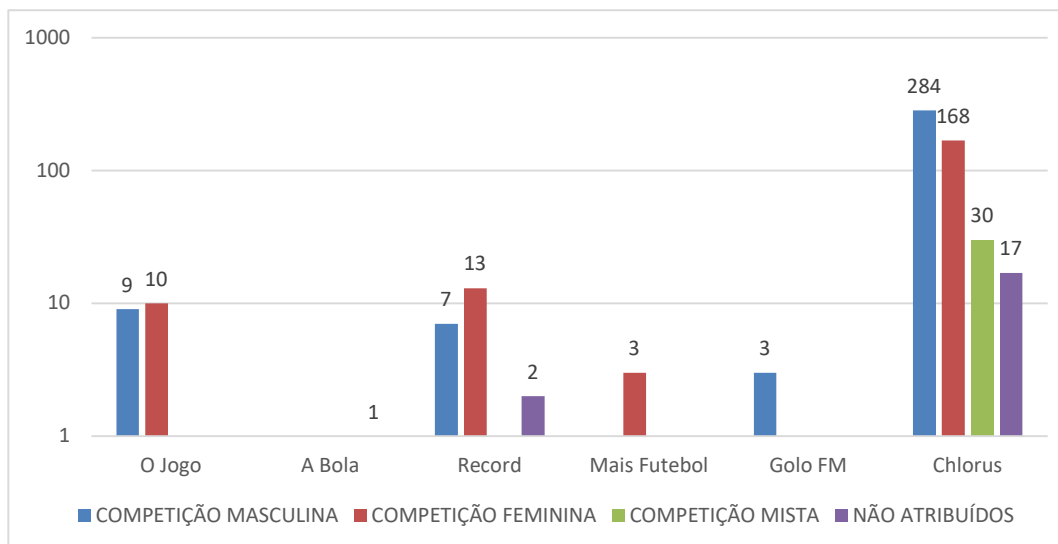


Gráfico 25 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, nos sete órgãos de jornalismo categorizadas de acordo com o género das competições abordadas

Olhando para o panorama geral português, conclui-se que houve mais notícias sobre provas masculinas do que femininas. O mesmo não se verifica quando se considera cada órgão isoladamente. Há mais entidades de jornalismo desportivo a cobrirem as competições femininas de polo aquático (*O Jogo*, *Record* e *Mais Futebol*) do que as masculinas (*Golo FM* e *Chlorus*).

O *Mais Futebol* é o meio que se dedicou apenas à construção da realidade feminina do polo aquático, em Portugal, enquanto o *Chlorus* é o único jornal a cobrir também competições mistas e um dos três que possui peças enquadradas na categoria de “não atribuídos”, juntamente com *A Bola* e o *Record*.

Atentos apenas no mês de fevereiro de 2022, a imprensa nacional restringiu-se ao *Record*, com um artigo sobre competições femininas e três artigos sobre competições masculinas, e o *Chlorus*, dividido em competições mistas, competições femininas e competições masculinas. Apesar do panorama reduzido, é o suficiente para se constatar o mesmo fenómeno que nos meses anteriores.

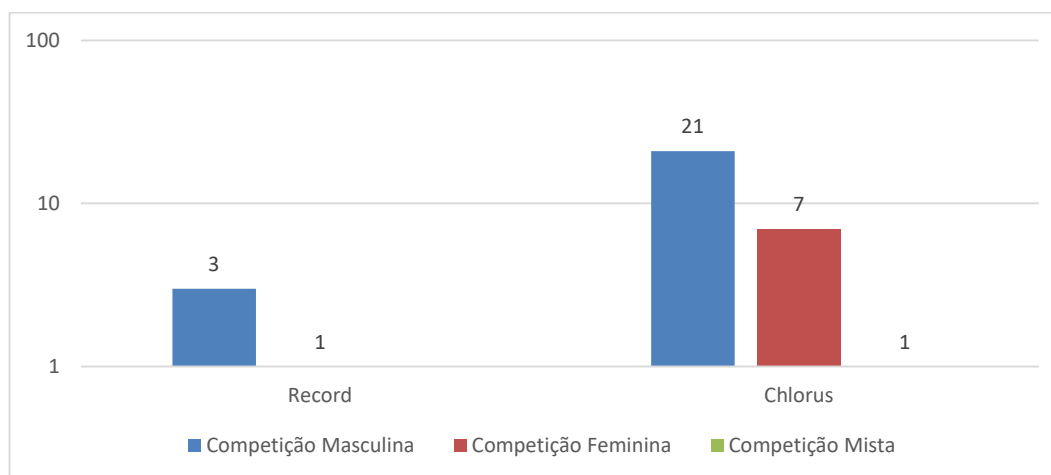


Gráfico 26 – Total de peças jornalísticas sobre polo aquático, em fevereiro de 2022, nos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, categorizadas de acordo com o género das competições

Se nos detivermos na análise detalhada das notícias na imprensa europeia, o cenário é ligeiramente idêntico ao português, durante os últimos três anos. A maioria dos canais de divulgação de informação desportiva concede primazia às provas masculinas, categoria na qual sobressaem o *Nemzeti Sport* e o *Fos*.

O outro órgão focado nas competições deste género é o *24 Sata*, que não possui quaisquer peças jornalísticas dedicadas aos jogos femininos, assim como o *Sport Express*, que, da paupérrima amostra, soma um único artigo nesta categorização. Em compensação, a grande aposta do jornal espanhol *Sport* são as competições das atletas.

A *Gazzeta* possui quatro artigos igualmente distribuídos entre ambos os géneros e nenhum dos jornais europeus se dedicou à cobertura de competições mistas de polo aquático.

Efetuada um balanço final dos resultados analisados, a hipótese 4 confirma-se: as competições femininas de polo aquático recebem menos cobertura mediática do que as competições masculinas, embora quatro dos 12 canais atribuam primazia aos campeonatos femininos.

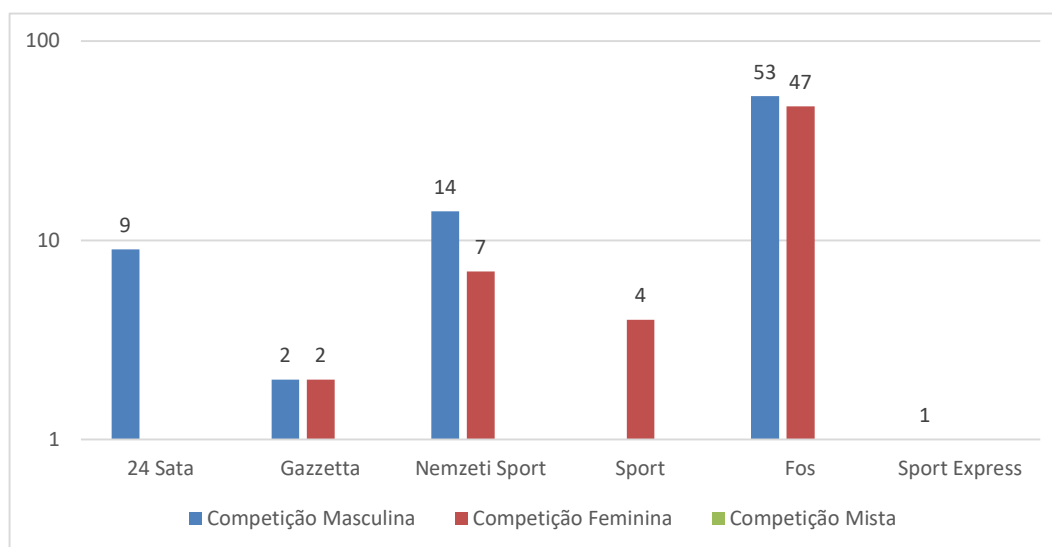


Gráfico 27 – Total de peças jornalísticas sobre polo aquático, em fevereiro de 2022, nos órgãos de jornalismo desportivo europeus analisados, categorizadas de acordo com o género das competições

Hipótese 4

As competições europeias de polo aquático recebem mais cobertura mediática do que as competições nacionais

Seguindo o mesmo raciocínio que na hipótese anterior, foram explorados os indicadores a respeito do âmbito geográfico das competições cobertas pelas notícias analisadas para se responder à constatação acima sugerida. Os resultados permitem compreender como se processou a construção da realidade do polo aquático à luz do tipo de competições a que se atribuiu ou não destaque.

Começando por um balanço dos últimos três anos, a respeito da imprensa desportiva nacional, os números são apresentados em parcelas de um gráfico circular, no qual se pode constatar uma superioridade da cobertura de competições nacionais (292), em contraste com as competições europeias (95) e mundiais (86).

À semelhança do que aconteceu na categorização do género das competições, as notícias em que não foi possível identificar ou não se fez uma distinção do âmbito geográfico da peça jornalística foram consideradas como “não atribuídos” (9).

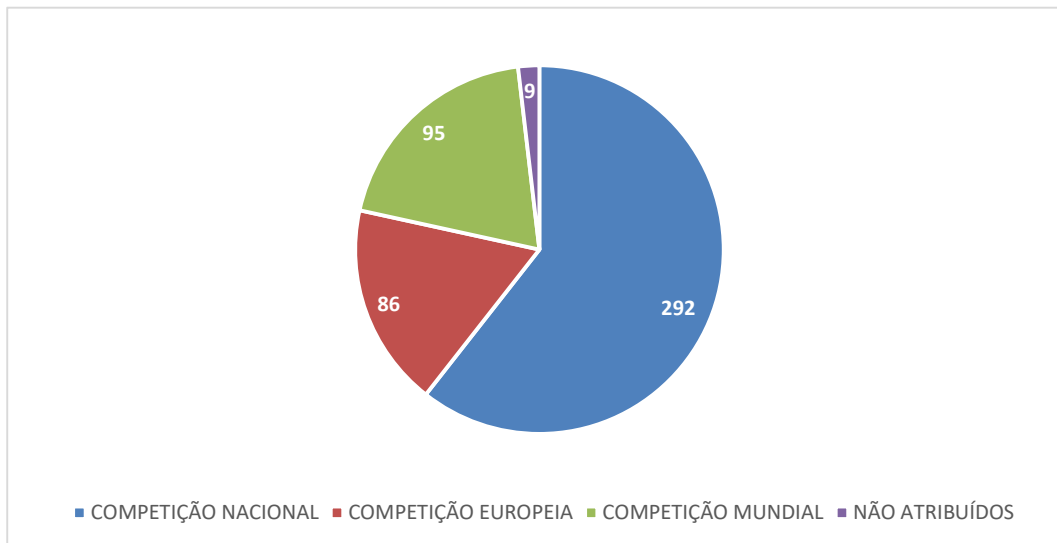


Gráfico 28 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, categorizadas de acordo com o âmbito geográfico das competições abordadas

A supremacia espelhada pelo gráfico circular acima sofre uma transformação quando se separa a amostra consoante os órgãos de jornalismo desportivo em que foram desenvolvidas cada peça. Este segundo gráfico indica que apenas no *Chlorus* é dada a conhecer, mais aprofundadamente, a realidade das competições nacionais de polo aquático. Nos órgãos de jornalismo desportivo generalistas, prevalecem as competições internacionais – europeias e mundiais, se as colocarmos por ordem crescente em número de artigos.

Assim como as restantes competições continuam a ter um espaço mediático no jornal *Chlorus*, também nos canais generalistas, nomeadamente n’*O Jogo*, *Record* e *Mais Futebol*, se verifica um investimento, embora mais reduzido, na cobertura das competições nacionais, intervenções que se resumem ao anúncio dos vencedores das principais provas do escalão de absolutos (masculinos e/ou femininos).

Resta ainda assinalar que o único artigo publicado pelo jornal *A Bola*, a respeito do polo aquático, teve por base uma competição nacional.

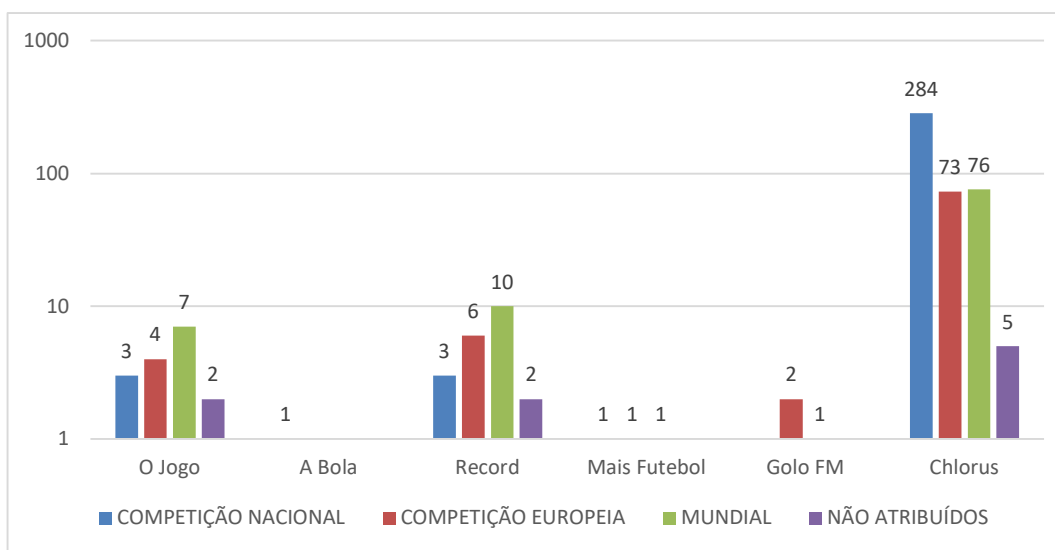


Gráfico 29 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático, entre fevereiro de 2019 e janeiro de 2022, nos sete órgãos de jornalismo categorizadas de acordo com o âmbito geográfico das competições abordadas

Se considerarmos o mês de fevereiro de 2022, restringindo-nos, mais uma vez, aos jornais *Chlorus* e *Record*, é na realidade deste último que se sentem as maiores diferenças. Enquanto nos últimos três anos, este órgão de comunicação deu mais atenção às competições mundiais, seguidas das europeias e só depois às nacionais, o gráfico de barras abaixo revela que, durante o novo recorte temporal considerado, foram divulgadas mais peças sobre as competições nacionais (2), ficando os textos sobre as competições de âmbito europeu e internacional com apenas um artigo cada.

O *Chlorus* manteve a diferença entre as competições nacionais e as restantes que já lhe era característico no retrato elaborado ao longo dos últimos três anos.

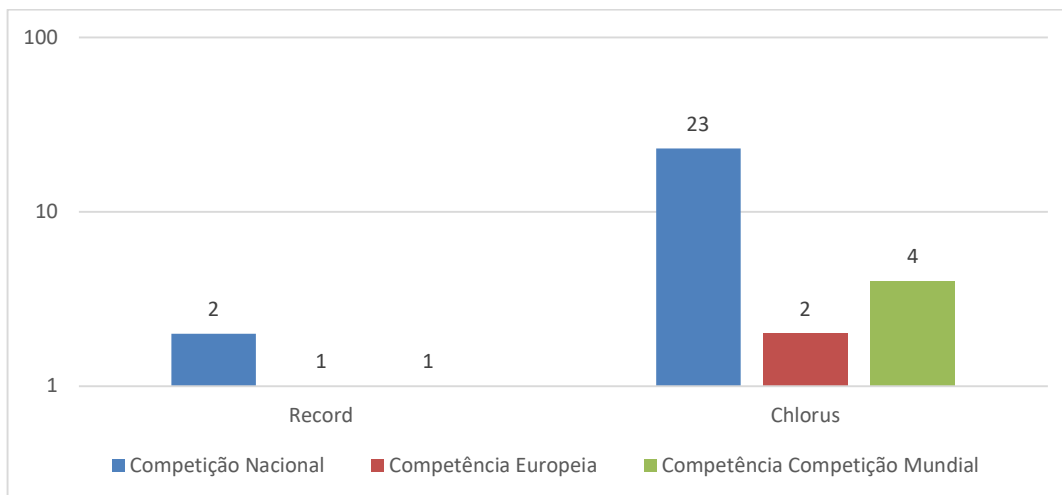


Gráfico 30 – Total de peças jornalísticas sobre polo aquático, em fevereiro de 2022, nos órgãos de jornalismo desportivo portugueses analisados, categorizadas de acordo com o âmbito geográfico das competições

Passando para o contexto da imprensa desportiva europeia, três dos órgãos analisados dão prioridade às competições nacionais, sendo que o *Sport* se dedica apenas a esse âmbito geográfico. É de relembrar que este é o mesmo órgão que só cobre as provas femininas de polo aquático.

Salienta-se ainda uma diferença mais acentuada que se verifica entre as peças sobre competições nacionais e as restantes no jornal *Fos*, transporta, em menor escala, para a realidade do *Nemzeti Sport*, que possui onze artigos de âmbito nacional e oito de âmbito europeu.

O *Sport Express* e a *Gazetta* são aqueles que não apostam, nem na construção da realidade nacional, nem europeia da modalidade, e optam por dar total enfoque nas competições mundiais. A única peça de referência direta do jornal russo insere-se na categoria internacional, assim como os quatro conteúdos do *Gazzetta*.

Há ainda o *24 Sata*, onde as competições nacionais são as menos retratadas, com dois textos redigidos neste âmbito, e as competições europeias e mundiais se encontram equiparadas, ambas com uma diferença de duas peças em relação às nacionais.

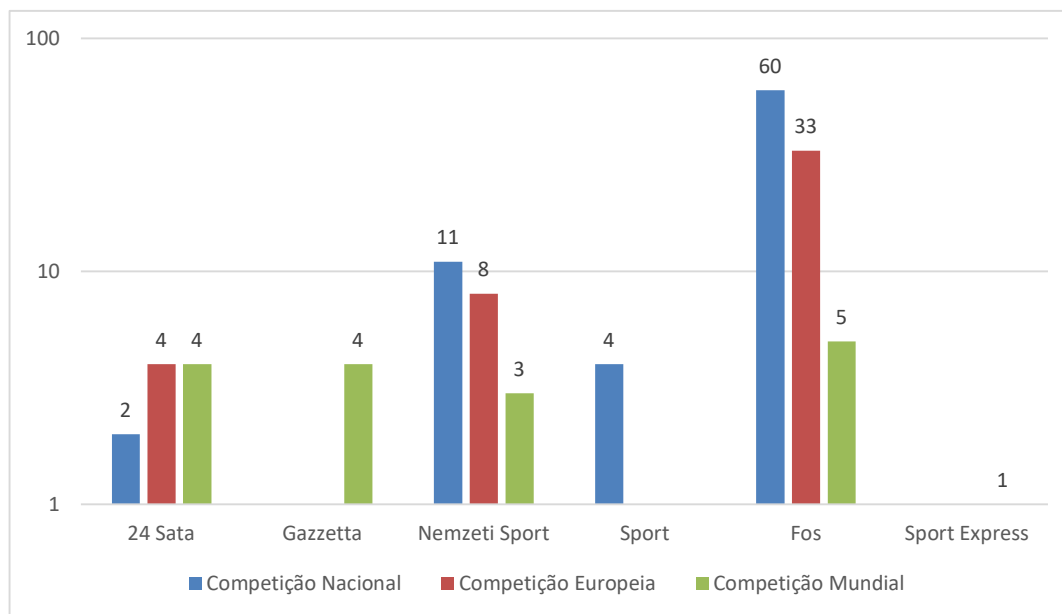


Gráfico 31 – Total de peças jornalísticas sobre polo aquático, em fevereiro de 2022, nos órgãos de jornalismo desportivo europeus analisados, categorizadas de acordo com o género das competições

Retificando a hipótese colocada a respeito destes dados, há mais órgãos de jornalismo desportivo a cobrirem competições nacionais do que europeias. Na imprensa portuguesa, prevalecem as competições europeias, enquanto na imprensa dos outros países europeus analisados se observa o contrário, com um destaque maior para as competições nacionais.

Hipótese 5

Os países onde se realizaram mais campeonatos europeus de polo aquático e/ou que conquistaram mais títulos nessas competições são os que apostam mais na cobertura mediática da modalidade

Teoricamente, não há grande tradição da cobertura mediática de polo aquático em Portugal. Neste sentido, é interessante compreender como é o comportamento da

imprensa desportiva nos países que vencem mais campeonatos europeus e/ou onde se organizam mais competições, comparando-os com a realidade portuguesa.

Tal como fora mencionado no início do capítulo, para esta análise comparativa consideraram-se os países que ocupavam as três primeiras posições das listas dos mais vencedores e dos mais organizadores de competições europeias de polo aquático. Apuraram-se os países Hungria, Espanha e Rússia, no que diz respeito aos organizadores dos eventos, e a Hungria, a Espanha, a Itália, a Grécia e a Rússia (estes três últimos na terceira posição da lista), em relação aos países com mais títulos conquistados.

De forma a perceber se a possível diferença da cobertura mediática entre esses países e Portugal era exclusiva, acrescentou-se ainda um país a esta lista, a Croácia, que arrecadou uma vitória numa das edições do LEN European U17 Championship (F) e organizou uma competição europeia de polo aquático.

Portugal organizou, até à data, duas competições e não ganhou nenhum título europeu. Estando a Croácia num nível acima de Portugal, em termos de vitórias, e num patamar abaixo, se tivermos em consideração o número de campeonatos organizados, é possível retirar, desta comparação, conclusões relativamente aos dois indicadores que se propõem nesta hipótese como influenciadores de uma maior ou menor cobertura mediática do desporto em questão.

Depois de selecionados os países, escolheu-se, aleatoriamente e com base nos meios de comunicação disponíveis no website *Futpapers*, um órgão de jornalismo desportivo de cada nacionalidade a analisar, o que resultou na opção pelos jornais *Fos* (Grécia), *Nemzeti Sport* (Hungria), *Sport* (Espanha), *Gazzetta* (Itália), *Sport Express* (Rússia) e *24 Sata* (Croácia). Consideraram-se todas as notícias sobre polo aquático que foram publicadas pelos mesmos durante o mês de fevereiro de 2022. Ao mesmo tempo, percorreram-se as notícias dos jornais desportivos já analisados para as hipóteses acima e fez-se o mesmo recorte temporal.

Recolhidas as informações, foi possível construir um gráfico onde se reflete o número de notícias sobre polo aquático publicadas em fevereiro de 2022, em todos os canais examinados, tanto os portugueses como os estrangeiros.

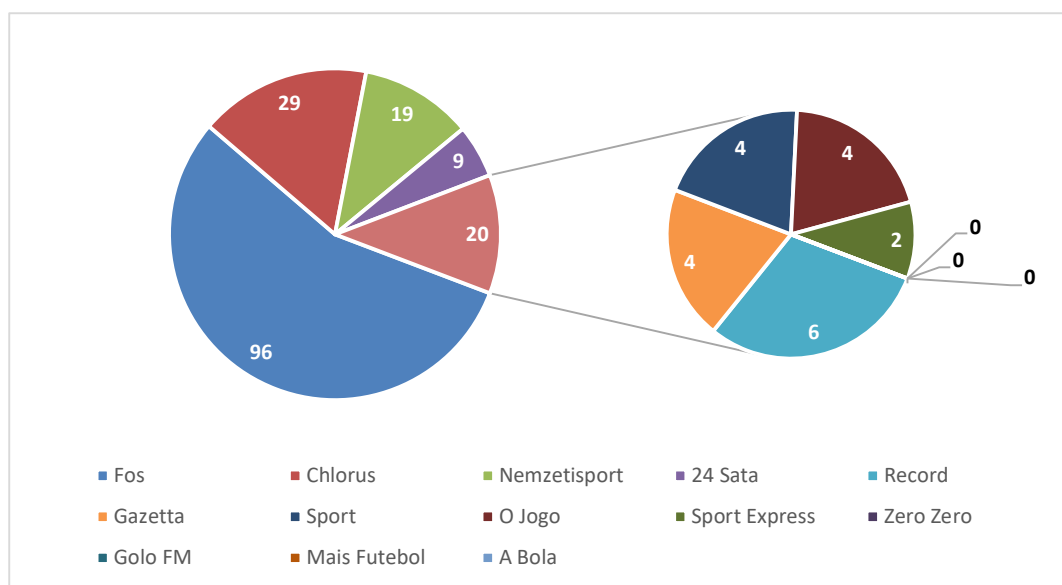


Gráfico 32 – Total de peças jornalísticas sobre polo aquático, em fevereiro de 2022, nos órgãos de jornalismo desportivo europeus e portugueses analisados

Foram publicadas 173 notícias, sendo que 39 dizem respeito à imprensa desportiva portuguesa – quatro do jornal *O Jogo*, todas de referência indireta, 29 do *Chlorus*, todas de referência indireta e seis do *Record*, dois artigos *Premium*, um de referência indireta e três de referência direta – e 134 pertencentes à imprensa europeia – 96 podem ser encontradas no website oficial do *Fos* e as restantes notícias distribuem-se pelo *Nemzeti Sport* (19), *24 Sata* (9), *Sport* (4), *Gazetta* (4) e *Sport Express* (2), sendo que uma desta última é de referência indireta.

Embora sejam poucos os países que possuem uma imprensa desportiva tão pobre em polo aquático como Portugal, verifica-se que, nos três países mais aclamados pelas medalhas europeias e/ou os que organizam os seus campeonatos, não se produzem peças jornalísticas na mesma medida. A Grécia, por exemplo, que ocupa um dos terceiros lugares dos países com mais vitórias nas provas europeias de polo aquático, foi o que divulgou mais peças jornalísticas, durante o mês de fevereiro de 2022, ultrapassando, em larga escala, países como a Hungria ou a Espanha que, além de estarem à frente no que respeita a títulos, foram também sede de 12 e oito campeonatos, respetivamente. Também a Espanha, que, tal como dito anteriormente, se encontra no segundo lugar de ambas as listas, no que respeita à produção de peças jornalísticas, se equipara à Itália com apenas quatro artigos publicados, em fevereiro de 2022. Já a Croácia, a imprensa que foi

escolhida para servir de controlo desta análise comparativa, com nove notícias, ultrapassa os números de todos os órgãos portugueses com a exceção do *Chlorus*, refutando, uma vez mais, a ideia de que os organizadores dos eventos europeus de polo aquático possuem mais visibilidade, e sobrepõe-se também a alguns dos outros países europeus, nomeadamente a Rússia, a Itália e a Espanha.

Atendendo apenas às peças em que se verifica uma referência direta a este desporto, o jornal desportivo português *Record* contabilizou mais conteúdos do que o *Sport Express*, que totalizou apenas um. É plausível que o *Chlorus*, enquanto imprensa especializada, possua mais artigos do que qualquer um dos restantes canais de comunicação. Mesmo assim, os seus 29 textos não são suficientes para se colocar em primeiro lugar, deixando o pedestal livre para o *Fos*, este que constitui um órgão de jornalismo desportivo generalista.

É notório que a prestação obtida nas competições europeias de polo aquático não seja condizente com a atenção mediática que é conferida à modalidade em cada um dos países, sendo possível concluir que não será a reputação europeia que dita o comportamento jornalístico em relação a esta modalidade, que poderá ser influenciada por aspetos de cariz cultural das próprias nações ou decisão editorial das próprias redações jornalísticas.

Hipótese 6

Em fevereiro de 2022, Portugal produziu menos notícias sobre polo aquático do que as restantes imprensas desportivas analisadas

Considerando as peças jornalísticas, divulgadas durante o mês de fevereiro de 2022, quer na imprensa desportiva portuguesa, quer nas restantes imprensas desportivas europeias analisadas, basta que o número de publicações de um determinado órgão de jornalismo desportivo seja inferior ao número de artigos divulgados por um dos canais da imprensa desportiva portuguesa para que a hipótese seja refutada.

Revisitando os números inicialmente apresentados, os órgãos de jornalismo desportivo portugueses publicaram 39 artigos sobre polo aquático, sendo que só 32 têm como tema principal o polo aquático (Gráfico 6).

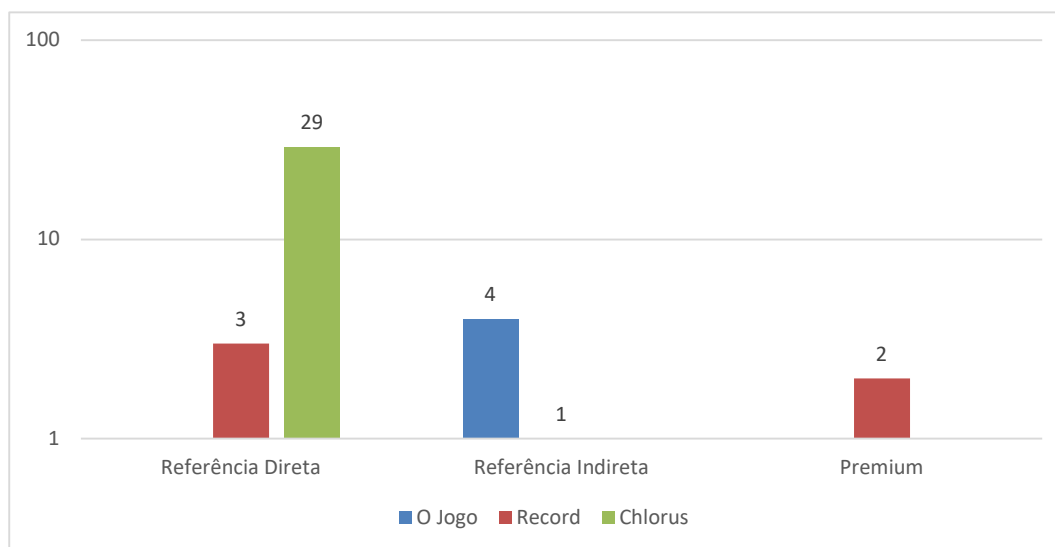


Gráfico 6 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático em fevereiro de 2022, nos sete órgãos de jornalismo desportivo nacionais analisados

Tendo em conta apenas os títulos com referência direta ao polo aquático, é possível identificar o número de peças jornalísticas publicadas por cada órgão de jornalismo desportivo. Na imprensa portuguesa, o *Chlorus* foi o que apresentou mais publicações (39), seguido unicamente pelo *Record* (3), fenómeno igualmente constatado noutros períodos já analisados neste trabalho.

A imprensa europeia totalizou 133 peças jornalísticas com referência direta à modalidade em questão e mais uma, produzida pelo *Sport Express*, com referência indireta a este desporto (Gráfico 7).

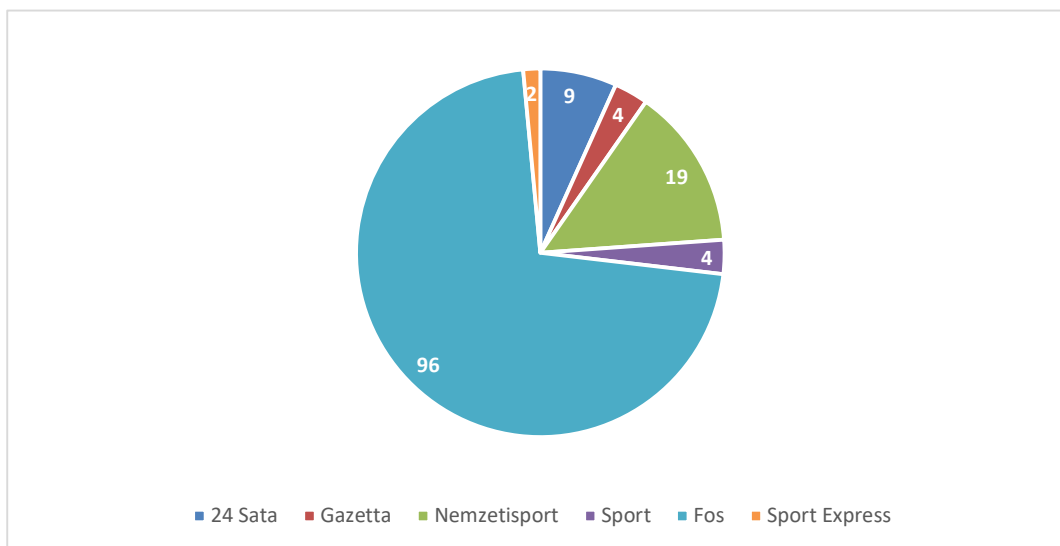


Gráfico 7 – Total de peças jornalísticas com referência ao polo aquático, em fevereiro de 2022, na imprensa desportiva europeia analisada

A nível europeu, o *Fos* foi o meio que divulgou mais artigos (96), denotando uma discrepância em relação ao *Nemzeti Sport* (19), este que ainda consegue manter uma distância significativa do periódico *24 Sata* (9), assim como do *Gazzeta* (4) e do *Sport* (4), ficando o *Sport Express* para último lugar, com apenas duas notícias sobre polo aquático, durante o mês de fevereiro de 2022.

Reunidos estes dados, é possível concluir que há jornais desportivos generalistas europeus com maior produção jornalística acerca do polo aquático do que qualquer um dos órgãos de jornalismo desportivo portugueses, incluindo o *Chlorus*, caracterizado como imprensa desportiva especializada. Há também jornais europeus com menos publicações do que os jornais portugueses, como é o caso do *Sport Express*.

É de salvaguardar que os resultados não se encontram influenciados pela guerra que se vive entre a Rússia e a Ucrânia. Se for realizada uma retrospectiva em relação aos meses anteriores ao início da guerra, o fluxo de peças jornalísticas relativas a polo aquático, neste órgão russo, continua a ter pouca expressão, havendo inclusive períodos em que não se verifica qualquer tipo de publicação.

Análise quantitativa – Verificação de hipóteses

Percorridas todas as hipóteses da investigação, chegou o momento de fazer um balanço de cada uma e averiguar a sua retificação ou vetação, consoante os resultados obtidos. Na hipótese 1, procurou-se compreender se os meses em que Portugal ou equipas nacionais participaram nas competições europeias de polo aquático foram os mesmos meses em que se deu um maior investimento na cobertura mediática da modalidade. Para a analisar, consideraram-se indicadores como o género e o âmbito geográfico das competições, a fotografia de primeira página, os protagonistas, a autoria e os géneros jornalísticos das peças jornalísticas.

Para cada um dos indicadores, traçou-se uma linha temporal, mês a mês, desde fevereiro de 2019 a janeiro de 2022 e, num segundo momento, assinalou-se no gráfico os meses em que Portugal esteve presente nas competições europeias.

Percebeu-se que nem sempre a participação portuguesa nas competições europeias era motivo para um maior investimento por parte das redações. É fácil de constatar este fenómeno através dos meses abril de 2019 e setembro de 2021, representativos desse baixo nível de investimento, em comparação com outros períodos como fevereiro de 2021, que não coincidiu com nenhuma das provas consideradas.

É possível estender esse fenómeno a um outro mês – outubro de 2019 –, durante o qual Portugal participou em duas competições europeias de polo aquático, uma feminina e outra masculina. No entanto, a repercussão mediática ficou aquém do potencial que tinha para familiarizar os leitores dos jornais desportivos portugueses sobre a modalidade de polo aquático. Também durante essa análise se compreendeu que tal facto se devia a uma certa dependência da informação proveniente das agências noticiosas, sobretudo, por parte da imprensa desportiva generalista.

Embora a hipótese 1 seja falsa, foi através desta que se identificou um fenómeno curioso referente a setembro de 2019. Devido à quantidade de peças jornalísticas produzidas e ao âmbito mundial das competições abordadas nesse período pelos média desportivos, tudo indica que, nesse mês, ocorreram campeonatos mundiais de polo aquático, organizados pela FINA, entidade que não se mostrou muito presente enquanto protagonista das peças jornalísticas neste período.

Nesse sentido, seria relevante, numa futura investigação, descortinar o que aconteceu, de facto, e se houve ou não campeonato mundial e respetiva participação portuguesa, de modo a justificar aquele pico que se pode encontrar em todos os gráficos elaborados para esta análise.

Passando para a hipótese 2, esta centrou-se nos valores-notícia pelos quais determinados assuntos foram merecedores de um espaço mediático. Para esta hipótese, classificaram-se as peças jornalísticas consoante os valores-notícia substantivos e de construção que eram transmitidos pelas mesmas, com o objetivo de compreender se estes valores-notícia podiam ter alguma influência na maneira como a informação era percebida pelos leitores.

A hipótese revelou-se verdadeira, na medida em que os valores-notícia servem como lentes segundo as quais se enquadra e recorta a realidade que se quer construir. Se uma peça jornalística tiver como base valores como a “morte” ou a “infração”, algo recorrente naquelas que são partilhadas pelos órgãos generalistas a respeito do polo aquático, é normal que seja essa imagem negativa que vai ser projetada na mente dos leitores que não conhecerem a modalidade.

As poucas notícias produzidas pela imprensa generalista passam também uma ideia de que o polo aquático em Portugal está quase extinto, quando, ao analisar as peças jornalísticas produzidas quase diariamente pelo *Chlorus*, se percebe que está sempre alguma coisa a acontecer na modalidade. Por outro lado, foi possível verificar na entrevista com Joaquim Sousa, do *Chlorus*, que, apesar da atenção dada por esta redação ao polo aquático, este desporto “não tem peso suficiente que justifique que os outros órgãos de comunicação social façam páginas de conteúdos relacionados com a modalidade”.

É possível validar a hipótese 2, uma vez que os jornais desportivos portugueses e os outros órgãos de jornalismo são responsáveis por formatar e dimensionar o conhecimento em relação à realidade, moldando-o através dos valores-notícia veiculados nas notícias.

Quanto à hipótese 3, esta assentava na ideia de que as competições femininas recebem menos cobertura mediática do que as masculinas. A abordagem realizada perante esta hipótese levou em consideração os órgãos de jornalismo desportivo nacionais e

européus. Procedeu-se a um recorte temporal do mês de fevereiro de 2022 e esmiuçaram-se as peças jornalísticas europeias e portuguesas que foram classificadas consoante o género da competição que abordavam.

Conclui-se, com a observação dos resultados, que, de modo global, há uma tendência para a cobertura mediática de mais provas masculinas do que femininas, o que vem retificar a hipótese colocada. Porém, se se tiver em conta os órgãos de jornalismo desportivo isoladamente, este fenómeno altera-se, visto que há jornais a optarem pela cobertura exclusiva de um género (masculino ou feminino) e outros ainda em que o número de peças jornalísticas dedicadas a cada uma das competições é o mesmo.

Procurou-se aferir, na hipótese 4, se as competições europeias eram merecedoras de uma cobertura mediática maior do que as competições nacionais. Foi preciso perceber quais as competições que estavam implícitas em cada um dos artigos produzidos, em fevereiro de 2022, pelos vários órgãos de jornalismo desportivo. Se se tiver em conta os números gerais desta categorização, verifica-se uma maior cobertura das competições nacionais, embora, no contexto português, se continue a dar primazia às competições europeias ou mundiais, equilibrando os números obtidos na imprensa europeia, que, salvo raras exceções, apostam mais na cobertura das competições dos próprios países. A hipótese é, por isso, refutada pelos números totais e estes vetaram a constatação sugerida, ao demonstrarem que havia mais competições nacionais a serem cobertas pelos média do que europeias.

Passando para a hipótese 5, esta relacionava-se com os países que venceram mais campeonatos europeus, desde 2015, e com os que tinham sido os organizadores de mais provas de polo aquático da LEN. O objetivo era perceber se os países que mais campeonatos tinham ganho e/ou organizado eram também os que tinham uma imprensa desportiva mais vasta no âmbito do polo aquático.

Para uma análise transversal e comparativa deste fenómeno, consideraram-se os países que ocupavam os três primeiros lugares de ambas as listas e ainda um outro (a Croácia), que, não pertencendo ao Top3, serviria de controlo dos restantes.

Esta relação não foi verificada, pois havia países que, embora ocupassem o terceiro lugar da lista, como o caso da Grécia, possuíam uma imprensa desportiva mais rica do que alguns países posicionados no topo das classificações.

Uma vez que a cobertura mediática da modalidade não está ligada à conquista de títulos, coloca-se a hipótese de poder estar relacionada com aspetos culturais dos diferentes países, princípio que poderá estar na base de uma próxima investigação a respeito deste tema.

Por último, a hipótese 6 permitiu desenvolver uma análise comparativa mais global, com o intuito de perceber, no quadro europeu, em que posição é que se encontrava Portugal, tendo como referência a cobertura mediática feita à modalidade de polo aquático. Para obter conclusões nesta hipótese, levou-se novamente em conta o mês de fevereiro de 2022, visto ser o mais recente à data da investigação e para o qual tinham sido recolhidos dados portugueses e europeus.

Os resultados sugeriram que Portugal não foi o país que publicou menos peças jornalísticas sobre polo aquático. A Rússia, aqui representada pelo *Sport Express*, produziu menos conteúdos do que o *Record*, o jornal português que, entre aqueles que redigiram peças sobre o tema, foi o que menos primazia concedeu a esta modalidade.

A hipótese “Em fevereiro de 2022, Portugal produziu menos notícias sobre polo aquático do que as restantes imprensas desportivas analisadas” revela-se falsa, uma vez que se encontrou um país abaixo de Portugal no *ranking* considerado.

A investigação termina com a validação de duas hipóteses (hipóteses 2 e 3) e quatro falsas (hipóteses 1, 4, 5 e 6). Embora sejam mais as erradas do que as certas, o balanço é positivo, dado que a investigação e o trabalho em geral cumpriram a função de desmistificar algumas das ideias pré-concebidas sobre a construção que acontece da realidade do polo aquático e mostrando que ainda há espaço para investir na cobertura mediática da modalidade.

Análise qualitativa – Entrevistas

No ano de 2022, o polo aquático contou com 931 atletas federados, 766 masculinos e 165 femininos. Perante números consideravelmente superiores a 1920, em que a imprensa deu um contributo importante para a angariação de 130 atletas nas competições nacionais com a publicação de notícias a respeito da modalidade e das suas provas, torna-se pertinente compreender o que mudou no panorama jornalístico para que o polo aquático não seja, atualmente, uma modalidade mediática.

Para obter respostas a esta questão, realizaram-se entrevistas a elementos da redação do *Zero Zero* e *Record*, enquanto imprensa desportiva generalista; do *Chlours*, que representa a imprensa desportiva portuguesa especializada em modalidades integradas na Federação Portuguesa de Natação (FPN); e ao único responsável pelo gabinete de comunicação da FPN para compreender como é produzida e divulgada a informação relativa ao polo aquático em Portugal.

Durante as conversas com os três jornalistas, foram identificadas seis razões para a ausência (quase total) do polo aquático no panorama mediático na imprensa desportiva nacional: **falta de informação sobre a modalidade, pouca clareza na informação existente, falta de recursos nas redações, o espaço dedicado ao futebol, o ambiente em que os jogos acontecem** e foi identificada a **ausência de valores-notícia que justifiquem a cobertura deste desporto**.

Embora o *Record* e o *Zero Zero* façam um acompanhamento do polo aquático, que se concretiza em notícias esporádicas, e no *Chlours* haja o compromisso quase diário de noticiar a modalidade, todos estes meios evidenciam uma escassez na informação disponibilizada.

Diogo Jesus, jornalista do *Record*, começa por dar conta deste desafio, referindo-se à falta de peças sobre esta prática como algo transversal às modalidades com menor popularidade: “Muitas vezes, há dificuldade em receber informação sobre esses desportos menos conhecidos e, devido à falta de recursos humanos, é cada vez mais complicado investir tempo na procura de informação. É fundamental que as federações menos mediáticas trabalhem cada vez mais no sentido de se aproximarem dos jornais e não esperar o contrário.” Uma prova deste distanciamento foi a resposta de Pedro Cunha, jornalista do *Zero Zero*: “É um desconhecimento total sobre aquilo que é feito pela

Federação e sobre aquilo que é o polo aquático em Portugal e nós não temos mãos a medir.”

Do lado da Federação, em palavras de Cipriano Lucas, o único elemento do departamento de comunicação, “a partir de um determinado momento, as federações perceberam que os órgãos de comunicação social não iam acompanhar as modalidades. Até a televisão pública RTP retrocedeu naquilo que era a visibilidade mediática das várias modalidades”. Como tal, a FPN começou a produzir os seus próprios conteúdos, através do *site* e, mais recentemente, da Natação TV.

No que diz respeito à informação libertada para os meios de comunicação, Cipriano Lucas não esconde os desafios causados pela escassez de recursos humanos e tempo, que têm implicações no envio da informação sob a forma de *press releases*: “Como tenho um problema de *timing*, em vez de mandar tudo logo de uma vez e passado uma hora e meia, envio a primeira informação, que também fica nas redes sociais, e vou atualizando no *site* a informação com mais profundidade, conforme vou recebendo.”

Embora tenha uma abordagem especializada nas modalidades da FPN, Joaquim Sousa, do *Chlorus*, partilha do sentimento dos restantes jornalistas, no que diz respeito à receção de informação sobre polo aquático. Conforme relatado pelo jornalista, excetuando a Associação de Natação do Norte de Portugal e o Clube Fluvial Portuense, que têm um profissional ligado à comunicação, há uma ausência de fontes de informação, colmatada pela equipa do *Chlorus*, que tem de “pesquisar nas redes sociais e nos *sites* dos clubes, ou através dos corredores das piscinas para perceber se há alguma coisa noticiável”.

No caso do *Record*, “é cada vez mais complicado investir tempo na procura de informação” e, como reconhece Diogo Jesus, “o futebol tem consigo a maioria dos jornalistas”, sugerindo que a ausência de modalidades menos mediáticas neste meio de comunicação advém de uma opção editorial e não da falta de recursos, uma vez que estes são investidos maioritariamente na cobertura de acontecimentos futebolísticos. Cipriano Lucas (FPN) não fica indiferente à hegemonia do “desporto-rei”, apontando-o como um obstáculo a ultrapassar para que o polo aquático seja um tema mediático: “O futebol é um eucalipto tal que seca tudo à volta e nós, ainda por cima, somos um desporto aquático. O futebol acaba por ser de tal maneira avassalador que rouba tanto espaço na comunicação às restantes modalidades.”

Apesar da falta de comunicação sobre o que acontece no polo aquático português, Joaquim Sousa destaca os avanços comunicacionais da FPN em relação a esta modalidade, com o aparecimento da ata eletrónica e da disponibilização de uma plataforma de resultados: “A criação da ata eletrónica e do *live score* permite, ao minuto, acompanhar os resultados dos jogos e obter a respetiva ficha técnica para disponibilizar no *site*. Se calhar, no passado, havia muitas dificuldades em fazer notícias de polo porque as folhas só estavam disponíveis tardiamente e mediante o envio das atas dos árbitros para a Federação.”

Referindo-se aos progressos dos últimos anos relacionados com a comunicação e apresentação de resultados, Cipriano Lucas interpreta-os como um “grande salto qualitativo” para a Federação, mas não esconde que os resultados podem ser decisivos para atrair os jornalistas, mas as equipas envolvidas nas competições também despertam a atenção mediática: “A nível de comunicação social nacional, o momento em que há um bocadinho mais de atenção acontece quando há uma seleção a competir num torneio internacional. O resultado é sempre determinante, seja da seleção ou dos clubes. A questão clubística é fundamental. Outro momento incontornável é quando há títulos nacionais, em que se define um campeão.” Contrariando a escassez de notícias que se observam a nível nacional na imprensa desportiva generalista, o mesmo profissional refere que “acaba por ser a comunicação regional a dar mais atenção a estes temas, porque têm uma maior ligação com o grupo da localidade a que pertencem”.

No *Zero Zero*, a ausência de resultados de polo aquático significativos a nível nacional é um dos motivos para que não exista um investimento na cobertura mediática da modalidade. Como explica Pedro Cunha, “tem de ser mesmo algo que valha a pena”, o que, em métricas jornalísticas, exige que o número de visualizações das peças jornalísticas sobre polo aquático estejam ao mesmo nível do que as notícias sobre os três grandes clubes de futebol (Sporting, Benfica e Porto). Mesmo tendo conhecimento de que as métricas não abonam a favor do polo aquático, Joaquim Sousa sublinha que as diferenças discrepantes entre o número de notícias produzidas nas diferentes disciplinas “tem a ver com a disciplina em si e com o tipo de eventos e competições, no âmbito de cada uma delas, e não com o número de visualizações”.

Pedro Cunha também dá nota da influência que as receitas têm na produção jornalística: “A partir do momento que temos menos dinheiro, temos menos jornalistas.

A partir do momento que temos uma redação mais curta, somos obrigados a fazer uma triagem muito mais apertada em relação àquilo que vamos noticiar. O que é que essa triagem, no seu ponto final, vai resultar? Nos três grandes e no futebol.” Tendo em conta esta linha de pensamento, o défice mediático do polo aquático poderia ser colmatado com um investimento maior nas equipas do Sporting e do Benfica, o que, na opinião de Cipriano Lucas, pode ser contraproducente para a existência da modalidade a nível nacional: “O polo precisa de um clube forte para poder evoluir. Por um lado, neste modelo, só podemos evoluir se estiver inserido num dos três grandes (o ciclismo também sofre disso), mas por outro, gera alguma contradição porque os restantes clubes sentem-se asfixiados e perdem atletas.”

A crise financeira que o jornalismo atravessa torna, considera Pedro Cunha, do *Zero Zero*, “as redações reféns do departamento comercial, ou seja, dos *sponsors* e do seus anunciantes”. Por uma questão de rentabilidade, estes optam por se aliar ao futebol em detrimento de outras modalidades, condicionando a produção jornalística e decisões editoriais, enquanto garantem o apoio dos patrocinadores e atraem um maior número de leitores.

Mesmo sem patrocinadores e com poucos assinantes, o *Chlorus* continua a produzir conteúdos das várias disciplinas da natação. A mais procurada é a natação pura, tal como acontece nos canais generalistas e que, segundo Joaquim Sousa, corresponde a 80% das visitas no *site*. Seguem-se o polo aquático, que reconhece ocupar-lhe mais tempo do que a realidade nacional da modalidade o justifica, e a natação artística, por esta ordem. Para Joaquim Sousa, o problema está na necessária mudança de paradigma social sobre o consumo de informação por parte do público. “Há aquela ideia de que as pessoas consomem informação e não têm de pagar. Têm de se habituar que, para estarem a ler um determinado conteúdo, alguém teve de o fazer e esse trabalho tem de ser pago. Vai ser complicado mudar esta realidade”, defende.

Pedro Cunha admite que é humanamente impossível fazer um “acompanhamento justo” de modalidades como o polo aquático, xadrez, patinagem artística e natação. “Enquanto jornalista, tenho de reconhecer que, ou acontece algo muito extraordinário em que Portugal esteja presente, como o campeonato da Europa ou do mundo, ou então é muito difícil.”

Por outro lado, Diogo Jesus é defensor da ideia de que “há sempre espaço para novas modalidades”, mas confessa que o principal desafio, nessas ocasiões, “é mostrar ao público a razão pela qual o jornal está a dedicar mais espaço e importância a uma determinada modalidade mediática do que às tradicionais”. Por esse motivo, é necessário que esses acontecimentos estejam ancorados a valores-notícia fortes, de modo a facilitar essa justificação. “As novas modalidades precisam de ter uma figura de referência que ajude a capitalizar a importância desses temas no jornal”, concretiza. Através da personalização da notícia, coloca-se o protagonista, ou seja, o (a) atleta no centro da ação, em torno da qual se aborda a modalidade propriamente dita.

De acordo com este jornalista, “quando há um desportista português que tenha sucesso numa área pouco conhecida no mundo do leitor, ocorre sempre um crescente aumento de interesse durante um determinado período, não sendo garantido que esse foco perdure”, o que leva a crer que o efeito novidade possa ser considerado um dos critérios substantivos inerentes à presença mediática de modalidades extraordinárias.

A notabilidade de “resultados significativos” também justificam, continua, “uma superior importância em relação às já referidas históricas modalidades de referência”. Porém, noticiar esta conquista da modalidade não invalida que a mesma não volte a desaparecer do mapa mediático algum tempo depois. Um desses exemplos é o xadrez que, aquando do aparecimento da série *Gambito de Dama*, na Netflix, motivou o *Zero Zero* a produzir uma reportagem sobre o desporto, mas, como “o fenómeno se esgotou um bocadinho ali, não se justificou a criação de uma secção na plataforma sobre esta modalidade”.

Se o tempo não joga a favor de alguns desportos, como é o caso do polo aquático, há outros, como a Fórmula 1, que beneficiam dele. Quem o argumenta é Pedro Cunha, evidenciando a consonância e a proximidade, na vertente cultural, como alguns dos motivos para o ressurgimento desta modalidade nos média. “O grande circuito existe há 50 anos, esteve presente nas nossas televisões quase semanalmente. Portanto, há aqui uma lógica de continuidade.”

Uma última razão pela qual o polo aquático não se apresenta como atrativo para os meios de comunicação surge associado ao ambiente dos jogos, quer ao local em que estes são realizados, quer aos problemas da própria modalidade.

Relativamente ao ambiente social dos jogos, a convicção de Joaquim Sousa é a de que “as pessoas que estão no polo aquático são responsáveis por aquilo que se produz e pela imagem que se dá para os órgãos de comunicação social”. Nesse sentido, acontecimentos como “agressões, árbitros a irem à água, irregularidades nas inscrições, etc.” não favorecem a imagem do desporto, só por si violento, junto do público e dos meios de comunicação.

Ao falar dos desafios de pertencer ao mundo do polo aquático e ser jornalista da mesma modalidade, em simultâneo, Joaquim Sousa partilha ainda que nem sempre são conjugáveis: “Não consigo escrever apenas sobre resultados, sabendo, de antemão, que há outras coisas que são noticiáveis e que são negativas, mas que vão criar ruído. No entanto, todos se conhecem dentro da modalidade e as pessoas afetadas com a notícia podem criar uma onda de contestação.”

Apercebendo-se dessa falta de abertura da modalidade para abordar os temas que são verdadeiros objetos de notícia e poderiam resultar de valores-notícia fortes, é possível que jornalistas como Joaquim Sousa acabem por desistir de dar visibilidade à modalidade, em prol de continuarem ligados ao desporto. Consequentemente, a ausência de outro tipo de informação que não seja a de resultados leva ao desinteresse, por parte dos jornalistas, em noticiar o polo aquático.

Cipriano Lucas apresenta um exemplo que contradiz o postulado acima e que denota uma falta de interesse e de espaço na imprensa desportiva para temas de fundo relacionados com o polo aquático: “O Paredes ganhou a taça de Portugal. Ao falar com o treinador, percebi que ele era ‘só’ uma das grandes figuras do polo aquático brasileiro. Foi aos Jogos Olímpicos como jogador; foi treinador das melhores equipas brasileiras; ganhou torneios e campeonatos brasileiros, além de ser comentador das seleções brasileiras dos Jogos Olímpicos. Pergunto-me como é que este homem, com este currículo, a treinar uma equipa portuguesa sem muitos meios - e ele próprio reconhece isso-, não é motivo de atenção por parte da comunicação social. Claro que coloquei esta entrevista nas redes sociais e fiz estas propostas a jornalistas, mas nunca há espaço.”

Quanto às infraestruturas destinadas ao polo aquático, Cipriano Lucas começa por assumir que “há muitos problemas com as piscinas – não há internet, espaço e equipamento definido para fazer uma transmissão de qualidade. Na transmissão de um jogo internacional, quase que dá para vermos o que está a acontecer debaixo de água,

enquanto numa transmissão portuguesa parece que está tudo às escuras, nem se sabe se foi golo ou não”. Esta lacuna vai ao encontro de um dos critérios contextuais analisados anteriormente – a visibilidade, ou seja, a possibilidade de apresentar, sob registo visual, um acontecimento –, o que, devido às condições em que se realizam os jogos de polo aquático em Portugal, torna difícil a captação de qualquer tipo de som ou imagem durante as provas.

Mesmo sendo possível fotografar os jogadores durante o pré-jogo ou a apresentação das equipas, ou os treinadores durante os jogos, o verdadeiro valor-notícia está no conflito que se gera entre adversários dentro de água, momentos em que a captação se torna desafiante, devido à espuma em que os elementos se encontram envoltos dentro de água. O resultado de todas estas dificuldades de captação leva a que, no momento de seleção de notícias, estes se tornem ilegíveis, em contrapartida com outros, que permitam, com nitidez, elaborar a reconstrução de um acontecimento.

Capítulo IV – Jornalismo e telenovela: os opostos que se atraem

Assumindo naturalmente que jornalismo e telenovela são dois universos de naturezas completamente distintas e até antagónicas, uma vez que um tem como matéria-prima a verdade, e o outro a ficção, mesmo que inspirada na realidade, estes formatos partilham, curiosamente, algumas semelhanças, desde logo na sua génese, até mais do que seria expectável e cuja evolução não conseguiu esbater. As similitudes encontram-se discriminadas ao longo deste capítulo, permitindo uma melhor compreensão do formato escolhido para o projeto da presente dissertação.

A origem do jornalismo e da telenovela remontam ao pasquim, um manuscrito de publicação irregular, anónimo ou não, que, a partir do século XVII, se vulgarizou como um instrumento para difamar, criticar e atacar figuras da sociedade ou acontecimentos atuais (Silva, 1789). Estes documentos eram produzidos por membros da classe média baixa e jornalistas pouco prestigiados (Góes, 2019), que, com recurso a caricaturas e outro tipo de ilustrações, apresentavam a atualidade, revestida com uma camada ficcionada e cómica, com o objetivo de a criticar sem serem apreendidas e sem que os seus autores fossem punidos.

No século XIX, com o aparecimento do folhetim, o jornalismo e a ficção desdobraram-se em dois formatos distintos que coexistiam num mesmo documento. Cada edição era constituída por notícias e, no rodapé da última página, pelo excerto de uma narrativa longa e complexa (do ponto de vista da teia de personagens e acontecimentos), que terminava com um momento de suspense, incentivando o público a adquirir a edição seguinte (Torres, 2015).

Quando o folhetim migrou para a rádio, essas narrativas começaram a viver como produtos independentes das edições jornalísticas, levando a que estes dois formatos se comesçassem a desenvolver separadamente. Com a transposição das radionovelas para a televisão, estas passam a denominar-se telenovelas e as histórias ganham uma componente visual.

O distanciamento das telenovelas ao folhetim não atenuou a preocupação com “a busca de verosimilhança que abarca não só situações como questões bancárias ou

doenças, mas também o respeito pelo passar do tempo da narrativa, que acompanha todos os dias da semana, incluindo sábados e domingos, e chega a pormenores como o tempo que uma personagem leva a chegar de uma casa à outra” (Torres, 2015, pp. 41 e 42).

Para alcançar essa verosimilhança, os argumentistas concretizam um trabalho de pesquisa e seleção de situações a abordar, tal como o jornalismo, contribuindo para a credibilização das personagens da história. Após a pesquisa de informação a incluir no produto final, argumentistas e jornalistas, na sua respetiva área de atividade, desenvolvem os conteúdos que, antes de serem entregues ao público, passam por um crivo final. O editor do órgão de comunicação, no caso do jornalismo, e o argumentista principal, no caso da telenovela, examinam atentamente o trabalho dos restantes colegas e cortam ou alteram detalhes para que o produto final se torne apelativo para o consumidor (Torres, 2015).

Note-se que o emprego do termo “apelativo” não significa que os editores e argumentistas principais procurem introduzir algum tipo de subjetividade nos produtos finais. Tanto o jornalismo como a telenovela estão sujeitos a métodos e técnicas de produção rigorosos que impedem qualquer tipo de marca autoral nos trabalhos divulgados com o público. No jornalismo, há um compromisso do jornalista para com o público em como as notícias são um “índice do real” e que “(...) os profissionais do campo jornalístico não irão transgredir a fronteira que separa o real da ficção” (Traquina, 1988); na telenovela, “(...) o resultado será sempre uma cena de telenovela de acordo com as convenções do género” (Torres, 2015, p. 56).

Ainda que o jornalismo atue com base na verdade dos factos e a telenovela tenha uma natureza ficcional, mesmo que seja inspirada em acontecimentos reais, “tanto a representação discursiva da realidade, tal como se concretiza, por exemplo, (...) no discurso jornalístico e científico, como a representação discursiva de mundos imaginários, como, por exemplo, nos discursos de ficção, (...) consistem num processo idêntico de encenação da experiência” (Rodrigues, 2003, pp. 17-18), ou seja, o que é apresentado ao público, em ambos os casos, não são os próprios acontecimentos, mas sim uma construção dos mesmos, que ele apreende e incorpora no seu imaginário como verdadeiros.

Por esse motivo, as notícias são, muitas vezes, consideradas «estórias», pois “embora as notícias não sejam ficção, [são] uma «estória» sobre a realidade, não a

realidade em si.” (Bird & Dardenne). No entanto, as notícias não possuem uma conotação ficcional porque o público consegue confrontar o discurso nelas produzido com a própria realidade e averiguar a sua veracidade (Rodrigues, 2003). Em relação às telenovelas, por não se tratar do mundo real, os espectadores consideram normal uma certa dose de exagero ou irrealismo, mas, embora não haja nenhum acontecimento real ao qual as telenovelas correspondam, pretendem que os nós narrativos sejam um retrato da realidade. Quando assim não o é, a confiança entre o público e o produto é quebrada.

Em ambos os casos, o resultado é uma construção da realidade com uma validade interna, dotada de “maioria sociológica” (Torres, 2015), ou seja, de presença de vozes da maioria social sobre os temas que retratam e a construção, e que obedece à composição da intriga de uma narrativa estipulada por Ricoeur (1994), por reunirem “(...) eventos múltiplos e dispersos e assim esquematiza[r] a significação inteligível que se prende à narrativa considerada como um todo” (Ricoeur, 1994, p. 10).

Estes discursos situam-se no presente. “No jornalismo, configuramos narrativas do presente com uma forte influência de um tempo passado, ao passo em que almejamos alcançar explicações de um tempo por vir” (Borela, 2020, p.4) porque o propósito das notícias é transportar-nos para a atualidade a que reportam. No caso das telenovelas, o recurso ao presente do indicativo estimula a relação do espectador com o seu quotidiano, assim como com os códigos e as referências culturais atuais da sociedade.

Um outro princípio similar à telenovela e ao jornalismo é a ideia de que estas narrativas se inserem numa linha cronológica, entre um passado e um futuro que é conhecido pelo consumidor. Não obstante, “o facto de partirem da pressuposição de que os leitores possuem todo um conjunto de conhecimentos que não possuímos torna relativamente incompreensível a própria descrição da realidade relatada” (Rodrigues, 2003, p.28), daí que a ausência de referências acerca de determinada realidade dificulta a adesão do público a esses conteúdos.

Quando a relação entre o público e a peça jornalística ou a telenovela é bem construída, estes formatos ganham o poder de *Agenda Setting*, uma teoria definida por Maxwell McCombs (1972) que explica o papel determinante destas indústrias na definição dos temas da agenda pública.

Tal como foi explorado noutros capítulos, o jornalismo não é permeável à introdução de temas pouco noticiados, a não ser que estes, por algum motivo, estejam enraizados em valores-notícia fortes. Por esse motivo, o poder de *agenda setting* desta indústria circunscreve-se aos assuntos publicados, sobre os quais Temer e Mendonça referem que “(...) a ordem de aparição dos temas e a importância que é dada pelos meios de comunicação para cada um destes, são fatores determinantes que virão a compor o processo de interpretação (...)” (2015, págs. 198 e 199).

Do lado da telenovela, existe alguma margem para abordar outros temas que não são tão noticiáveis e que passam a pertencer a “(...) uma dimensão de aprendizagem e informação [da telenovela] que permite aos espectadores manterem e atualizarem a sociabilidade com amigos e colegas, mas especialmente com familiares, servindo de pretexto para conversas, seja sobre o que se viu, seja sobre o que está para vir” (Torres, 2015, p. 113).

Tanto o jornalismo como a telenovela contribuem, deste modo, para a definição e alargamento do espectro temático sobre o qual se produz conhecimento. Dialogando com o imaginário dos consumidores, estes produtos vão modificar a sua agenda individual, que terá as devidas repercussões nas conversas com os pares, transpondo esses mesmos temas para a agenda pública.

“O facto de a telenovela representar um espaço de ‘fantasia’ (...) poderia ser considerado um limitador no que diz respeito ao seu poder de agenda” (Coutinho, 2000, p. 6), mas “querer intervir no mundo, não apenas pela estética, mas também pelos temas no conteúdo é, decerto, uma pulsão inata da ficção.” (Torres, 2015, p.106). Como refere o mesmo autor, esta é uma das razões pelas quais a telenovela não hesita em “cobrir a sociedade verticalmente, dos ricos aos pobres, e dos velhos aos adolescentes (...), reproduzindo ou caricaturando realidades que conhecemos à nossa volta.” (2015, p. 37). Além da sua extensão, quer em tempo, como em número de intervenientes (cerca de 40 personagens), luxúrias a que o jornalismo não se pode permitir, “a ficção facilita essa possibilidade, pois, assistindo ao seu universo paralelo, o espectador está mais predisposto a debater ou incorporar temas, incluindo a mudar de ideias, que não aceitaria no universo da realidade quotidiana” (p. 106).

As semelhanças partilhadas pelo jornalismo e telenovela, ambos considerados “um espaço em que é possível encontrar no outro a identificação com a própria história”

(Medeiros, 2005), motivam a utilização de estratégias híbridas para a construção dos acontecimentos a que se propõe. O jornalismo, por exemplo, recorre a técnicas de *storytelling* para contar «estórias» e, quando motivado por valores-notícia, noticia o aparecimento, existência ou conclusão de uma telenovela. Por sua vez, pode dar-se o caso de uma telenovela basear a sua história em acontecimentos da realidade e da pauta jornalística, dando origem ao chamado *merchandising social*, ou ainda escolher profissionais de jornalismo como protagonistas dos enredos que pretendem construir.

O fascínio das telenovelas pela atividade jornalística deve-se, sobretudo, ao carácter enigmático e forte dos jornalistas, bem como à ausência de conhecimento sobre a sua vida pessoal, permitindo a especulação, por parte dos autores de ficção. A presença de personagens jornalistas no universo ficcional, como é o caso de Mónica Amado, da telenovela *Por Ti*; Júlia, da série *Inspetor Max*; Will McAvoy, de *The Newsroom*; Dijana Mitrovic, de *Novine*; ou Frank Bascombe, no livro *O Jornalista Desportivo* de Richard Ford, entre tantos outros exemplos, permite não só a crítica a comportamentos a estes associados, como o alcoolismo, o cinismo, o mercenarismo ou a ignorância (Senra, 1997), mas também traçar uma linha narrativa clara da história, baseada na investigação jornalística, que em muito se assemelha à jornada do herói, identificada por Campbell como o modelo narrativo clássico mais recorrentemente utilizado na ficção.

As várias construções que são erigidas destes profissionais no campo ficcional resultam num imaginário coletivo sobre o que é o jornalismo e promove as tais reflexões, referidas anteriormente, sobre os comportamentos dos jornalistas, bem como debate algumas das problemáticas com que se defrontam no exercício da sua profissão. Como capítulo final deste trabalho, propõe-se um projeto de uma telenovela que serviria não só de complemento ao imaginário anteriormente referido, mas também teria como objetivo a reflexão sobre as práticas diárias no jornalismo desportivo da atualidade, sobretudo no que diz respeito às modalidades de menor expressão mediática.

Capítulo V – Telenovela “30 segundos”

Contexto

Os valores-notícia, apresentados e analisados neste trabalho à luz da imprensa desportiva, “(...) são códigos específicos de contar «estórias»” (Bird & Dardenne, 1988), ou seja, fórmulas que permitem relatar acontecimentos e nas quais estes se devem inserir para poderem ser noticiados. Todos aqueles que não se encaixarem nestas fórmulas, de modo a serem compreendidos por um maior número de pessoas, acabam por ser descartados durante o processo de produção jornalística. É o que acontece com as modalidades desportivas de reduzida expressão mediática, fenómeno concretizado neste trabalho através do exemplo do polo aquático.

Conforme demonstrado no capítulo anterior, tal como o jornalismo orienta o pensamento do público sobre um determinado tópico, também a ficção, através da influência que tem sobre os hábitos, tendências e ideais da população, imprime os temas para os quais a sociedade deve estar desperta. É por isso que, desafiando a potencialidade e a permeabilidade destas indústrias, se apresenta, neste capítulo, um projeto de ficção para contrariar a falta de atenção mediática do polo aquático, em Portugal.

De entre os vários formatos de programas de ficção, optou-se, neste trabalho, pela apresentação de um projeto de telenovela pelos motivos elencados nos próximos parágrafos.

Em primeiro lugar, devido à recorrente utilização, pelos autores das telenovelas, de estratégias de *merchandising social* para legitimar e aproximar as narrativas do público, seja para abordar questões como o “*book rosa*”, uma realidade das agências de modelos retratada em *Verdades Secretas* (Silva, 2015), o tema da violência doméstica em *Amor Maior* (Ganchas, 2021) ou a parentalidade positiva em *Para Sempre*.

Uma outra vantagem da telenovela que ditou a opção por este formato é que esta “não tem como fugir aos estereótipos da Gata Borralheira e aos valores tradicionais (...)” (Torres, 2015, p.39), pelo que, por mais disruptivo que seja o tema abordado, como é o caso do polo aquático, o espectador continuar-se-á a relacionar com o produto através desses traços narrativos (“os maus perdem sempre”, “o amor vence”, etc...),

característicos do próprio formato. Essa aproximação é também garantida, como demonstrado, por narrativas situadas no presente do indicativo, partilhando com o espectador, os mesmos códigos culturais vigentes na sociedade, facilitando a apreensão do conteúdo.

O último motivo prende-se com as características da sociedade portuguesa e os seus hábitos de consumo. Os estudos revelam que as telenovelas, em conjunto com o desporto e o jornalismo, ocupam espaços privilegiados na programação dos canais televisivos portugueses e detêm as maiores audiências (Obitel, 2021). Complementariamente a esta informação, dados mais recentes da CAEM/MediaMonitor, retirados da YUMI Analytics Desktop, revelam que os maiores consumidores de telenovelas, entre abril e julho de 2023, pertencem às classes D e E, numa média de 39% e 30% respetivamente, e têm idades compreendidas entre os 55 e os 74 anos.

Tendo em conta que o número de emigrantes portugueses em 2021, com idades inferiores a 55 anos, representava cerca de 94% dos emigrados (PORDATA), e que a maior taxa de emigração incide sobre as camadas mais jovens, prevê-se que o consumo de televisão portuguesa por estas faixas etárias seja cada vez mais rudimentar. Por outro lado, as características sociais e as dificuldades económicas das famílias portuguesas colocam-nas nas classes sociais mais baixas (classes D e E), contribuindo para o aumento dos indicadores acima expostos.

Por este motivo, a telenovela revela-se como o produto de ficção mais consumido pelos portugueses em território nacional e, conseqüentemente, aquele que terá maior aceitação perante o público. Segundo McCombs (2011), são os ávidos consumidores deste formato que sentem um maior impacto do fenómeno do *agenda setting*, uma vez que “as representações sociais que as pessoas constroem ao longo das suas vidas é altamente vinculada aos meios de comunicação” (Temer e Mendonça, 2015, p. 204), sendo um indício de que o tema para o qual se pretende sensibilizar através deste projeto cumprirá as suas funções.

Assente na ideia de que “um drama popular, como as telenovelas, (...) para algumas pessoas pode ser muito mais informativo ou educativo do que uma notícia” (Andrade, 2002, p.19), segue-se a apresentação do projeto de telenovela *30 Segundos*, o tempo que Cipriano Lucas, responsável pela comunicação da Federação Portuguesa de Natação, pede que a imprensa desportiva dedique ao polo aquático.

TELENOVELA “30 SEGUNDOS”

LOGLINE

Para que o polo aquático seja tema nos média, Bruna, jornalista de uma rádio de desporto, envolve-se em crimes e mentiras que, ao serem expostos, colocam em risco a sua carreira de atleta e fazem renascer segredos há muito guardados na família.

CONCEITO

Bruna, uma jogadora de polo aquático que inicia a carreira jornalística numa rádio de desporto, está empenhada em trazer a modalidade que pratica há dez anos para a agenda mediática. Embora a resistência da redação nesta proposta seja justificada por uma crise financeira, Bruna descobre que há algo mais por detrás daquilo que aparenta ser uma decisão editorial. Enredando-se em crimes e mentiras para tentar aprofundar a questão, Bruna dá por si a descobrir segredos há muito guardados no cais da piscina e na sua família que, ao serem revelados, comprometem a sua permanência no polo aquático. O mistério, o drama, a comédia e o romance estão convocados para esta telenovela de 90 episódios, cada um com 45 minutos, que dá a conhecer um desporto pouco representado em Portugal, enquanto explora algumas questões do jornalismo desportivo da atualidade.

SINOPSE GERAL

Bruna Morais, jornalista em início de carreira, acredita que o polo aquático, desporto que pratica há dez anos, tem potencial para se tornar num tema mediático. Por isso, quer convencer os colegas jornalistas da rádio Penalti, sobretudo Rita, chefe da redação, de que se deve investir na cobertura mediática desse desporto.

Rita impede que Bruna publique peças jornalísticas que abordem o polo aquático, por considerar ser um assunto irrelevante. Tudo muda com a morte de Diamantino, o treinador de polo aquático do Nortágua. Quem lhe sucede é Hugo, um futebolista em ascensão, já reconhecido na esfera mediática, e namorado de Carlota, uma das atletas da equipa. A presença de Hugo desempenha na equipa nortenha de polo aquático servem de gancho para que Bruna comece a introduzir a modalidade na agenda mediática da rádio Penalti.

É uma questão de tempo até Hugo receber uma proposta, enquanto futebolista, para ir jogar pelo Futebol Clube do Porto, forçando-o a abdicar de treinar a equipa de polo aquático. Hugo cede o lugar de treinador a Nora, filha de Diamantino, deixando os adeptos do Nortágua descontentes e levando a que o polo aquático volte a ser um tema rejeitado por Rita. Bruna não desiste de noticiar a modalidade, mas só o volta a conseguir quando Tiago, jornalista estagiário da rádio Penalti, lhe conta que o Nortágua faz tráfico de erva, entalando-a dentro de bolas de polo aquático.

Embora não saiba quem é o responsável pelo contrabando, Bruna dá conta da situação através de uma breve, que gera uma enorme desconfiança entre as equipas de polo aquático. As culpas recaem sobre Gisela, colega de equipa de Bruna no CAC, depois da jornalista publicar uma reportagem em que se refere a Gisela como sendo uma consumidora assídua de óleo de CBD, um produto fabricado a partir de canábis e que tem como objetivo aliviar as dores musculares e ajudar no combate a algumas doenças, como a epilepsia.

Luísa, filha de Nora, rapta Gisela, mas, mesmo com a atleta em cativeiro, continua a haver tráfico de droga no clube nortenho. Perante o desaparecimento de Gisela, Bruna pede a Rita para remover a reportagem, uma vez que os depoimentos de Gisela presentes nessa peça tinham sido utilizados sem a autorização da própria. Dias depois, Gisela é

resgatada por Pedro, namorado de Luísa, e regressa ao CAC para desempenhar funções de delegada de equipa.

A equipa de Bruna está proibida de treinar na piscina, devido aos escândalos recentes associados ao polo aquático. Graças a Gisela, que descobre uma irregularidade no financiamento das modalidades dentro do CAC, Emília, a presidente do clube, vê-se obrigada a voltar a autorizar a prática do polo aquático no clube. Bruna insiste em informar o público sobre as injustiças vividas pela equipa de polo aquático do CAC, mas Rita nunca o permite.

Quando visita a loja de Olívia, para apurar a legalidade do CBD que é consumido por Gisela, Bruna cruza-se com Xavier, o estafeta da loja que a deixa desconfiada. A presença de Bruna neste estabelecimento é motivo de inquietação de Pablo, que esconde placas de canábis, destinadas ao comércio ilegal, na loja da sua sócia. Para afastar Bruna do caminho, Pablo, o senhorio de Carlota (jogadora do Nortágua), força a inquilina a colocar morfina dentro do cantil da adversária.

Carlota confunde o cantil de Bruna com o de Vânia, a atleta de natação preferida de Emília. Vânia é desqualificada da prova e anuncia a sua saída da natação, passando a trabalhar para Pablo como acompanhante de luxo. Bruna, uma das grandes amigas de Vânia, vai tentar ajudá-la e, através das câmaras de vigilância do clube, identifica Rita e Carlota como as possíveis culpadas. As provas são inconclusivas, por não mostrarem o momento do envenenamento. Quando Bruna confronta as arguidas, Rita aconselha-a a não arranjar pretextos infundados para produzir notícias sobre o clube.

Para descobrir a verdade sobre a legalidade do negócio de Olívia, Bruna alinha no jogo de sedução de Xavier, mesmo sabendo que, além de puxar a asa para Bruna, Xavier também anda a namoriscar com Carlota. Xavier leva Bruna até à estufa de canábis, a partir do qual se fabricam os artigos da loja, em Espanha. Por ser um tema de relativo interesse para alguns desportistas, Rita pede a Bruna para escrever uma reportagem sobre esta produção legal de canábis, submetida a testes de qualidade rigorosos, e que possui um forte sistema de segurança para impedir o seu extravio para outros fins.

Seguindo o exemplo do clube espanhol de Pablo, no qual Luísa está a estagiar, Nora começa a cobrar bilhete para se assistir aos jogos de polo aquático no Nortágua, na esperança de equilibrar as despesas do clube, que, com a desistência dos sócios, está à

beira da falência. Esta decisão é motivo para Bruna promover um debate em direto, na rádio Penalti, colocando frente-a-frente Nora e Sebastião, o treinador do CAC e pai de Bruna, para falarem sobre como esta estratégia pode ou não promover o desenvolvimento e profissionalização da modalidade.

O debate é interrompido para dar lugar a um furo jornalístico – Hugo, o futebolista que andava desaparecido depois de ter partido uma janela da loja de Olívia, aparece vivo dentro de um carro de condução abandonado num descampado. A viatura é encontrada por Judite, que em tempos foi ama de Luísa. Rita morre, devido a um cancro. Álvaro passa a ser o chefe de Bruna e é contactado pela polícia, a propósito de um exemplar da edição nº. 1378 que servia de forro do porta-bagagens da viatura em que Hugo foi encontrado.

Com a ajuda de Tiago, Bruna encontra um documento oficial, assinado por Rita Candeias, que obriga a remoção de toda a tiragem da edição 1378. Posteriormente, os dois jornalistas conseguem aceder a uma dessas edições, que inclui uma notícia sobre Rita Candeias, a atleta do clube Nortágua que sofreu um aborto espontâneo, devido à negligência técnica de Pablo, o seu treinador. A peça jornalística refere ainda que Olívia era a árbitra do jogo durante o qual ocorreu o acidente e que Pablo foi afastado do clube por Diamantino, um colega dele que jogava na seleção portuguesa de polo aquático e que começava a dar os seus primeiros passos como treinador.

A iniciativa da compra de bilhetes do Nortágua não é bem recebida e, como forma de protesto, os adeptos vandalizam o clube, que dita a sua falência. Pablo surge como a única esperança para a sobrevivência das históricas piscinas nortenhas e é aclamado presidente do clube, numa cerimónia que, embora acompanhada por Bruna, não tem espaço mediático na rádio Penalti.

Bruna está rendida ao charme de Xavier, que a convida para ir viver consigo. Enquanto pondera sobre a sua decisão, Bruna ouve uma conversa entre Xavier e Carlota, durante a qual a atleta revela ter sido a responsável pelo ato de vandalismo no Nortágua, uma vez que foi manipulada pelo Pablo. Carlota confessa a Xavier que é transsexual e pede-lhe ajuda para se libertar das garras de Pablo, o patrão dele. Bruna não expõe a transsexualidade de Carlota, mas recusa-se a mudar-se para casa de Xavier, enquanto ele continuar a trabalhar para Pablo.

Uma das primeiras decisões do novo presidente do Nortágua é fixar Luísa como delegada de equipa e colocar Carlota como capitã. Pablo mostra-se irredutível quanto a permitir que Luísa entre em campo como atleta, o que a motivam a fazer os possíveis para expulsar Carlota da equipa. Graças à sua função de delegada, Luísa apercebe-se de que Carlota não tem o exame médico válido e descobre que atleta é transsexual. No dia seguinte a Luísa partilhar essa informação com Nora, no balneário do CAC, a notícia aparece em destaque no site da rádio Penalti.

Ao contrário do que a maioria acredita, Bruna não foi a responsável pela produção da notícia sobre Carlota e a própria atleta sabe-o – Bruna já tinha descoberto o segredo de Carlota há mais tempo e, na altura, confrontou-a e mostrou-se compreensiva com a situação. Bruna é expulsa do CAC pelo pai e treinador, Sebastião, por causa do ambiente que se instalou em torno da atleta e por ela nunca ter usado esta informação sobre Carlota para a expulsar da competição e garantir uma vantagem para a equipa lisboeta.

Para continuar a jogar no Nortágua, Carlota tem de colaborar com Pablo no tráfico de droga, utilizando o camião de Xavier, sem a autorização dele, para transportar erva entre Portugal e Espanha, tal como Pablo costuma fazer. Carlota tem um acidente rodoviário e é socorrida por Sebastião, que assume o papel de pai biológico dela. Por sua vez, Xavier, o dono da viatura, é preso por tráfico de droga.

Emília encontra um gravador da rádio Penalti, escondido dentro de uma das placas amovíveis do teto do balneário feminino do CAC, e exige um patrocínio por parte da redação, para a remodelação do teto da piscina. Álvaro, o responsável pela colocação do aparelho e atual chefe da rádio, organiza um despedimento em massa para conseguir pagar essa despesa. Tiago não consegue a carteira de jornalista e Bruna, embora não seja demitida, deixa de ser paga atempadamente pelas peças jornalísticas que produz.

Sebastião negocia o lugar de Nora com Pablo, que a expulsa a treinadora da equipa. Nora refaz a vida junto de Judite, integrando a banda infantil dela como guitarrista. Fernanda ganha coragem para ouvir um áudio de Rita, a amante dela, através do qual ela descobre que Carlota é o rapaz que foi deixado à porta da casa de Fernanda e que desapareceu na Croácia, numa viagem de família. Quando Sebastião se apresenta como treinador do clube nortenho, que já não se chama Nortágua, e assume Carlota como sendo a filha biológica dele, Fernanda começa a planear a sua vingança.

Indignada com a forma como Pablo tratou a mãe, Luísa denuncia-o como traficante de droga a Bruna, que, embora entusiasmada com as provas que lhe são apresentadas, se recusa a escrever mais notícias sobre polo aquático. Por outro lado, graças a estas provas e mais alguma investigação, Bruna consegue tirar Xavier da cadeia.

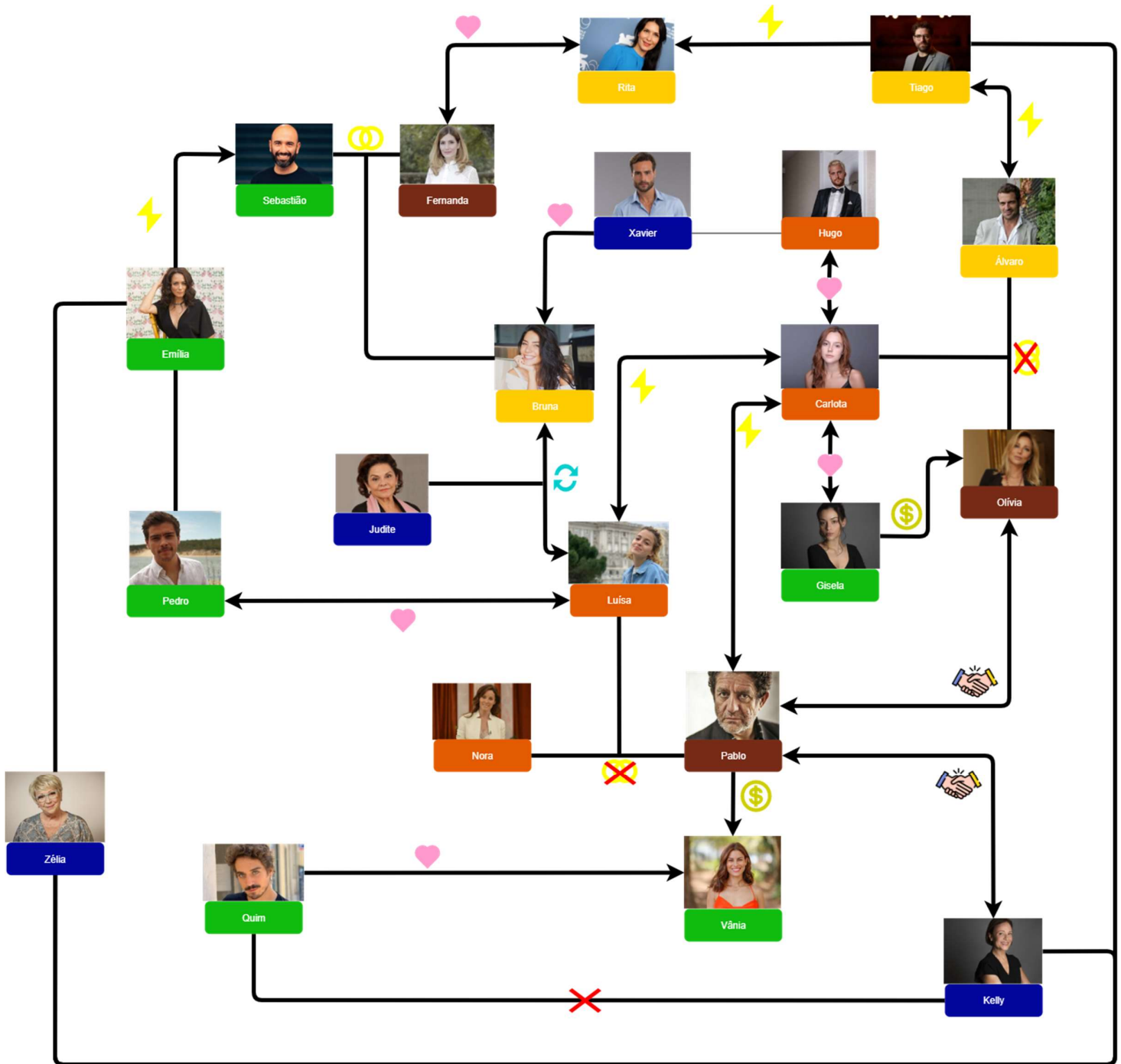
Quim, o empregado de limpeza do CAC, que vai em digressão com Judite e Nora para apresentarem o seu primeiro disco de músicas infantis, faz questão de ir até casa de Pablo para se despedir de Vânia, a sua grande paixão não correspondida. Pablo anda fugido à polícia e, ao encontrar um desconhecido em sua casa, não hesita em disparar uma bala; Hugo coloca-se à frente de Quim, é atingido e morre nesse instante. Pablo tenta fugir, mas Xavier, em vez de o guiar até ao aeroporto, condu-lo até um parque de estacionamento, no qual Fernanda espera por Pablo para o matar. Carlota regressa a casa, ajuda Vânia e Quim a libertarem-se e chama a polícia. As autoridades revistam o apartamento e encontram uma peruca e algumas roupas femininas, que Carlota reconhece como pertencendo a Rita, a mulher que uma vez a abordou por causa da sua falsa gravidez.

Na sequência deste episódio, Quim é internado num hospital psiquiátrico e Vânia regressa à equipa de natação do CAC. Ao saber do que sucedeu com Vânia, Bruna, que descobre o gravador que foi encontrado no balneário pela treinadora de natação, põe a hipótese da pessoa apresentada nas imagens que viram nas câmaras de vigilância, quando tentaram perceber quem tinha drogado Vânia, não ser Rita, mas sim Álvaro. No entanto, é devido a uma denúncia de Tiago que Álvaro vai ser preso por roubo de identidade.

Bruna sucede a Álvaro na redação. Retira o patrocínio do clube lisboeta, salda os pagamentos em atraso e celebra um contrato efetivo com Tiago. Devido ao despedimento em massa, Bruna conduz uma entrevista a Judite, a propósito do seu novo disco, numa rádio infantil pertencente ao mesmo grupo da rádio Penalti. A entrevistada esquece-se da carteira no estúdio, da qual caem fotografias individuais de duas crianças – Bruna e Luísa.

Judite reúne-se com ambas as atletas para lhes contar que as trocou no dia em que levou Luísa à praia pela primeira vez. Luísa tinha uma touca de polo aquático na cabeça, que, sem Judite se aperceber, caiu na areia e ficou mais próxima de Bruna do que de Luísa. Apesar da explicação de Judite, Luísa decide continuar a treinar no Nortágua, com Carlota como dirigente, e Bruna a gerir uma redação de jornalistas, que, todos os dias, trabalham para levar os factos mais relevantes do mundo do desporto ao seu público, quer na antena do rádio, como nas plataformas digitais.

ORGANIGRAMA



Legenda:



PERFIS DE PERSONAGENS

Núcleo principal

Bruna Morais (23)



Objetivo: Noticiar polo aquático e continuar a pertencer à equipa do pai

A paixão de Bruna pelo polo aquático leva-a a formar-se em jornalismo para, através da profissão, dar a conhecer o desporto, assim como expor as injustiças e dificuldades afetas à modalidade, que impedem o seu desenvolvimento em Portugal.

Como não consegue atrair a atenção mediática através das qualidades do polo aquático – a resiliência demonstrada pelas atletas, as condições atmosféricas do nosso país, que são favoráveis a esta prática desportiva no exterior, e as conquistas e evoluções da modalidade – para concretizar o seu objetivo, Bruna vê-se forçada a expor um lado menos bom do polo aquático – as condições deploráveis da maioria das piscinas, a rivalidade entre a natação e o polo aquático, presente nalguns clubes, e os acidentes e conflitos recorrentes nos jogos, causados por desentendimentos entre adversários.

As peças jornalísticas de Bruna nem sempre são bem recebidas pelos adeptos e praticantes de polo aquático, sobretudo quando vêm destacar aspetos negativos da modalidade. No entanto, por ser filha de Sebastião, o treinador da equipa do CAC, a que pertence, Bruna tem as costas quentes e, apesar das várias rivalidades que vai criando, mantém-se na equipa.

Quando sai uma notícia na rádio Penalti sobre o facto de Carlota, a outra filha de Sebastião e atleta de polo aquático do Nortágua, ser transsexual, e todos acreditam ter sido Bruna a responsável pela sua publicação, a jornalista é expulsa do CAC pelo pai e só a verdade a pode trazer de volta para a equipa.

Carlota Pacheco (25)

Objetivo: Esconder o facto de ser atleta transgénero para continuar a jogar polo aquático



Depois de Pablo, o treinador espanhol, ter pago uma operação para mudança de sexo a um dos seus melhores atletas, Ricardo, agora Carlota, veio para Portugal, com o objetivo de continuar a jogar polo aquático, uma vez que, devido à profissionalização da modalidade em Espanha, foi impossível contornar o facto de ser atleta transgénero.

No Nortágua, Carlota encontra a estabilidade que precisa. A equipa reconhece o seu talento, namora com Hugo, um futebolista em ascensão que sabe do seu segredo, e vive numa vivenda que Pablo lhe cedeu. A carreira da atleta fica comprometida com a morte de Diamantino, o treinador dela. Pablo aproveita-se da instabilidade que se vive no clube para o reconquistar, depois de ter sido banido pelo antigo treinador, mas, para isso, necessita que Carlota agite as águas dentro da equipa, levando o clube à falência.

Por várias vezes, Pablo vai usar a não revelação do segredo de Carlota como moeda de troca para ela colaborar com ele no seu plano, desde o comércio ilegal de canábis através de bolas de polo aquático até à vandalização do clube nortenho ou o roubo do camião da escola de condução. Para sair deste círculo vicioso, Carlota decide pedir ajuda a Gisela, a ex-namorada de Ricardo; a Xavier, o irmão de Hugo; ou mesmo a Bruna, que não perde a oportunidade de noticiar uma boa história sobre polo aquático.

Rita Candeias (54)



Objetivo: Garantir a subsistência da rádio Penalti e vingar-se de Pablo

A chefe de redação da rádio Penalti acumula funções de relatora de jogos de futebol e editora de noticiários. O orçamento apertado com que trabalha obriga-a a ser muito criteriosa no que diz respeito aos assuntos a noticiar.

Embora seja esse um dos motivos pelo qual declina a maior parte das sugestões de Bruna, que tenta, a todo o custo, transformar o polo aquático num tema mediático, Rita ganhou uma aversão à modalidade que praticou durante a sua adolescência, depois de Pablo, por negligência profissional, ter provocado em Rita um aborto espontâneo.

Devido à insistência de Bruna, Rita dá uma nova oportunidade ao polo aquático, numa altura em que Pablo está de regresso ao território português e se prepara para recuperar o clube nortenho. Depois de ser diagnosticada com um cancro na laringe, Rita reencontra-se com Fernanda, a sua ex-namorada, com quem tenciona passar o resto da sua vida, e garante que, mesmo depois de morrer, Pablo não alcança o seu objetivo.

Pablo Jimenez (60)

Objetivo: Recuperar a gerência do Nortágua e proteger Carlota



O treinador espanhol, responsável pelo aborto espontâneo de Rita, nunca se conformou com o facto de ter sido marginalizado por Diamantino, depois deste acidente. Sabendo que Kelly, uma grande amiga da ex-mulher, Nora, planeia ocupar o lugar da mãe, Zélia, na escola de condução, Pablo une esforços com Kelly – ele ajuda-a a tirar os travões do carro de Zélia para que a instrutora não possa impedir o atropelo de Diamantino e seja considerada inválida.

A morte de Diamantino é só o início da vingança de Pablo, uma vez que, através de Carlota, planeia levar o clube nortenho à falência para o transformar numa extensão do seu clube espanhol. Além de entalar erva dentro das bolas de polo aquático e de escoar grande parte da sua plantação de canábis através da produção de artigos à base desta planta, para serem vendidos na loja da sócia dele, Olívia, Pablo começa a lucrar com o tráfico de erva.

Embora a relação entre Pablo e Carlota seja construída com base numa chantagem dele para com ela, Pablo não se esquece das vitórias que Ricardo deu ao clube espanhol. Quando se descobre o segredo de Carlota - ser transsexual -, Pablo é apologista de que ela continue em campo, mesmo que isso implique ir contra os regulamentos das provas.

Olívia Pedroso (58)



Objetivo: Reinventar o negócio

A árbitra do jogo em que Rita perdeu o bebé refez a sua vida como gerente de uma loja de artigos à base de canábis. Com a ajuda do seu sócio, Pablo, que lhe fornece a matéria-prima, Olívia faz chegar às pessoas uma vasta gama de produtos legais e com efeitos benéficos para a saúde, apesar de nem sempre serem percecionados dessa maneira.

Olívia foi, em tempos, namorada de Álvaro, um dos jornalistas da rádio Penalty, com quem teve um filho, Ricardo. Porém, devido à precariedade da profissão de Álvaro, Olívia alega que o filho é de Sebastião, um *affair* que ela teve durante este namoro. Mesmo depois do acidente de Rita dentro de água, Olívia manteve a amizade com a atleta; quando a jornalista morre, e revela a Olívia que Ricardo se chama Carlota, a atleta que é destaque de todos os meios de comunicação desportivos devido à sua transsexualidade, Olívia pondera contar a verdade a Álvaro, o único que poderá fazer alguma coisa para limpar a imagem da filha biológica deles, por ser o atual chefe da redação.

Sebastião Moraes (52)

Objetivo: Garantir um futuro promissor para Carlota e o sucesso da equipa de polo aquático do CAC



Mesmo casado com Fernanda, dona de um SPA em Lisboa, Sebastião teve uma relação extraconjugal com Olívia, que resultou no nascimento de Ricardo. O filho de Sebastião e Olívia foi deixado à porta de casa de Fernanda, para que esta o recebesse como uma dádiva – Fernanda queria muito ter um casal de filhos e Sebastião fez-lhe a vontade – e não como um filho ilegítimo do marido. Ricardo desaparece na Croácia, durante uma viagem de família, e nunca mais se sabe dele, até à morte de Rita, a chefe de Bruna, que revela a Olívia que Ricardo fez uma operação de mudança de sexo e está entregue a Pablo. Ao conhecer o paradeiro do filho, Sebastião, depois de se sentir traído por Bruna devido às suas peças jornalísticas, vai fazer o que estiver ao seu alcance para garantir que a situação sexual de Carlota não é um obstáculo à sua permanência no polo aquático.

Fernanda Falcão (51)

Objetivo: Resolver os traumas do passado e salvar o casamento



Refém do amor proibido que viveu com Rita e do desaparecimento de Ricardo na Croácia, Fernanda não consegue pôr o passado para trás das costas. Para ofuscar os seus desgostos, Fernanda ergueu um SPA, ao qual convida o marido, Sebastião, a juntar-se, quando percebe que a situação do polo aquático no CAC e a relação deles não está famosa. Passados 30 anos, Rita reencontra-se com Fernanda, que se prepara para lançar uma linha de artigos de higiene à base de canábis, em conjunto com Olívia, sem saber que a sua parceira de negócio é a mãe biológica da criança com quem ainda tem pesadelos à noite.

Núcleo I – Clube de Lisboa (CAC)

Gisela Gaspar (22)

Objetivo: Curar a epilepsia e lidar com as situações sem partir para a violência



A ponta-esquerda da equipa de sofre de epilepsia e a medicação não é suficiente para prevenir as convulsões, que costumam bater-lhe à porta antes ou depois dos jogos. Gisela descobre o óleo de CBD, produzido a partir da planta do canábis; quando Bruna encontra um frasco desta substância dentro do saco desportivo de Gisela, produz uma peça jornalística sobre os benefícios do CBD para a prática desportiva, usando o caso de Gisela como exemplo. Por não autorizar a publicação dessa notícia, Gisela entra numa luta com Bruna, que só termina quando Carlota as separa; nesse momento, Gisela começa a reconhecer em Carlota alguns traços de personalidade do seu ex-namorado, Ricardo.

Quim Raimundo (29)

Objetivo: Conquistar o coração de Vânia e o respeito dos outros



Devido ao seu défice intelectual, Quim foi abandonado em criança pela mãe, Kelly, que se envergonha do filho. Ele vai viver para Lisboa com a tia Emília e o primo Pedro. Atualmente, Quim é empregado de limpeza do CAC, onde conheceu Vânia, o seu amor não correspondido, e, por sabê-lo, paga a prostitutas para falarem com ele sobre o seu desgosto amoroso, sem querer sexo em troca. É o primeiro a saber que Carlota é transsexual e que Vânia corre perigo em casa de Pablo, mas ninguém lhe dá a credibilidade que merece.

Emília Raimundo (53)

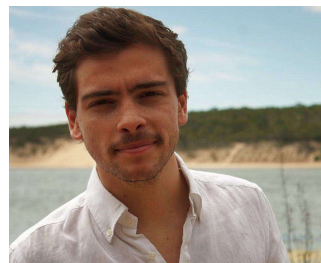
Objetivo: Adquirir o monopólio do clube e ser mais benevolente com os seus atletas



Longe da escola de condução da família, Emília projeta o seu futuro no CAC, cujas instalações não estão no seu melhor estado. Depois de desequilibrar os financiamentos do clube a seu favor, Emília arranja qualquer pretexto para dissolver a equipa de polo aquático, que só trouxe prejuízo ao clube. Sebastião, que até então mostrou resistência em abrir mão da equipa lisboeta, declara que irá deixar o CAC para se juntar ao Nortágua. Embora alcance o seu objetivo, Emília percebe rapidamente que não irá conseguir levar o clube para a frente sozinha.

Pedro Taveira (24)

Objetivo: Emancipar-se, sem dar um passo maior do que a própria perna



Pedro é o segundo em casa e o primeiro no clube. Isto porque Emília, a mãe dele, se preocupa mais com as necessidades de Quim do que com as do próprio filho, mas, quando se fala em competir, Emília exige que o filho seja o melhor nadador do país. Na esperança de poder emancipar-se, Pedro arranja trabalho como estafeta, mas o dinheiro que ganha não é suficiente para se mudar para sair de casa de Emília. Luísa, atleta de polo aquático do Nortágua, e Pedro começam a namorar, contra a vontade da mãe dele, que o via com um partido melhor – Vânia, a sua colega de piscina. Apesar do desejo de emancipação, Pedro detém-se quando chega o momento de assumir uma relação séria com Luísa.

Vânia Sabino (26)

Objetivo: Viver sem preconceito e mordomias



Vânia vem de famílias com poucas posses e, desde cedo, começa a ganhar dinheiro como prostituta. Apesar de ser uma escolha da qual não se consegue orgulhar por rejeitar o preconceito, a verdade é que os seus clientes a presenteiam com mordomias muito superiores às que está habituada e ela gosta disso. Rapidamente, Vânia torna-se intolerante à falta de condições do CAC para a prática da natação e muda-se para o Porto, enquanto acompanhante de luxo exclusiva de Pablo. Graças a ele, Vânia consegue formar-se e tirar a carta de condução. Toda a fantasia se desmorona, quando Vânia é maltratada por Pablo, que assiste ao desmantelamento da sua rede de droga.

Núcleo II – Clube do Porto (Nortágua)

Nora Esteves (49)

Objetivo: Cumprir a vontade do pai e proteger a filha dos seus erros



O sonho de Diamantino era que a filha, Nora, assegurasse a continuação do clube Nortágua, depois da sua morte. Quando chega o momento, Nora hesita em assumir essa responsabilidade por nunca ter praticado nenhum desporto aquático. Embora não seja a sua vocação, Nora deixa o emprego numa empresa de festas para cumprir a vontade do pai. A sua chegada, depois da passagem de Hugo pelo lugar de treinador, é motivo de descontentamento dos adeptos, que fazem questão de o demonstrar de modo extremista. Para proteger a filha, Luísa, Nora inscreve-a num estágio no clube de Pablo, o pai dela. Entre os vários erros que Nora comete, o maior é aceitar que Pablo compre o Nortágua. Depois de ser despedida pelo ex-marido, Nora decide encontrar o seu verdadeiro caminho.

Luísa Esteves (24)

Objetivo: Manter o lugar de capitã de equipa e construir a família que nunca teve



Luísa cresceu sem pai, Pablo, e isso reflete-se na sua queda para homens mais velhos, como é o caso de Tiago. No entanto, Pedro, um nadador de competição do CAC que tem a sua idade, conquista o seu coração. Pedro revela-se um grande apoio para Luísa durante o seu estágio no clube espanhol, oportunidade que a leva a dar o lugar de capitã

da equipa de polo aquático do Nortágua como garantida. A sua maior rival, Carlota, não demora a tirar-lhe esse lugar e Luísa está disposta a tudo para o reconquistar.

Hugo Zacarias (28)

Objetivo: Ficar limpo das drogas para voltar para os braços de Carlota



Antigo toxicodependente, Hugo é agora um futebolista em ascensão, aclamado pelo público. O facto da sua carreira ir de vento em popa é motivo de desgosto de Álvaro, que, inseguro quanto ao futuro da rádio Penalti, sente a necessidade de atrapalhar a vida do atleta para garantir a constante produção de notícias (positivas e negativas) sobre esta personalidade mediática. Ao aceitar o convite da namorada, Carlota, para ser treinador interino da equipa de polo aquático do Nortágua, Hugo fica dentro do radar de influência de Pablo, o namorado de Álvaro. Enquanto a carreira de Hugo avança, a sua recaída no consumo de erva acentua-se, o que o leva a recorrer, por várias, a centros de reabilitação e à ajuda de Xavier, o irmão, e Carlota, para ficar limpo e refugiar-se da atenção dos jornalistas, que parece estar constantemente sobre ele.

Núcleo III – Redação (Lisboa)

Tiago Raimundo (46)

Objetivo: Combater o conformismo e refazer a vida como jornalista desportivo



Depois de 20 anos como instrutor de condução na escola da família, Tiago candidata-se a uma vaga a jornalista estagiário na rádio Penalti. Ele é o fundador da nova delegação da redação no Porto, cujas instalações se resumem a uma despensa no complexo de piscinas do Nortágua. Habitado a conformar-se com aquilo que a vida lhe tem para oferecer, Tiago aceita as condições laborais que a rádio Penalti lhe proporciona, até ao dia em que, chegando ao final dos 12 meses de estágio, Álvaro se recusa a assinar os papéis para receber a carteira de jornalista, por ver nele um sucessor do seu cargo.

Álvaro Baeta (53)

Objetivo: Sentir-se valorizado no seu trabalho, depois de ser desprezado pela ex-namorada



Devido à precariedade da profissão de Álvaro, Olívia, a ex-namorada, nunca lhe conta que ele é o pai biológico de Ricardo (Carlota). Depois de ser desprezado por ela, Álvaro faz questão de mostrar o seu valor na redação da rádio Penalti e sente necessidade de uma validação constante por parte de Rita, a sua chefe, daí que o sucesso de Bruna com as suas peças jornalísticas sobre polo aquático não seja bem recebido por ele. Quando se encontra com Pablo, o seu namorado, faz questão de satisfazer a sua fantasia sexual, mascarando-se de Rita durante o sexo, personagem que, aos poucos, transporta para a vida real, quando a jornalista começa a adoecer e ele deixa de ter a validação dela.

Núcleo IV – Escola de Condução (Porto)

Zélia Raimundo (76)

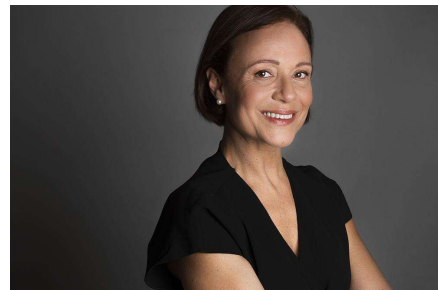
Objetivo: Adaptar-se à sua nova realidade, sem perder o gosto pela condução



Kelly considerou-a inválida por não ter impedido que o carro de condução, pelo qual estava responsável, embatesse com Diamantino e quer torná-la refém do seu lar, ao contratar uma cuidadora que lhe dá comprimidos para adormecer. Zélia não se resigna à inércia – finge tomar a medicação e sai às escondidas para se encontrar com Judite; vai ao cabeleireiro; embebeda-se e tenta intoxicar-se com CBD; volta a andar de mota e cria um canal no YouTube, “Ao volante com a Avó Zélia”, onde publica vídeos lúdico-pedagógicos sobre o código da estrada. Apesar do que Kelly lhe faz, Zélia não hesita em acolher a filha e o neto, Quim, quando eles mais precisam.

Kelly Raimundo (54)

Objetivo: Descartar-se de responsabilidades e ser diretora da escola de condução



A filha mimada da família conduz o único carro de condução elétrico da escola. Os seus métodos de ensino são questionáveis – usa a agressividade como forma de depositar pressão nos alunos, os seus motoristas privados que a transportam até aos seus afazeres durante as aulas. Ela despreza a família e, por isso, não sente quaisquer remorsos por dar a mãe como inválida para assumir o cargo de diretora da escola de condução ou deixar o filho, Quim, aos cuidados da tia dele, Emília; tudo muda quando sofre um acidente de carro.

Xavier Zacarias (34)

Objetivo: Desfazer-se do carro do patrão e provar a sua inocência



Instrutor de condução de veículos pesados e estafeta da loja de Olívia, responsável por transportar a mercadoria de Espanha para Portugal. É conhecido por ser um engatão de mulheres mais novas do que ele, entre as quais, Carlota e Bruna, esta última que acredita que ele está envolvido no tráfico de canábis. A pedido de Kelly, Xavier tem de desfazer-se do Alzira, o carro de condução do antigo patrão dele, mas em vez disso utiliza-o para esconder o irmão, Hugo, dos jornalistas. O envolvimento dele com o plano de Pablo e Kelly para a conquista do clube e da escola, respetivamente, colocam-no na cadeia e só Bruna, a namorada que nunca acreditou nele, o pode ajudar a sair.

Judite Brás (67)

Objetivo: Construir uma amizade e lançar um disco com músicas para crianças



Dos 40 anos em que foi empregada doméstica, ficam as memórias das vezes que a despediram por ter sido apanhada a beber álcool; a afinidade que ganhou com Zélia, apesar dos entraves que o marido criava; e o dia em que levou Luísa à praia pela primeira vez e, acidentalmente, depois de acordar de uma sesta a ouvir as ondas do mar, a trocou por Bruna. Embora nunca se tenha acusado perante os patrões, este episódio persegue Judite. Durante a reforma, Judite planeia lançar um disco com músicas infantis da sua autoria e reencontrar-se com Zélia, na esperança de poder construir algo que nunca teve – uma amizade verdadeira.

SINOPSES NÚCLEOS SECUNDÁRIOS

Núcleo I – Clube de Lisboa (CAC)

Habituada a perder, CAC (Capital Aquatic Club), a equipa lisboeta, dirigida por Sebastião, ainda acredita que pode superar a equipa nortenha, que detém o pódio há décadas. As instalações bolorentas e o facto de partilharem a piscina com a equipa de natação não favorecem as atletas, assim como a incerteza da permanência da equipa no clube, uma vez que Emília pega em qualquer pretexto para tentar dissolver a modalidade.

A morte de Diamantino surge como uma oportunidade para Sebastião provar a Emília do que as atletas dele são capazes. No entanto, alguns contratempos, como os ataques epiléticos de Gisela ou as acusações que são feitas a Bruna devido à sua ambição de noticiar o polo aquático, impedem que a época decorra dentro da normalidade. Sebastião vê-se obrigado a contornar os obstáculos que Emília lhe vai colocando pelo caminho, mas acaba por desistir quando descobre que Carlota é sua filha e decide juntar-se a Pablo, na gestão do clube nortenho.

Emília encara o polo aquático como o saco roto do clube, uma vez que o dinheiro investido na modalidade não dá frutos, mas a verdade é que, na natação, a situação também não é famosa – depois de ser drogada, Vânia, uma das suas melhores atletas, declara a saída do CAC; o filho dela, Pedro, contraria a sua vontade para correr atrás da sua paixão, Luísa; e Quim, o empregado da limpeza e sobrinho da treinadora, alia-se à equipa de polo aquático, obrigando-a a despedi-lo.

Quando se apercebe, Emília está sozinha com um clube inteiro à sua responsabilidade; Sebastião não está interessado em voltar a treinar na capital portuguesa e Emília só consegue remodelar o clube com o apoio da rádio Penalti, que, para não ser acusada de invasão de privacidade, se vê obrigada a entrar com dinheiro para ajudar nas reparações do clube.

Núcleo II – Clube do Porto (Nortágua)

Instalações luminosas, bancadas calorosas e dois tanques para a prática desportiva. A equipa do Porto, Nortágua, não peca por falta de recursos, o que se traduz numa exigência acrescida para com as atletas, quer por parte do treinador, Diamantino, quer pelo público.

Com a morte de Diamantino, no início da época, surge a dúvida sobre quem o irá suceder na liderança daquele clube histórico, reconhecido pelas medalhas e troféus conquistados, ao longo das últimas décadas. Hugo, o namorado de Carlota, começa por ocupar o lugar de treinador interino, até receber uma proposta do Futebol Clube do Porto e ter de passar a responsabilidade para Nora, a filha de Diamantino, que não tem perfil e não quer ser líder de uma equipa, mas sim cumprir com a vontade do pai.

Apercebendo-se das fragilidades que a equipa atravessa, Pablo, um treinador espanhol cujas ligações ao clube remontam a um período pré-Diamantino, regressa a Portugal para se apoderar deste pavilhão e transformá-lo numa extensão do seu clube em Espanha. Desde utilizar o Nortágua para encobrir o tráfico de droga a atos de vandalismo, Carlota, a atleta a quem Pablo pagou uma operação de mudança de sexo, vê-se obrigada a alinhar nos esquemas de Pablo para poder continuar a jogar polo aquático e proteger o seu segredo – ser uma atleta transsexual.

Tiago, o antigo diretor da escola de condução, decide refazer a sua vida como jornalista desportivo e começa a estagiar na rádio Penalti; como local de trabalho, a redação oferece-lhe uma arrecadação por baixo das bancadas do Nortágua. Tiago torna-se o confessor de Luísa, a filha de Nora, que sente o seu lugar na equipa ameaçado por Carlota, uma vez que esta atleta é mais talentosa do que ela.

Quando o clube nortenho declara a sua falência, Pablo surge como a única solução para manter as piscinas históricas ativas, mas as suas condições e decisões acabam por destruir o conceito familiar que o clube tinha. A permanência de Pablo na equipa é efémera, porque o treinador começa a ser procurado pela polícia, devido ao tráfico de erva entre Espanha e Portugal e aos maus-tratos a Carlota. No entanto, é tempo suficiente para ele selar um acordo com Sebastião e perpetuar a existência do clube, tal como o idealizou.

Núcleo III – Redação (Lisboa)

Os bastidores da Rádio Penalti são limpos, equipados com um estúdio de emissão e outro de gravação, um *open space* e um gabinete para Rita, que serve também de sala de reuniões. Um dos primeiros objetivos de Rita quando assumiu a liderança da redação foi emitir um documento oficial que obrigava a remoção de todas as edições n.º 1378 que se encontrassem circulação, uma vez que consta nela uma notícia sobre o seu infortúnio enquanto atleta de polo aquático por negligência de Pablo, o treinador dela. Atualmente, as preocupações de Rita são outras – assegurar que o meio de comunicação sobrevive à crise do jornalismo.

Álvaro, responsável pela cobertura dos *fait divers* relacionados com o mundo do futebol, entre eles, Hugo Zacarias, futebolista em ascensão, foi destacado para orientar o novo estagiário, Tiago; Álvaro encara-o como uma ameaça ao seu posto de trabalho, por isso, faz o que está ao seu alcance para garantir que Tiago desiste de se tornar jornalista. Bruna, por outro lado, procura uma oportunidade para dar a conhecer o polo aquático através dos média, algo que Rita não lhe pode proporcionar, devido ao budget limitado.

Rita, que, além de chefe da redação, é ainda relatora de jogos de futebol e editora dos noticiários, priva-se de muitas horas de descanso, em prol do trabalho, o que tem implicações diretas na sua vida amorosa. Nas suas costas, Álvaro, o jornalista em quem Rita mais confia, é um *stalker* que se faz passar por ela perante outros órgãos de comunicação.

Núcleo IV – Escola de condução (Porto)

O atropelamento mortal de Diamantino não foi inocente. Pablo, o treinador espanhol de polo aquático, e Kelly, uma das instrutoras de condução da escola, planejaram o incidente, de maneira a criar instabilidade no Nortágua e a que Kelly pudesse dar a diretora da escola, Zélia, como inválida, atribuindo-lhe as responsabilidades pelo sucedido.

Zélia não se conforma com o facto da sua carreira ter terminado e recusa-se a admitir que é uma inválida. Retirada na sua herdade, em Santarém, Zélia reencontra-se com a sua amiga, Judite, uma ama despistada e divertida, que faz rir miúdos e graúdos, mas que guarda consigo um segredo – ter trocado duas crianças quase à nascença, por tê-las confundido.

Desde dar-lhe comprimidos para dormir até contratar uma cuidadora, Vânia, para a vigiar, Kelly está disposta a tudo para fazer com que a mãe acredite que está doente. Por outro lado, o irmão de Kelly, Tiago, que refaz a vida como jornalista desportivo, percebe que a mãe está em perfeitas condições; Emília, a terceira filha de Zélia, não se aproxima muito da restante família, mas não perde a oportunidade de sacudir o sobrinho Quim para casa da avó dele, quando ele começa a dar problemas no CAC.

O plano de Kelly e Pablo não é infalível e os problemas começam a surgir quando o Alzira, o carro do marido de Zélia e onde Kelly escondeu os travões que tirou do carro da mãe, é encontrado num descampado. As duas alunas da escola de condução, Carlota e Vânia, ambas a viverem em casa de Pablo, vão ser fundamentais para que a verdade seja revelada.

Núcleo V – SPA (Lisboa)

O negócio de Fernanda, um SPA no centro de Lisboa, foi a sua salvação para a depressão causada pelo desaparecimento de Ricardo, uma criança que tinha sido deixada à porta de casa dela e de quem tratou como sendo seu filho biológico. Ricardo desapareceu na Croácia, durante uma viagem de família, e desde então que Fernanda vive amargurada com esse momento.

Numa altura em que o marido corre o risco de perder o emprego, por causa da falta de benevolência de Emília perante os resultados obtidos pela equipa de polo aquático do CAC, Fernanda convida-o a juntar-se a ela na gerência do SPA. Sebastião nunca aceita este convite, por acreditar que pode dar a volta aos resultados da sua equipa; quando descobre que Ricardo é, neste momento, Carlota, uma das atletas de polo aquático da equipa adversária, Sebastião começa a utilizar uma das salas do SPA, sem o

consentimento da mulher, para traficar a droga de Pablo, o treinador espanhol que vive com Carlota, em troca de um lugar para Sebastião no Nortágua, perto da filha.

O reencontro com uma das suas paixões da adolescência, Rita, abstrai Fernanda do negócio oculto do marido e do SPA. Quando Rita sofreu um aborto espontâneo dentro de água por causa de Pablo, Fernanda garantiu que ele nunca mais se aproximava do clube, oferecendo-lhe um pé de cânabis para ele poder refazer a sua vida noutra lugar. A morte de Rita vai levar Fernanda a descobrir que Pablo está de regresso a Portugal para tomar de assalto o clube nortenho e que foi ele o responsável pelo rapto de Ricardo, que agora se chama Carlota.

Fernanda não perde tempo a preparar uma vingança dirigida a Pablo e ao marido, com a ajuda de Álvaro, que, mesmo depois da jornalista morrer, se faz passar por ela na sala oculta do SPA.

Núcleo VI – Loja de Olívia (Porto)

Olívia, a árbitra do jogo em que Rita perdeu o feto, foi impedida de voltar a apitar uma partida de polo aquático. Desde então, começou a trabalhar num café que, anos mais tarde, comprou e, com a ajuda do seu sócio, Pablo, que precisava de escoar cânabis da sua plantação ilegal, transformou o estabelecimento numa loja destinada à venda de artigos fabricados através desta planta.

A reação dos clientes aos produtos vendidos por Olívia é diversa – Zélia pensa que vai conseguir ter uma overdose, se comer muito pão de cânhamo; Gisela descobre as propriedades benéficas do óleo de CBD e utiliza-o para ajudar a prevenir os seus ataques epiléticos; e Bruna começa por desconfiar da legalidade do negócio, mas, graças a Xavier, a jornalista sente-se cada vez mais segura em experimentar e adquirir aqueles artigos.

Fernanda, fascinada com as propriedades relaxantes do CBD, faz-se sócia de Olívia par começar a utilizar produtos de higiene com cânabis no seu SPA. Sendo Fernanda a responsável por Pablo ter iniciado o cultivo desta planta, o treinador espanhol não quer que a nova sócia de Olívia se aproprie de um negócio que lhe custou tanto a construir e a manter.

LISTA DE DECORES

- EQUIPA LISBOA (CAC)
 - CAIS PISCINA
 - BALNEÁRIOS
- EQUIPA PORTO
 - CAIS PISCINA
 - DESPESA DE TIAGO
 - AQUÁRIO
 - BALNEÁRIOS
- REDAÇÃO
 - OPEN SPACE
 - ESTÚDIO I
 - ESTÚDIO II
- ESCOLA CONDUÇÃO
 - CARRO
 - RECEÇÃO
- LOJA DE OLÍVIA
- SPA
 - SALA DE MASSAGENS
 - SALA OCULTA
 - CAFETERIA
- CASA DE BRUNA
 - SALA
- HERDADE DE ZÉLIA
 - SALA
- VIVENDA DE PABLO
 - SALA
 - QUARTO

MARKETING SOCIAL

JORNALISMO PORTUGUÊS

A história acompanha o dia a dia de uma redação jornalística e, conseqüentemente, aborda alguns problemas vividos pelos jornalistas e pelo jornalismo em Portugal. Embora a trama principal incida sobre uma redação de desporto, este retrato da realidade não se circunscreve apenas a este setor da atividade jornalística.

Através da personagem Álvaro, por exemplo, é construída uma sátira em torno do sensacionalismo do jornalismo, que acaba por ser transversal a todas as áreas; também com Tiago, um profissional mal pago e com poucas condições de trabalho, é explorada a precariedade da profissão, uma realidade que assola muitos jornalistas em início de carreira

Por outro lado, Rita é a personificação da hegemonia do futebol e do conservadorismo que se vive nas redações de desporto, cujas decisões editoriais têm em vista a obtenção de lucro e não a divulgação de informação.

POLO AQUÁTICO PORTUGUÊS

Ao longo deste trabalho, foram salientados indicadores e factos que permitem aferir sobre a pouca presença mediática do polo aquático.

Esta novela surge como uma oportunidade para dar a conhecer, em maior profundidade, um desporto que, por não estar ancorado a valores notícia, não é noticiado na imprensa desportiva. Nesse sentido, procura tecer-se uma abordagem transversal aos principais desafios, dificuldades e oportunidades dos atletas de polo aquático no contexto português.

São disso exemplos a rivalidade que se verifica, nalguns clubes, entre natação e polo aquático; a dificuldade em encontrar um espaço para treinar, com as dimensões e características específicas da correta prática da modalidade; e as relações que se criam

numa equipa em momentos de maior exigência física e psicológica, características da própria prática do desporto.

Embora seja um tema de nicho, a novela propõe um equilíbrio entre a linguagem universal do desporto e os termos técnicos do polo aquático, contribuindo para o alargamento do conhecimento do público. Além disso, alguns episódios terão como unidade temática um determinado jogo da modalidade, durante o qual se irão desenrolar as várias tramas, fomentando a imersão do espectador na realidade dos atletas de polo aquático.

CBD, O CANÁBIS MEDICINAL

Numa altura em que começam a abrir várias lojas de canábis em Portugal, o projeto propõe uma abordagem ao cultivo desta planta para fins medicinais. Embora seja um tema controverso, já foi comprovada a eficácia do CBD no tratamento da epilepsia, no relaxamento dos músculos e no alívio da dor. Graças a Pablo, que dá a conhecer esta substância a Olívia, o CBD vai começar a circular entre as atletas e Gisela encontra a cura para a epilepsia. Posteriormente, o CBD vai integrar alguns dos artigos de higiene do SPA.

Há quem se aproveite do cultivo do canábis para traficar droga, como é o caso de Carlota e Xavier, conciliando o bem e o mal em torno de uma substância, refletindo a dualidade de opiniões vividas na sociedade a respeito deste tema.

SINOPSE EPISÓDIOS

EPISÓDIO 1

Bruna e Ricardo, duas crianças, brincam dentro de água, numa praia, com uma bola de mini-polo e o pai delas, Sebastião; Fernanda, a mãe, está à borda de água, a assistir. O despertador toca e Bruna, já adulta, acorda do seu sonho.

Enquanto Bruna se prepara para mais um dia de trabalho na redação da rádio Penalti, Sebastião, o treinador de polo aquático do CAC (Capital Aquatic Club), a equipa a que Bruna pertence, fala com a filha sobre as expectativas dele para a nova época. O próximo campeonato nacional feminino está para breve e, como é habitual, o CAC, o Nortágua e outros clubes com a disciplina de polo aquático reúnem-se nas Piscinas Municipais Vitor Martelo, em Évora, durante o fim de semana, para um torneio amigável de abertura.

Na redação, Bruna propõe produzir uma breve a anunciar o evento de polo aquático que dará início à época. Por considerar que é uma peça com pouco conteúdo, Rita, a chefe de Bruna, rejeita a sugestão da jornalista e pede-lhe para cobrir a chegada de uma equipa de futebol ao aeroporto. À vinda, Bruna apercebe-se de que foi publicada uma notícia de última hora, na página da rádio Penalti, sobre o atropelamento mortal de Diamantino, o treinador de polo aquático do Nortágua, por um carro de uma escola de condução. Rita justifica essa decisão editorial com base na história de Diamantino no polo aquático – era o treinador mais antigo, com mais participações internacionais e vitórias nos últimos tempos no polo aquático português.

O Nortágua precisa urgentemente de encontrar um novo treinador; como recurso, o clube nortenho apresenta-se no torneio do fim de semana com Hugo, um futebolista em ascensão e o namorado de Carlota, uma das atletas da equipa. Carlota é a última a equipar-se; despe-se, revelando uma marca de nascença idêntica à de Ricardo, veste o fato de banho e, às escondidas das restantes jogadoras, ingere alguns comprimidos. Nortágua e CAC são as duas equipas finalistas do torneio; a 30 segundos do final do último jogo, frente ao CAC, Nortágua dá a volta ao marcador e sai vencedor.

No final do evento, Bruna encontra-se com Hugo para uma entrevista à beira da piscina, com o pôr do Sol ao fundo, sobre o novo desafio que o futebolista decidiu abraçar – treinar uma equipa de polo aquático. Usando Hugo como protagonista da sua peça, Bruna constrói uma reportagem a relatar o torneio de polo aquático que é aprovada por Rita.

Já em casa, Sebastião mostra-se revoltado com a derrota e recebe uma mensagem de Emília a pedir para conversar com ele no dia seguinte sobre o futuro do polo aquático no CAC. Por sua vez, na vivenda de Pablo, em que Carlota está a viver, a atleta agradece ao namorado por ter aceitado acompanhar a equipa ao torneio, evitando que o segredo de Carlota – ser transsexual – fosse descoberto. Carlota e Hugo começam a fazer amor e, na cabeceira da cama, há uma moldura com a fotografia de Ricardo.

EPISÓDIO 5

Como vem sendo habitual, Bruna convida Hugo a pronunciar-se sobre os resultados dos jogos do Nortágua; a única diferença é que, desta vez, a equipa nortenha é a derrotada, mas Hugo demonstra confiança nas suas atletas afirmando que nada está perdido. Álvaro, jornalista sénior da rádio Penalti, olha com algum desdém para o sucesso de Bruna e Hugo, e mostra-se impaciente com Pablo, o namorado de Álvaro que tinha ficado de incentivar Hugo a voltar a fumar erva.

Embora isso não seja mostrado nas entrevistas de Bruna a Hugo, o futebolista já tinha encontrado um saco de erva no aquário do Nortágua e, após esta derrota, pondera fumar, mesmo sabendo o quanto lhe custou passar pelo processo de reabilitação. Zélia, que tinha sido demitida da escola de condução por não ter impedido o acidente que causou a morte de Diamantino, tenta intoxicar-se com óleo de CBD.

Hugo aparece drogado no primeiro aniversário de namoro com Carlota; apesar de estarem num restaurante de luxo, Carlota, consciente da dependência do namorado, não se contém e dá-lhe uma estalada na cara, repreendendo-o em seguida pela sua decisão. O momento da agressão é fotografado por Pablo, que entrega as imagens na redação, sem qualquer tipo de contexto, num envelope não registado; Bruna é a primeira a abri-lo.

EPISÓDIO 9

A insistência de Bruna em relação ao polo aquático motiva Rita a ir assistir a um jogo, CAC X Nortágua, durante o qual se apercebe que Carlota ainda está dentro de água, apesar da alegada gravidez. Ao encontrar a atleta cá fora, Rita confronta Carlota e acusa-a de não estar grávida, uma vez que ela nunca aguentaria o esforço que fez dentro de água sem sofrer um aborto espontâneo.

Zélia e Judite, a sua nova melhor amiga desde que foi despedida da escola de condução, embebedam-se em casa e Zélia entra em coma alcoólico. Pedro, filho de Emília e atleta de natação, sofre uma contratura muscular e, por indicação de Sebastião, o atleta dirige-se ao SPA de Fernanda para receber uma massagem. As dores são muitas e a única coisa que o relaxa é ouvir relatos de futebol; Pedro pede a Fernanda para sintonizar na rádio Penalti enquanto ele recebe a massagem e a massagista reconhece a voz de Rita, a sua amante dos tempos de adolescência.

Pablo sabe que Carlota não está grávida e decide usar isso para a chantagear, obrigando-a a colaborar consigo na colocação de sacos de erva dentro de bolas de polo aquático rasgadas. Para tentar escapar da proposta de Pablo, Carlota anuncia publicamente que perdeu o bebé.

EPISÓDIO 19

A equipa Bruna é proibida de treinar no CAC, depois do incidente com Gisela, mas, mesmo sem treinos, decidem marcar presença num dos jogos do campeonato. Rita é boleada por uma das atletas da equipa adversária e socorrida por Fernanda, que também assiste ao jogo nas bancadas. Rita vai para o hospital e, durante o check-up às vias respiratórias, é detetado um tumor maligno na garganta.

Hugo recebe uma proposta para ir jogar para o Futebol Clube do Porto, mas tem de abdicar de dar treinos ao Nortágua, que deixa à responsabilidade de Nora, filha de Diamantino. Luísa, a filha da nova treinadora, tem um fraquinho por Pedro, atleta de

natação do CAC e o rosto da nova campanha publicitária da escola de condução Na Via, e encontra-o, pela primeira vez, no clube nortenho a competir numa prova.

Emília mantém-se irredutível, no que diz respeito a autorizar a retoma dos treinos da equipa lisboeta de polo aquático, mas Vânia, atleta de natação e a grande paixão não correspondida de Quim, o empregado de limpeza, convence-o a emprestar as chaves do pavilhão a Sebastião para que ele possa treinar durante a madrugada. Bruna persiste em querer divulgar as injustiças vividas no clube na rádio Penalti, mas Rita não acede ao pedido da jornalista.

EPISÓDIO 29

Luísa raptou Gisela, mas não sofre consequências, por isso, Gisela sente-se na obrigação de fazer justiça pelas próprias mãos e arranja conflito com a jogadora do Nortágua durante um jogo. Gisela e Luísa são separadas por Carlota, que acaba de terminar a relação com Hugo por estar cansada de fazer de *baby-sitter* dele no que diz respeito ao consumo de erva.

Gisela encontra um documento que mostra a diferença do financiamento entre natação e polo aquático e que pode levar Emília a deixar as atletas de polo aquático voltarem a treinar, depois de as ter apanhado na piscina durante a madrugada. Emília é também a responsável por lançar uma praga de “insetos de balneário” em casa de Zélia, a mãe dela, para afugentar a cuidadora, Vânia, que se desconfia estar a viver na herdade.

Fernanda recebe a visita da ASAE no seu SPA por causa de comercializar produtos de higiene fabricados à base de canábis. Xavier, o irmão de Hugo que tanto namoriska com Carlota como puxa a asa para Bruna, que não confia nele; Xavier tenta beijar Carlota mas ela afasta-se; depois de Hugo, Carlota ainda não se sente pronta para estar numa relação íntima com alguém.

EPISÓDIO 39

Quando o sobrinho de Tiago, Pedro, aparece no “escritório” do tio com um jornal desportivo, Tiago identifica uma das notícias como sendo sua, embora apareça assinada como se fosse da autoria de Rita Candeias, a chefe da redação da rádio Penalti.

Bruna realiza uma entrevista a Luísa sobre a experiência da atleta no clube espanhol, na qual se percebe uma distinção clara entre o amadorismo do polo aquático português e a profissionalização da modalidade em Espanha.

Quim, o neto de Zélia, paga a uma prostituta para vir falar com ele a casa da avó e Zélia acaba por convidá-la para jantar, pensando ser uma amiga “moderna” do neto. Gisela tem um ataque epilético no chuveiro e é acudida por Carlota.

EPISÓDIO 45

Gisela marca uma consulta com um neurologista de medicina integrativa no Porto, que recomenda que ela interrompa os treinos dentro de água. No hospital, Gisela vê Carlota a entrar num serviço especial para pessoas transgénero. Pedro quer revelar a descoberta que fez no clube espanhol com o mundo, mas Luísa pede-lhe para que ele guarde segredo, em prole de garantir a possibilidade da namorada se tornar capitã da equipa do Nortágua. Fernanda faz as pazes com Rita, depois de assistir ao polémico direto em que se revela o aspeto cancerígeno da jornalista.

Bruna promove um debate entre Nora e Sebastião sobre a venda de bilhetes como forma de promover o desenvolvimento do polo aquático em Portugal. O debate é interrompido por um furo jornalístico – Hugo é encontrado por Judite dentro do Alzira, o carro da escola de condução estacionado num descampado.

EPISÓDIO 49

O clube nortenho acaba de ser vandalizado e Nora, que tinha ido fazer uma vistoria ao local, é insultada à saída do pavilhão e atingida por ovos e farinha. Kelly, a diretora da escola de condução, escolta a treinadora dentro do seu carro; Nora reconhece a orelha da touca de polo aquático que Luísa recebeu quando era criança, e que, quando se partiu, foi oferecida a Kelly que o colou como pêndulo do retrovisor da viatura.

As atletas do Nortágua começam a treinar na Praia Fluvial de Crestuma (rio Douro) e Pablo surge como a única solução para a restauração das históricas piscinas nortenhas. Por outro lado, CAC vive o seu apogeu, com um patrocínio da escola de condução que possibilitou a produção de equipamentos para toda a equipa, algo que deixa Emília muito invejosa.

Bruna quer publicar uma galeria de fotografias com o novo logotipo da sua equipa, mas carece da autorização de Rita que não se encontra no escritório. Pablo visita Rita no hospital para lhe anunciar, cinicamente, que já comprou o clube nortenho; Rita garante a Pablo que ele ainda se irá arrepender do que fez. Quando Fernanda entra no quarto de Rita para a ir buscar, Rita já está morta.

EPISÓDIO 59

Bruna e Tiago encontram um exemplar da edição 1378, que apresenta uma notícia sobre Rita Candeias, a atleta de polo aquático que sofreu um aborto espontâneo dentro de água, devido à negligência técnica de Pablo, o seu treinador. Luísa reconhece a mancha de nascença que Carlota como pertencendo a Manuel, o atleta espanhol que tinha desaparecido, e revela a Nora que a atleta em questão é transsexual. Álvaro vai contra a sua palavra e recusa-se a assinar os papéis de Tiago para obter a carteira de jornalista.

EPISÓDIO 89

Bruna regressa de uma escapadinha romântica com o namorado, Xavier, e passa a assumir o lugar de Álvaro na redação; o antigo jornalista é preso e escreve uma carta de amor a Rita na prisão. Quim é internado num hospital psiquiátrico, devido ao seu estado mental, altamente danificado depois de assistir à morte de Hugo e ao excesso de dopamina. Kelly provoca um acidente de viação, na tentativa de se suicidar para não ser responsabilizada pela morte de Diamantino, mas acaba por não conseguir e fica paraplégica e aos cuidados da mãe, Zélia. Pedro pede Luísa em casamento e Bruna é chamada para entrevistar Judite, a propósito do seu novo disco para crianças. Judite esquece-se da carteira no estúdio e Bruna entrega-lha; enquanto corre na sua direção, a jornalista deixa cair a fotografia de duas crianças – Bruna e Luísa – de uma das bolsas.

POTENCIALIDADES TRANSMEDIA

CANAL YOUTUBE “AO VOLANTE COM A AVÓ ZÉLIA”

Numa altura em que Zélia é afastada da escola de condução por Kelly, ela abre um canal no Youtube para dar dicas de condução aos alunos. São momentos cómicos em que ela, alheada das tecnologias, se tenta integrar neste novo meio, na tentativa de provar a si mesma e aos outros que se consegue modernizar e, conseqüentemente, assumir o cargo de diretora da escola. A “avó Zélia” é uma referência dos alunos da escola de condução, fenómeno que deixa Kelly muito irritada.

AS PEÇAS JORNALÍSTICAS DE BRUNA

Breves, notícias, entrevistas, reportagens ou galerias de fotografias; são vários os géneros jornalísticos utilizados por Bruna para convencer Rita a noticiar o polo aquático. De modo a promover o conhecimento sobre a modalidade, este projeto abre espaço não só à apresentação dessas peças ficcionais numa plataforma digital, mas também a sua extrapolação para a vida real, com a realização de notícias ou entrevistas sobre elementos emblemáticos e emergentes do polo aquático português.

Conclusão

Com o objetivo de compreender as razões pelas quais o polo aquático, um desporto com um número de atletas considerável, não merece atenção mediática, procedeu-se à análise de talhada dos métodos de produção jornalística, procurou-se perceber qual é a construção da realidade do polo aquático que é elaborada pelos órgãos de jornalismo desportivo e, por fim, apresentou-se uma proposta de telenovela como um caminho possível para promover o conhecimento sobre a modalidade em questão junto dos portugueses.

Os valores-notícia, presentes ao longo de toda a cadeia de produção jornalística, permitem ancorar acontecimentos da sociedade a códigos culturais da mesma, facilitando a construção de notícias. Quanto mais valores-notícia forem possíveis de associar a um acontecimento, maior é a probabilidade de ser noticiado. No caso do polo aquático, e tendo em conta a análise quantitativa das notícias sobre a modalidade, conclui-se que o que move os jornalistas a noticiarem polo aquático não é a participação portuguesa em campeonatos internacionais, mas sim a existência de valores-notícia como a “morte” ou a “infração”.

Do ponto de vista dos jornalistas desportivos nacionais, e como conclusão das entrevistas realizadas no âmbito desta investigação, há um desconhecimento daquilo que acontece no polo aquático português e que leva a uma escassez de notícias sobre a modalidade nos principais órgãos de jornalismo desportivo do país. Por outro lado, conforme relatado por Cipriano Lucas da Federação Portuguesa de Natação, a referência mediática ao polo aquático acontece, frequentemente, via imprensa regional. Da análise quantitativa resulta ainda que há uma preferência por competições masculinas de polo aquático, em detrimento das femininas (hipótese 3), assim como uma maior aposta na referência a campeonatos nacionais do que a campeonatos europeus de polo aquático (hipótese 4).

Como resultado dos fatores apresentados, os três grandes meios de comunicação desportivos (*A Bola*, *O Jogo* e *Record*) não produziram notícias sobre a realização do World Aquatics Women's U20 Water Polo Championships 2023, em Portugal, no Complexo de Piscinas Olímpicas de Coimbra, entre os dias 8 e 15 de setembro, na qual irá competir a seleção portuguesa feminina de sub20. Pelo contrário, o *Diário das Beiras*

divulgou uma peça a respeito deste acontecimento. Torna-se pertinente explorar, em futuras investigações, como se processa a construção destas notícias nas imprensas desportivas regionais, sobretudo nas zonas do país que possuem uma Associação de Natação ou os complexos de piscina mais relevantes de Portugal.

Da mesma forma que a cobertura mediática do polo aquático não é uniforme em todas as regiões do país, ela também não o é em todos os países. A análise de diferentes órgãos de jornalismo desportivo europeus permite concluir que o número de peças jornalísticas produzidas não varia consoante a realização de campeonatos internacionais no país, nem com o número de vitórias nessas competições, mas que poderá ser influenciado pelo papel que o polo aquático desempenha na cultura dos países em que estas redações se inserem (hipótese 5). Morais (2012) afirma que “(...) reconhecer todas as diferentes culturas e dar-lhes relevância, em termos mediáticos, é, à partida, uma solução pouco rentável do ponto de vista financeiro de um negócio que procura a maior audiência possível” (Morais, 2012, p. 23), o que leva a crer que, tendo em conta a atenção mediática atribuída ao polo aquático, esta não é uma modalidade intrínseca à cultura portuguesa.

O aumento de notícias a respeito do polo aquático não significa um crescimento proporcional do conhecimento dos portugueses sobre a modalidade, nem induz uma maior relevância deste desporto para a cultura portuguesa. De acordo com a reflexão de Rodrigues (2003) sobre os códigos de referências partilhados entre os leitores e jornalistas, “o facto de partirem da pressuposição de que os leitores possuem todo um conjunto de conhecimentos que não possuímos torna relativamente incompreensível a própria descrição da realidade relatada.” (p.28). Esta afirmação revela que, para a compreensão do polo aquático no jornalismo, numa primeira instância, seria necessário fornecer ao leitor uma maior contextualização para que os acontecimentos pudessem ser compreendidos, trabalho a que, como revelaram profissionais da área durante as entrevistas realizadas no âmbito desta investigação, o jornalismo não se consegue dedicar, neste momento.

A ficção assume-se como um caminho possível para colmatar este défice de códigos associados ao polo aquático, promovendo uma maior compreensão das notícias que são produzidas a respeito da modalidade na comunicação social. Tendo em conta o seu papel de *agenda setting* e de instrumento para mercar temáticas e questões sociais

através do *merchandising social*, bem como a forte adesão que continua a ter junto dos portugueses, tal como demonstrado pelos dados, a telenovela assume-se como o produto de ficção indicado para o efeito.

Este estudo contribui assim para compreender os motivos que levam à quase inexistente presença mediática do polo aquático na imprensa desportiva, apresenta um projeto que promove o conhecimento da modalidade, mas também pretende servir de âncora para a concretização de outras investigações no âmbito deste desporto.

Além dos caminhos possíveis para futuras pesquisas, apresentados ao longo deste capítulo, insurge ainda a vontade de compreender quais os fatores que estiveram subjacentes ao pico de cobertura mediática do polo aquático, verificado em setembro de 2019, bem como explorar as sinergias entre jornalismo e telenovela, estabelecendo uma relação entre os temas abordados ao longo dos episódios e as notícias apresentadas no telejornal da noite desse mesmo canal.

Bibliografia

Alves, C. (2012). Dimensões da telenovela em Portugal. *Comunicação & Educação*, nº2 pp. 137-143

Amaral, S; Cardoso, G; Espanha, R. (2006). As rádios portuguesas e o desafio do (on)line. *OberCom Investigação e Saber em Comunicação*

Ambrósio, M; Gavirati, V; Siqueira, G. (2015). A representação do jornalista em produtos audiovisuais. *Revista Tropos: Comunicação, Sociedade e Cultura*

Andrade, R. (2002). Telenovelas e redes de sociabilidades. *Novos Olhares*, nº.10, pp. 14 – 20

Aquino, Z. et. al. (2015). *A multidisciplinaridade nos estudos discursivos*. Paulistana editora

Barata, O. (1994). *Ciências Sociais*. Lisboa, ISCSP Editora

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Edições 70.

Bartholo, T; Soares, A. (2006). A transformação do Tênis em fenómeno midiático no Brasil a partir de Guga. *Esporte e Sociedade*, nº2

Berger, P; Luckmann, T. (2004). *A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento*. Editora Vozes, 24ª Edição

Bianco, N. (2008). *Remediação do radiojornalismo na era da informação*. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Bonixe, L. (2010). A migração das rádios locais portuguesas para o digital – desafios e potencialidades. Instituto Politécnico de Portalegre.

Bonixe, L. (2010). Usos e desusos da rádio informativa nas redes sociais – o caso da cobertura da visita de Bento XVI. *PRISMA.COM* nº12 – Especial Ciberjornalismo. pp. 136 – 156

Bonixe, L. (2011). Jornalismo radiofónico e Internet – Um estudo da evolução do uso das potencialidades online nas notícias dos sites da rádio. *Comunicação e Sociedade*, vol. 20, pp. 29 – 41

- Bonixe, L. (2016). Percursos da formação superior do jornalismo radiofónico em Portugal. *Media & Jornalismo*, pp. 16, 39 – 53
- Bonixe, L. (2019). As rádios locais em Portugal – da génese ao online: contexto e prática do jornalismo de proximidade. Livros ICNOVA – Instituto de Comunicação da Nova
- Borela, S. (2020). A configuração narrativa do jornalismo: perspectivas e potencialidades. 18º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.
- Brandão, F. (2022). Quadrinhos do personagem *Rango* de Edgar Vasques na revista *O Pasquim*: Uma representação socioeconómica populacional do Brasil em 1974. Universidade de Brasília.
- Brooks, P. (1995). *The Melodramatic Imagination*. Yale University Press, New Haven and London
- Bruin, M. (2014). Gender and newsroom cultures. Pp 41 - 46
- Bruin, M. (2000). Gender, organizational and professional identities in journalism. *Journalism*
- Burnay, C. (2005). A telenovela e o público: uma relação escondida. *Media & Jornalismo*, pp. 95 – 110
- Burnay, C. (2006). Identidade e identidades na ficção televisiva nacional 2000 – 2006. *Comunicação e Cultura*, nº1, pp. 57 – 71
- Cabral, A. (2008). A edição não linear digital e a construção da notícia no telejornalismo contemporâneo. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
- CAEM/MediaMonitor - dados retirados da YUMI Analytics Desktop
- Campos, C. (2003). Manual de Radiojornalismo. Cadernos da Comunicação Série Estudos. Secretaria Especial de Comunicação Social
- Canelas, C. (2010). Os processos de produção de conteúdos noticiosos diários da RTP na era da convergência jornalística.

Canelas, C; Abreu, J; Godinho, J. (2017). A produção, difusão e recepção de conteúdos telejornalísticos na era da convergência digital. *Revista Interamericana de Comunicação Midiática*, vol. 16 nº 31, pp. 22-37

Cardoso, D. (2015). *Produção jornalística: a construção da realidade*.

Castanheira, K; Gomes, M. (2008). O aproveitamento de obras literárias na composição de audiovisuais. IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste – Dourados – 5 a 7 junho de 2008

Castro, D. (2014). Agenda-setting: hipótese ou teoria? Análise da trajetória do modelo de Agendamento ancorado nos conceitos Imre Lakatos. *UFRGS*, nº31

Cerqueira, C *et al.* (2014). De outro género: propostas para a promoção de um jornalismo mais inclusivo. Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS). Universidade do Minho

Coelho, J. (2004). “Vestir a camisola” – jornalismo desportivo e a seleção nacional de futebol. *Media & Jornalismo*, pp. 27-39

Cordeiro, P. (2004). A rádio de modelo multimidiático e os jovens: a convergência entre o FM e a Internet em 2004. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*

Cordeiro, P. (2004). A Rádio em Portugal: um pouco de história e perspetivas de evolução. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*

Cordeiro, P. (2005). Rádios temáticas: perfil da informação radiofónica em Portugal. O caso da TSF. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*

Cordeiro, P. (2005). Rádios temáticas: perfil da informação radiofónica em Portugal. O caso da TSF. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*

Cordeiro, P. (2006). O ouvinte em linha e a interactividade na rádio de público jovem: O programa “Prova Oral” na Antena 3. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*

Cordeiro, P. (2012). From Radio to R@dio: broadcasting in the 21st century. *Radio Evolution: Conference Proceedings*

Correia, J. (2011). *O Admirável Mundo das Notícias – Teorias e Métodos*. LabCom Books

Correia, J. (2011). Reflexões sobre métodos de pesquisa em jornalismo e sua articulação com a avaliação crítica e normativa: uma proposta baseada em «estudo de caso». Trabalho apresentado no GT – Jornalismo e Sociedade do VII Congresso SOPCOM, realizado de 15 a 17 de Dezembro de 2011

Costa, J. (2002). Telenovela (Origem, evolução e genealogias de um modo de produção). Artigos Caleidoscópico

Coutinho, I. (2000). A aplicação da Agenda Setting em conteúdos ficcionais: notas sobre o papel das telenovelas na constituição da pauta do telejornalismo

Cunha, I. (2003). A revolução da Gabriela: o ano de 1977 em Portugal. pp. 39 – 73

Damásio, M; Costa, J. (2018). A telenovela como lugar de memória: a telenovela portuguesa como representação social. Rev. Memorare, v.5, nº3, pp. 231 – 256

Desporto em números – 2020. Instituto Nacional de Estatística

Esteves, J. (2009). A Excelência do Treinador de Futebol – Uma análise centrada na perceção de Treinadores e de Jornalistas Desportivos. Faculdade de Desporto da Universidade do Porto

Fernandes, A. (2000). Televisão do público: um estudo sobre a realidade portuguesa. Sociologia, problemas e práticas, nº 32, pp. 117 – 145

Ferreira, R. (2006). Do discurso frankfurtiano ao do Nesmaking: a construção simbólica do jornalismo no cinema. pp. 139 -148

Ferreira, R. (2010). A experiência da audiência das telenovelas em Portugal: um modelo a partir da teoria fundamentada em dados. FCSH – UNL, Tese de Doutoramento

Flores, R. (2004). Quando o jornalista vira torcedor, como fica a cobertura esportiva? Mediação, Belo Horizonte, nº4, pp. 65 – 71

Franks, S. and O'Neill, D. (2016). Women reporting sport: Still a man's game?. Journalism, 17(4), pp. 474-492

Gama, R; Dadalto, M. (2009). A notícia como construção social do universo jornalístico. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Godinho, F. (2005). Caracterização do pólo aquático em Portugal: O mini-pólo como contributo para o desenvolvimento estratégico da modalidade. Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto

Góes, L. (2019). O papel do humor na imprensa popular e no teatro de revista no Rio de Janeiro finissecular. *Diacrítica – Revista do centro de estudos humanísticos*, vol. 33, pp. 103-112.

Gomes, V. (2013). O jornalista enquanto herói: uma proposta para análise das representações do jornalismo no cinema. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, vol. 10 nº1, pp. 85-102

Gomes, V. (2013). O jornalista enquanto herói: uma proposta para análise das representações do jornalismo no cinema. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, vol. 10, nº1, pp. 85 – 102

Guerreiro, A. (2019). Telenovela e audiências: o que dizem os números?. Universidade Católica Portuguesa.

Harcup, T. & O’Neil, D. (2016). What is news? *Journalism Studies*

Hayward, J. (1992). “Day after Tomorrow”: Audience Interaction and Soap Opera Production. *Cultural Critique*, No. 23, pp. 83 – 109

Hayward, J. (2015). “Day after Tomorrow”: Audience Interaction and Soap Opera Production. *Cultural Critique*, No. 23, pp. 83-109

Herreros, M. (2011). O rádio no contexto da comunicação multiplataforma. *Rádio-Leituras*, pp. 69 – 105

Jorge, A. (2011). Celebridades e jovens: de recursos para a literacia mediática à literacia para o consumo. *ReserachGate*

Lloret, M. (1998). *Waterpolo: técnica, táctica, estratégia*. Madrid, Gymnos Editorial.

Lobo, P; Silveirinha, M; Silva, M; Subtil, F. (2017). “In journalism, we are all men”: material voices in the production of gender meanings. *Repositório da Universidade Nova de Lisboa*.

- Lopes, F; Pereira, S. (2006). A TV do futebol. Campo das Letras – Editores, S.A.
Comunicação e Sociedade
- Lopes, J. (1989). Estudo histórico da introdução, desenvolvimento e desaparecimento do pólo aquático em Portugal no período compreendido entre 1907-1952. Desporto e Sociedade, nº. 116.
- Lopes, J. (2015). Telenovelas: origens, evolução e aspetos comerciais. Sessões do Imaginário, vol. 20, n. 34
- Lopes, M. (2010). A telenovela como narrativa da nação. Para uma experiência metodológica em comunidade virtual. ResearchGate
- Lopes, M. (2010). Ficção televisiva e identidade cultural da nação. ALCEU, v. 10, n. 20, pp. 5 – 15
- Lopes, M. et al. (2021). OBITEL 2021 Ficção Televisiva Ibero-Americana em Tempos de Pandemia. Ediciones UC
- Magalhães, S; Alvarez, T. (2014). Mulheres e Media. Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres.
- Marroquim, R. (2010). Jornalismo e construção social da realidade: o despertar do acontecimento e a composição da notícia. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
- Martinez, M. (2008). Jornada do Herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. SP, Brasil. Annablume Editora.
- Martins, C. & Cerqueira, C. (2018). As jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. Estudos em Comunicação nº26, vol. 1, 1-17. Universidade Lusófona do Porto
- Martins, C. & Cerqueira, C. (2018). As jornalistas de desporto em Portugal: minoritárias e com pouco poder. Estudos em Comunicação, nº26, vol. 1, pp. 1 – 17
- Mazziotti, N. (2007). Telenovela: industria y prácticas sociales. Colección Enciclopedia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación dirigida por Aníbal Ford

McCombs M; Shaw D. (2015). The agenda-setting function of mass media. University of North Carolina at Chapel Hill

McCombs, M. (2011). The Agenda-Setting role of the mass media in the shapping of public opinion. ResearchGate

McNair, B. (2010). Journalists in film – Heroes and Villains. Edinburgh University Press Ltd

Medeiros, A. (2005). A telenovela, o telejornal e o interesse humano.

Meditich, E. (1997). A nova era do rádio: o discurso do radiojornalismo enquanto produto intelectual eletrônico. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Meditich, E. (2008). O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Meditich, E; Ribeiro, Â. (2008). O futuro no passado: o rádio e a TV digitais na contramão da webmergência. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Mendonça, R; Temer, A. (2015). A agenda setting: os meios de comunicação como construtores da realidade social. Comunicação & Informação, vol. 18, nº1, pp. 192 – 207

Meneses, J. (2007). Internet: possibilidades e ameaças para a rádio musical. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Meneses, J. (2016). Jornalismo Radiofónico. CECS – Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade. Universidade do Minho

Menezes, J. (2010). A rádio em crise antes da crise provocada pela Internet. Observatorio Journal, vol. 4 – nº1, pp. 001 – 024

Merino, F. (2017). Television in Portugal (2000-2016): the curious case of Portuguese fiction. Comunicación y Medios nº35

Mesquita, M. (2004). O quarto equívoco – o poder dos media na sociedade contemporânea. Minerva Coimbra

Monteiro, P. (2003). Ficções. Revista de Comunicação e Linguagens, nº. 32. Lisboa, Relógio D'Água Editoras.

Morais, M. (2012). Pluralismo e diversidade nos media em Portugal – A blogosfera política em rede. Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação. Universidade do Minho

Motta, L. (2004). Jornalismo e configuração narrativa da história do presente. *Contracampo* 12, pp. 23-50.

Nunes, A. (1987). Questões preliminares sobre as ciências sociais. Lisboa, Editorial Presença.

Nunes, P. et. al. (2017). Rotinas do jornalismo no cinema. Coleção Jornalismo em sala de aula

Nunes, R. (2005). Notícia digital: processos de construção. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Oliveira, A; Schneider, G. (2015). A representação do jornalismo no seriado *The Newsroom*. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Oliveira, P; Nogueira, D; Reis, T. (2010). Jornalismo no cinema: Uma representação do fazer e ser jornalista. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação

Oliveira, R. (2009). Cinema educativo e construção social da realidade: criando identidades através da leitura e da escrita do mundo com o audiovisual. Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia. Universidade do Minho

Oselame, M. (2016). Fim da notícia: o “engraçadismo” no campo do jornalismo esportivo de televisão. *Sessões do Imaginario*, vol. 20, n. 34

Paiva, C. (2005). Os jornalistas, os jornais e outros mídias no cinema: um estudo sobre ética e representação na arte cinematográfica. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação

Pereira, F. (2004). A produção jornalística na internet e a construção da identidade profissional do webjornalista. Anais do V Congresso Iberoamericano de Periodismo en Internet

- Pinheiro, C. (1996). Os media e o desporto: análise dos géneros masculino e feminino nos jornais desportivos. II Congresso português de sociologia. Associação Portuguesa de Sociologia
- Pinheiro, F. (2009). História da Imprensa Periódica Desportiva Portuguesa (1875 – 2000). Universidade de Évora
- Pinheiro, F; Marín-mOntín, J. (2019). Media, comunicação e desporto. Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público
- Pinto, M. (2000). Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo. Comunicação e Sociedade 2, Cadernos do Noroeste, Série Comunicação, 14 (1-2): 277-294
- Rabinovitz, L. (1989). Sitcoms and Single Moms: Representations of Feminism on American TV. Cinema Journal, Autumn, vol. 29, No. 1, pp. 3 – 19
- Reis, I. (2011). A reconfiguração da temporalidade da rádio na era da Internet. Comunicação e Sociedade, vol. 20, pp. 13 – 28
- Ribeiro, N. (2010). A emergência da rádio e a vulgarização do entretenimento no lar. Comunicação & Cultura, nº10, pp. 115 – 131
- Ribeiro, V. (2014). O peso do Press Release no processo de produção de notícias. Universidade do Porto
- Ricoeur, P. (1994). Tempo e narrativa (tomo 1) – tradução Constança Marcondes Cesar – Campinas, SP. Papyrus Editora.
- Rocha, N. (1983). Jornalismo como romance – pessoas e paisagens. Lisboa, Nova Nordica.
- Rocha, P; Noronha, M. (2016). As especificidades da apuração no processo de produção da reportagem. Estudos em Comunicação nº23, pp. 171 – 193
- Rodrigues, A. (1993). O acontecimento *in* Traquina, N. Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”. Lisboa, Vega Editora.
- Sattlecker, G; Müller, E; Dimitriou, M. (2007). Sport on air without women – the representation of female athletes in the sports coverage. ResearchGate

- Schoch, L; Ohl, F. (2011). Women Sports Journalists in Switzerland: Between Assignment and Negotiation of Roles. *Sociology of Sport Journal*, 28, pp. 189 – 208
- Silva, I; Wunsch, V. (2022). Uma análise d'O Pasquim: As convergências com a obra o Riso Redentor de Peter Berger. ResearchGate.
- Silva, M; Neto, L. (2021). Jornalismo, socialismo e humor: lugares e saberes de Raimundo Pereira e Ziraldo na imprensa alternativa brasileira durante a ditadura militar. *Tríade comunicação, cultura e mídia*, v.9, nº. 21, pp. 123-149.
- Silva, R. (2012). Agendamento intermediático na era do cidadão produtor de conteúdos. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*
- Silva, S. (2010). Mulheres e feminilidade em culturas ocupacionais de hegemonia masculina. pp. 293 – 332
- Silveira, P; Marôpo, L. (2014). Jornalismo e construção social da realidade: um contributo para o debate teórico. *Revista Comunicando*, Vol. 3
- Silveirinha, M. (2009). Apresentação: De como tanto mudou e como tanto ficou na mesma. *Media & Jornalismo* nº. 15, pp. 7 – 11. Coimbra, Minerva Ediotra.
- Silveirinha, M. (2017). Mulheres e media. *Meida & Jornalismo*, nº30, vol. 17, nº1
- Subtil, F. (2000). As mulheres jornalistas. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*
- Tavares, F. (2009). O jornalismo especializado e a especialização periodística. *Estudos em Comunicação* nº5, pp. 115 – 133
- Tiesler, N; Coelho, J. (2005). O paradoxo do jogo português: a omnipresença do futebol e a ausência de espectadores dos estádios. pp. 519 -551
- Tilburg, J. (2002). A Telenovela – instrumento de educação permanente. *Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação*
- Torres, E. (2015). *Telenovela, Indústria e Cultura*, Lda. Lisboa, Fundação Francisco Manuel dos Santos.

- Torres, M. (2008). Cultura light televisiva: o fenómeno da telenovela. *Comunicação & Cultura*, nº6, pp. 67 – 80
- Torrijos, J. (2012). La futbolización de la información deportiva – un estudio de casos de cuatro diários desportivos europeos. *Comunicação & Cultura*, nº 13, pp. 77 – 95
- Torrijos, J. (2012). La futbolización de la información deportiva: Un estudio de casos de cuatro diários desportivos europeos. *Comunicação & Cultura*, nº13, pp. 77 – 95
- Traquina, N. (1993). *Jornalismo: Questões, Teorias e “Estórias”*. Lisboa, Vega Editora.
- Traquina, N. (2002). *O que é jornalismo*. Lisboa, Quimera Editora
- Traquina, N. (2004). *A tribo jornalística – uma comunidade transnacional*. Media & Sociedade. Lisboa: Editorial Notícias.
- Traquina, N.; Cabrera, A.; Ponte, C. & Santos, R. (2001). *O jornalismo português em análise de casos*. Lisboa, Editorial Caminho.
- Tuchman, G. (1978). *Making News, a study in the construction of reality*. The Free Press.
- Wagg, S. (2006). «Anjos de todos nós?» Os treinadores de futebol, a globalização e as políticas de celebridade, in *Análise social*, vol. XLI, pp. 347 – 369
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*, Lisboa, Editorial Presença.